



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

Rodrigo Nogueira Machado

**O PROCESSO DE EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NA LIBRAS: MODALIDADES
E CATEGORIZAÇÃO**

MACEIÓ – AL
2022

RODRIGO NOGUEIRA MACHADO

**O PROCESSO DE EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NA LIBRAS: MODALIDADES
E CATEGORIZAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva.
Coorientador: Prof. Dr. Christian Rathmann.

MACEIÓ – AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

- M149p Machado, Rodrigo Nogueira.
O processo de empréstimos lingüísticos na libras : modalidades e categorização /
Rodrigo Nogueira Machado. – 2022.
188 f. : il.
- Orientador: Jair Barbosa da Silva.
Coorientador: Christian Rathmann.
Tese (doutorado em Linguística e Literatura : Linguística) – Universidade Federal
de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e
Literatura. Maceió, 2022.
- Bibliografia: f. 181-187.
Anexos: f. 188.
1. Contato lingüístico. 2. Empréstimos lingüísticos. 3. Modalidades. 4. Libras.
5. Língua portuguesa. I. Título.

CDU: 81'221.24

Dedico esta tese ao meu filho Arthur.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, por minha capacidade de luta nos momentos difíceis e por me ensinar a amar os semelhantes.

Aos meus queridos e amados pais, Antônio Almeida Machado (*in memoriam*) e Maria Aldenora Nogueira Machado, que me ensinaram a lutar por minhas conquistas, pelo incentivo e pela confiança em mim depositados.

Ao meu filho, Arthur, por compreender minha ausência e por me abraçar nos dias em que mais necessitei.

À minha esposa, Vanessa Lima Vidal Machado, pelo companheirismo, paciência, carinho, amor e compreensão, principalmente nos momentos em que estive ausente.

À minha tia querida Rita Cassia Nogueira e à querida Maria das Dores Farias de Oliveira, pelo cuidado, zelo, carinho e afeto em mim depositados sempre.

Aos meus familiares e amigos, que, embora muitas vezes não compreendessem o motivo de tanto estudo, acreditaram em mim.

Aos colegas do Departamento de Letras-Libras e Estudos Surdos/DELLES, Centro de Humanidades (CH) da Universidade Federal do Ceará (UFC), que me apoiaram e incentivaram meu estudo, permitindo o meu afastamento.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pela oportunidade e acolhida aos três primeiros doutorandos surdos do programa: Bernardo Luís Torres Klimsa, Vanessa Lima Vidal Machado e o autor desta tese, Rodrigo Nogueira Machado, sob a orientação do Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva.

À Universidade de Humboldt, Berlim, pela oportunidade de cursar disciplinas, intercambiar as pesquisas internacionais e disponibilizar materiais para o melhor desenvolvimento da minha pesquisa.

Ao Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), que disponibilizou a bolsa de estudo Doutorado-Sanduíche para estudar por nove meses na Universidade de Humboldt, em Berlim, na Alemanha.

Ao meu orientador, Professor Dr. Jair Barbosa da Silva, meu pai acadêmico, que estimulou os meus estudos e, com muita sabedoria, trouxe-me à tona novos caminhos para a construção desta pesquisa, tornando possível realizar este trabalho. Pela paciência nos momentos bem difíceis durante a pandemia e por, de

modo firme e parceiro, ter apoiado meu projeto acadêmico e de vida para me tornar doutor.

Ao meu coorientador, Professor Dr. Christian Rathmann, por aceitar a coorientação da tese, contribuindo de forma efetiva para o desenvolvimento da pesquisa, sobretudo quando da minha estada em Berlim, no período do sanduíche, na Universidade de Humboldt.

À Professora Dra. Ronice Müller de Quadros, minha eterna orientadora (do mestrado e da vida), a quem agradeço pelos primeiros passos na pesquisa e pelo trabalho que tem feito, há décadas, na área de Linguística da Libras, incluindo-se aí a elaboração do *Corpus da Libras*, banco de dados de onde foram extraídos os dados desta pesquisa.

Aos meus amigos e tradutores Patrícia Araújo Vieira, Mariana Farias Lima e Jonathan Sousa de Oliveira, os quais não mediram esforços para traduzir a minha tese, com muito zelo, responsabilidade e sempre procurando as melhores estratégias tradutórias, a fim de ajustar minha tese ao gênero científico exigido. A vocês meu mais sincero agradecimento e afeto, pois a colaboração de vocês em todo o processo foi essencial para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Ao Professor Me. Rundesth Saboia por sua gentil contribuição com a escrita de sinais dos dados da tese. Gratidão.

Ao Professor Me. Christian Peters por sua gentil contribuição com a tradução para DGS (Língua de Sinais Alemã) do resumo da tese. Gratidão.

Ao Professor Dr. André Nogueira Xavier, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Paraná (UFPR), por ter discutido e dialogado com alunos da disciplina Tópicos em Linguística das Línguas de Sinais sobre a minha pesquisa, além de ter disponibilizado materiais para estudo.

Em nome dos participantes da pesquisa Ana Regina, Antônio Campos, André Reichert, Flaviane Reis, Giselle Carvalho, Jackson Vale, Marianne Stumpf, Messias Costa, Priscilla Leonor, Rimar Segala, Simone Patrícia e Thiago Albuquerque, agradeço à Comunidade Surda Brasileira, da qual faço parte, pelo patrimônio histórico-cultural-linguístico que vem sendo legado por séculos aos surdos brasileiros: a Libras.

Aos professores da banca examinadora, Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins, Dr. Paulo Rogério Stella, Dra. Ronice Muller de Quadros, Dra. Sandra Patrícia de Faria

do Nascimento, Dr. Tarcísio de Arantes Leite e Dra. Liona Paulus, pela leitura cuidadosa e contribuições para o melhoramento da tese.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho, minha sincera gratidão!

RESUMO



Para assistir ao vídeo “Resumo da minha tese de doutorado” em Libras, acesse ou clique este QR Code.

Este trabalho tem como objetivo descrever as diversas modalidades dos empréstimos linguísticos da Libras, com destaque para os empréstimos lexicais, ou seja, de unidades lexicais ocorridas entre língua falada, língua escrita, língua sinalizada e os gestos culturais em contato, a partir do estudo de modalidades de Meier (2004), Adam (2012), Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020) e Nascimento e Daroque (2019); e empréstimos linguísticos de Sutton-Spence e Woll (1999), Brentari e Padden (2001), Carvalho (2009), Faria-Nascimento (2009), Machado (2016), Pêgo (2021) e Segala (2021). Para transformar uma classificação de modalidades dos empréstimos linguísticos da Libras, foi necessário analisar dados extraídos do *Corpus de Libras dos Surdos de Referência*, procurando entender a influência de diversas modalidades desses empréstimos linguísticos na Libras. No Brasil, no que se refere aos estudos sobre empréstimos linguísticos na Libras, as pesquisas ainda são escassas. Em Machado (2016), investiguei, no léxico da Libras, as entradas de unidades lexicais de línguas de sinais estrangeiras, da mesma modalidade. Neste estudo, busco observar também a influência da língua falada, da língua escrita e dos gestos culturais, tendo como embasamento teórico os estudos acerca de Contatos Linguísticos. Como metodologia de pesquisa, foi feita uma comparação dos sinais encontrados nos vídeos do *Corpus de Libras dos Surdos de Referência* com sinais que circulam na sociedade por meio de dicionários impressos e *on-line* de outras línguas, além de sinais veiculados em textos acadêmicos relacionados aos estudos de empréstimos linguísticos, fazendo-se, posteriormente, a análise dos dados concernentes às unidades lexicais das modalidades investigadas: língua falada, língua escrita, língua sinalizada e gestos culturais. A metodologia deste estudo seguiu um processo de análise/transcrição do *Corpus* com o uso do *software ELAN*, a fim de identificar características no processo de formação/incorporação dos itens lexicais, buscando-se compreender as diversas modalidades de empréstimos linguísticos na Libras. Em síntese, os resultados mostram que o processo de empréstimos linguísticos na Libras é decorrente de diversas modalidades e se dá de forma plural, ou seja, fatores diferentes contribuem para a entrada de novos itens lexicais na língua. Trata-se de um campo de investigação ainda incipiente que necessita de mais pesquisas. O contato entre modalidades propicia os empréstimos, os quais foram categorizados e descritos na tese como fenômeno linguístico rico e multimodal.

Palavras-chave: Contato linguístico; empréstimos linguísticos; modalidades; Libras; língua portuguesa.

ABSTRACT



To watch the video "Summary of my doctoral thesis" in IntSL, access or click on this QR Code.

This work aims to describe the different modalities of linguistic borrowings in Libras, with emphasis on lexical borrowings, that is, lexical units that occur between spoken language, written language, signed language and cultural gestures in contact from the study of modalities of Meier (2004), Adam (2012), Quinto-Pozos and Adam (2015; 2020) and Nascimento and Daroque (2019); and linguistic borrowings from Brentari and Padden (2001), Carvalho (2009), Faria-Nascimento (2009), Machado (2016), Pêgo (2021) and Segala (2021). In order to transform a classification of modalities of linguistic borrowings from Libras, it was necessary to analyze data extracted from the *Corpus de Libras dos Surdos de Referência*, seeking to understand the influence of different modalities of these loans on Libras. In Brazil, with regard to studies on linguistic loans in Libras, research is still scarce. In Machado (2016), I investigated, in the Libras lexicon, the entries of lexical units of sign languages from foreign sign languages of the same modality. In this study, I also seek to observe the influence of written language, spoken language and gestures, having as theoretical basis studies about Linguistic Contacts. As a research methodology, a comparison was made of the signs found in the videos of the *Corpus de Libras dos Surdos de Referência* with the signs that circulate in society through printed and online dictionaries of other languages, in addition to signs conveyed in academic texts related to the study of linguistic borrowing, and then the analysis of the data concerning the lexical units of the investigated modalities: spoken language, written language, signed language and cultural gestures. The methodology of this study followed a process of *corpus* analysis/transcription with the use of ELAN software in order to identify characteristics in the process of formation/incorporation of lexical items, seeking to understand the various modalities of linguistic borrowing in Libras. In summary, the results show that the process of linguistic borrowing in Libras stems from several modalities and occurs in a plural way, i.e., different factors contribute to the entry of new lexical items in the language. This is a field of research still incipient that needs more research. The contact between modalities provides the loans, which were categorized and described in the thesis as a rich and multimodal linguistic phenomenon.

Keywords: Language contact; language borrowing; modalities; Libras; Portuguese language.

ZUSAMMENFASSUNG



Um sich das Video "Zusammenfassung der meiner Dissertation" in DGS anzusehen, bitte auf diesen QR Code klicken.

Ziel dieser Arbeit ist es, die verschiedenen Modalitäten sprachlicher Entlehnungen in Libras zu beschreiben, wobei der Schwerpunkt auf lexikalischen Entlehnungen liegt, d.h. auf lexikalische Einheiten, die im Kontakt zwischen gesprochener Sprache, geschriebener Sprache, gebärdeter Sprache und kulturellen Gesten auftreten, angelehnt an die Studien zu den Modalitäten von Meier (2004), Adam (2012), Quinto-Pozos und Adam (2015; 2020), Nascimento und Daroque (2019); und zu sprachlichen Entlehnungen von Brentari und Padden (2001), Carvalho (2009), Faria-Nascimento (2009), Machado (2016), Pêgo (2021) und Segala (2021). Da das Ziel ist, eine Klassifikation der Modalitäten der sprachlichen Entlehnungen in Libras zu erstellen, mussten Daten aus dem bestehenden *Corpus de Libras dos Surdos de Referência* analysiert werden. Auf diese Art und Weise beginnt man auch den Einfluss der verschiedenen Modalitäten auf die Entlehnungen in Libras zu verstehen. In Brasilien steckt die Forschung zu sprachlichen Entlehnungen in Libras noch in den Kinderschuhen. In der Studie von Machado (2016) wurde die Aufnahme von lexikalischen Einheiten in Gebärdensprachen aus fremden Gebärdensprachen in der visuell-gestischen Modalität untersucht. Dort wurde auch der Einfluss von Schriftsprache, Lautsprache und Gebärdensprache beobachtet, wobei weitere Studien zu Sprachkontakten berücksichtigt wurden. Als Forschungsmethode wurden die Gebärden in den Videos des *Corpus de Libras dos Surdos de Referência* mit den Gebärden in gedruckten Wörterbüchern und Online-Wörterbüchern anderer Sprachen verglichen. Ebenso wurden die Gebärden mit Gebärden, die in akademischen Texten veröffentlicht wurden, und mit kulturellen Gebärden verglichen. Die Daten wurden im Hinblick auf lexikalische Strukturen in bestimmten Modalitäten (gesprochen, geschrieben und gebärdet) untersucht. Die methodische Vorgehensweise dieser Studie folgte einem Prozess der Korpus-Transkription und -Analyse mit Hilfe der ELAN-Software. Es wurden Merkmale im Prozess der Bildung bzw. Aneignung lexikalischer Elemente identifiziert, mit dem Ziel, die Rolle der verschiedenen Modalitäten in Libras zu identifizieren. Zusammenfassend zeigen die Ergebnisse, dass der Prozess der sprachlichen Entlehnung in Libras auf mehreren Modalitäten beruht und auf mehreren Wegen abläuft, d.h. verschiedene Faktoren tragen zur Aufnahme neuer lexikalischer Elemente in das Lexikon bei. Dies ist ein Forschungsgebiet, das noch sehr jung ist und weiterer Untersuchungen bedarf. Der Kontakt zwischen den Sprachmodalitäten führt häufig zu lexikalischen Entlehnungen, die in der vorliegenden Arbeit als reichhaltiges und multimodales sprachliches Phänomen kategorisiert und beschrieben werden kann.

Schlüsselwörter: Sprachkontakt; Entlehnung; Modalität; Libras; Portugiesisch.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Abrangência de estudos em diversas áreas relacionadas de empréstimos linguísticos.....	23
Figura 2 –	A estrutura do léxico da ASL	42
Figura 3 –	Modalidades identificadas pelo empréstimo	53
Figura 4 –	<i>Frame</i> da interface <i>Elan</i> sobre transcrição de sinais e destaque das trilhas	80
Figura 5 –	Sinais não manuais ATO-SEXUAL e ATO-ROUBAR	97
Figura 6 –	Sinais manuais JÁ	100
Figura 7 –	Sinal de Palmas, capital de Tocantins	137
Figura 8 –	Sinal LÍNGUA.....	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Os seis tipos possíveis de contatos linguísticos.....	32
Quadro 2 –	As línguas de sinais encontradas no Brasil	35
Quadro 3 –	Quanto à origem.....	45
Quadro 4 –	Quanto à fase de adoção.....	46
Quadro 5 –	Quanto à forma de derivação.....	46
Quadro 6 –	Quanto à forma de adoção	47
Quadro 7 –	Quanto à sua função, intenção ou necessidade de uso	47
Quadro 8 –	Pesquisas de empréstimos linguísticos em Libras	48
Quadro 9 –	Modalidades de interação de várias línguas	54
Quadro 10 –	Modalidades de interação de contato linguístico unimodal.....	55
Quadro 11 –	Terminologia de ações-boca.....	57
Quadro 12 –	Classificação da articulação-boca quanto à semântica	58
Quadro 13 –	Tipologia de Ferreira (2010 [1995])	61
Quadro 14 –	Tipologia de Faria-Nascimento (2009).....	62
Quadro 15 –	Os empréstimos linguísticos por Machado (2016).....	65
Quadro 16 –	Lista de Surdos de Referência (informantes).....	73
Quadro 17 –	Informantes selecionados do <i>Corpus de Surdos de Referência</i>	74
Quadro 18 –	Identificação dos informantes por região	76
Quadro 19 –	Planejamento das trilhas dos Empréstimos Linguísticos na Libras	79
Quadro 20 –	Dicionários selecionados	84
Quadro 21 –	Modelo de descrição do dado.....	88
Quadro 22 –	Classificação de processo de empréstimos por modalidade linguística.....	95
Quadro 23 –	Classificação de empréstimos linguísticos por modalidade falada.....	98
Quadro 24 –	Cópia de articulação-boca de única sílaba – JÁ(boca) e SÓ(boca).....	99
Quadro 25 –	Cópia de articulação-boca de única sílaba – É(boca) em dêixis .	102
Quadro 26 –	Cópia de articulação-boca de única sílaba – Ê(boca) em conferir.....	103

Quadro 27 –	Outros fenômenos – Cópia de articulação-boca de única sílaba – É(boca).....	104
Quadro 28 –	Cópia de articulação-boca em sequência – NÃO-É(boca).....	105
Quadro 29 –	Cópia de articulação-boca de única sílaba – O-QUÊ(boca) e QUAL(boca)	106
Quadro 30 –	Cópia de articulação-boca de duas sílabas – COMO(boca)	108
Quadro 31 –	Sinal de "como" em três modalidades	109
Quadro 32 –	Cópia de articulação-boca de duas sílabas – ONDE(boca)	109
Quadro 33 –	Outros fenômenos da língua falada	110
Quadro 34 –	Classificação de empréstimos linguísticos por modalidade escrita	114
Quadro 35 –	Empréstimos por soletração pragmática – completa	116
Quadro 36 –	Empréstimos por soletração pragmática – omissão	117
Quadro 37 –	Empréstimos por soletração pragmática – irregular	118
Quadro 38 –	Soletração lexicalizada só uma letra	120
Quadro 39 –	Soletração lexicalizada em duas letras	121
Quadro 40 –	Soletração lexicalizada em três letras.....	122
Quadro 41 –	Soletração lexicalizada em quatro letras	123
Quadro 42 –	Soletração lexicalizada em cinco letras.....	124
Quadro 43 –	Soletração lexicalizada em seis letras	125
Quadro 44 –	Empréstimos por abreviação	126
Quadro 45 –	Empréstimos por sigla	127
Quadro 46 –	Inicialização por uma mão.....	128
Quadro 47 –	Inicialização por duas mãos.....	129
Quadro 48 –	Inicialização – COMUNICAÇÃO em uma relação produtiva	130
Quadro 49 –	Base da disciplina escolar	131
Quadro 50 –	Base do documento público	132
Quadro 51 –	Base dos níveis da pós-graduação	133
Quadro 52 –	Empréstimos por calque	134
Quadro 53 –	Empréstimos estereotipados	135
Quadro 54 –	Empréstimos por sinais compostos	138
Quadro 55 –	Classificação de empréstimos linguísticos por modalidade sinalizada	140
Quadro 56 –	Empréstimos por léxico comum – "muito"	141

Quadro 57 –	Empréstimos por léxico comum – "apoio"	142
Quadro 58 –	Empréstimos por léxico comum – "sucesso/ desenvolvimento"	143
Quadro 59 –	Empréstimos por léxico comum – determinantes/ possessivos.....	144
Quadro 60 –	Empréstimos por léxico comum – "audismo"	145
Quadro 61 –	Empréstimos por léxico comum – "já"	146
Quadro 62 –	Variantes de linguística em empréstimos – "linguística"	147
Quadro 63 –	Empréstimo por léxico comum – "tese"	148
Quadro 64 –	Empréstimos por antropônimo.....	149
Quadro 65 –	Empréstimos por topônimo	151
Quadro 66 –	Sinal equivocado – Madrid x Milão.....	152
Quadro 67 –	Empréstimos por regional – "disciplina"	154
Quadro 68 –	Empréstimos por regional – "didática", "aluno" e "atividade"	155
Quadro 69 –	Classificação de empréstimos por modalidade de gestos culturais	156
Quadro 70 –	Empréstimo por gesto dêitico.....	157
Quadro 71 –	Empréstimos por emblemas – "não adianta"	158
Quadro 72 –	Empréstimos por emblemas – "torcer"	158
Quadro 73 –	Empréstimos por emblemas – "louco"	159
Quadro 74 –	Empréstimos por emblemas – "deixar para lá"	160
Quadro 75 –	Empréstimos por gestos referenciais	161
Quadro 76 –	Empréstimos por gestos de "gritar", "porto" e "falar"	162
Quadro 77 –	Classificação de processo de empréstimos por modalidade linguística.....	164
Quadro 78 –	Diacronia e sincronia sobre empréstimos linguísticos	169
Quadro 79 –	Significante e significado sobre empréstimos linguísticos	171

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Empréstimos por modalidade linguística	94
Tabela 2 –	Influência da modalidade da língua falada	97
Tabela 3 –	Influência da modalidade da língua escrita	113
Tabela 4 –	Influência da modalidade língua sinalizada.....	139
Tabela 5 –	Influência da modalidade de gestos culturais.....	156

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Sinais produzidos do <i>corpus</i> analisado	92
Gráfico 2 –	Processo de empréstimos linguísticos na Libras por modalidade linguística	93

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABSL	Língua de Sinais al-Sayyid Beduína (שפת הסימנים של שבט א-סייד)
AlbSL	Língua de Sinais Albanesa (<i>Gjuha e Shenjave Shqip</i>)
ASL	Língua de Sinais Americana (<i>American Sign Language</i>)
AUSLAN	Língua de Sinais Australiana (<i>Australian Sign Language</i>)
BANZSL	Língua de Sinais Britânica, Língua de Sinais Australiana e Língua de Sinais Neozelandesa
BSL	Língua de Sinais Britânica (<i>British Sign Language</i>)
CSL	Língua de Sinais Chinesa (中国手语)
DGS	Língua de Sinais Alemã (<i>Deutsche Gebärdensprache</i>)
DSGS	Língua de Sinais Suíço-Alemã (<i>Deutschschweizer Gebärdensprache</i>)
ELAN	Eudico – Anotador Linguístico
INDL	Inventário Nacional da Diversidade Linguística
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IntSL	Língua de Sinais Internacional (<i>International Sign Language</i>)
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPOL	Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LIS	Língua de Sinais Italiana (<i>Lingua dei Segni Italiana</i>)
LS	Língua de Sinais
LSA	Língua de Sinais Argentina (<i>Lengua de Señas Argentina</i>)
LSB	Língua de Sinais Boliviana (<i>Lengua de Señas Boliviana</i>)
LSC	Língua de Sinais Colombiana (<i>Lengua de Señas Colombiana</i>)
LSC	Língua de Sinais Catalã (<i>Llengua de Signes Catalana</i>)
LSE	Língua de Sinais Espanhola (<i>Lengua de Signos Española</i>)
LSF	Língua de Sinais Francesa (<i>Langue des Signes Française</i>)
LSFB	Língua de Sinais Belga Francesa (<i>Langue des Signes de Belgique Francophone</i>)
LSJ	Língua de Sinais Japonesa (日本手話)
LSM	Língua de Sinais Mexicana (<i>Lengua de Señas Mexicana</i>)
LSP	Língua de Sinais Paraguaia (<i>Lengua de Señas Paraguaya</i>)
LSU	Língua de Sinais Uruguaia (<i>Lengua de Señas Uruguayaya</i>)

LSV	Língua de Sinais Venezuelana (<i>Lengua de Señas Venezuelana</i>)
NZSL	Língua de Sinais Neozelandesa (<i>New Zealand Sign Language</i>)
РЖЯ	Língua de Sinais Russa (Русский жестовый язык)
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
VGT	Língua de Sinais Flamengo (<i>Vlaamse Gebarentaal</i>)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
1.1	Objetivos	26
1.1.1	Objetivo geral	26
1.1.2	Objetivos específicos	27
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E MODALIDADES LINGUÍSTICAS	29
2.1	Contatos linguísticos	30
2.1.1	Contatos linguísticos de línguas de sinais.....	33
2.1.2	Conceitualização de empréstimos linguísticos	39
2.1.3	Categorização de empréstimos linguísticos	44
2.1.3.1	Empréstimos linguísticos de Carvalho (2009[1989])	44
2.1.3.2	Empréstimos linguísticos de línguas de sinais	48
2.2	Empréstimos linguísticos: modalidades linguísticas	51
2.2.1	A modalidade da língua falada	56
2.2.2	A modalidade da língua escrita	60
2.2.3	A modalidade da língua sinalizada.....	64
2.2.4	A modalidade de gestos culturais.....	67
2.3	Fechamento de empréstimos linguísticos e modalidades	69
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	71
3.1	Pressupostos metodológicos	72
3.2	Corpus – Inventário Nacional de Libras	73
3.3	Transcrição dos dados	78
3.4	Seleção de dados	81
3.4.1	Línguas do estudo.....	81
3.4.2	Dicionários de outras línguas	83
3.4.3	Gestos Culturais.....	86
3.5	Metodologia de análise	87
3.6	Apresentação dos dados	87
3.7	Fechamento da metodologia da pesquisa	89
4	ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO	91
4.1	Modalidades de empréstimos linguísticos na Libras: proposta de categorização	92

4.1.1	Empréstimos na modalidade linguística por língua falada	96
4.1.1.1	Cópia de articulação-boca de única sílaba.....	98
4.1.1.2	Cópia de articulação-boca de duas sílabas.....	107
4.1.1.3	Outros fenômenos da modalidade falada.....	110
4.1.2	Empréstimos na modalidade linguística por língua escrita.....	112
4.1.2.1	Soletração pragmática	114
4.1.2.2	Soletração lexicalizada.....	118
4.1.2.3	Inicialização.....	127
4.1.2.4	Calque	134
4.1.2.5	Estereotipado	134
4.1.2.6	Cruzado.....	136
4.1.2.7	Sinais compostos	137
4.1.3	Empréstimos na modalidade linguística por língua sinalizada	138
4.1.3.1	Léxico comum	140
4.1.3.2	Substantivo próprio	148
4.1.3.3	Variação regional	153
4.1.4	Empréstimos na modalidade linguística por gestos culturais	155
4.1.4.1	Gestos dêiticos.....	157
4.1.4.2	Emblemas	157
4.1.4.3	Gestos referenciais	160
4.2	Discussão dos resultados.....	163
4.2.1	Reflexão sobre as lacunas da pesquisa sobre os resultados dos dados	168
4.3	Fechamento da análise dos dados	172
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	174
	REFERÊNCIAS.....	181
	ANEXO A – ROTEIRO GUIA DA ENTREVISTA (QUADROS <i>et al.</i>, 2008).....	188

1 INTRODUÇÃO

O meu interesse por este tema foi motivado pelo meu percurso de vida pessoal, acadêmico e profissional. Neste estudo dou continuidade à minha pesquisa de dissertação de mestrado (MACHADO, 2016), em que analisei os léxicos específicos advindos de outras línguas de sinais para a Língua Brasileira de Sinais (doravante, Libras).

Nesta pesquisa, analisei as consequências dos contatos linguísticos nas diversas modalidades linguísticas de comunicação, seja de língua falada¹, língua escrita, língua sinalizada, ou de gestos culturais, com a Libras, procurando entender o fenômeno e propor uma classificação que o agrupe por eventos de modalidades de empréstimos linguísticos. Cada modalidade com sua categorização especificamente no tocante às características dos fenômenos linguísticos aos “empréstimos linguísticos” – unidades lexicais, assunto que envolve as influências e os contatos linguísticos.

Nesta pesquisa, foram considerados os empréstimos linguísticos existentes na Libras provenientes do contato desta língua com outras modalidades linguísticas citadas. Tratou-se da entrada de unidades lexicais formadas pelo contato com outras línguas e também com gestos culturais usuais entre os dois grupos envolvidos (surdos e ouvintes) que influenciaram a Libras.

Conforme Coelho *et al.* (2010), a Sociolinguística se ocupa de questões como bilinguismo, empréstimos linguísticos, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras áreas que estejam ligadas aos estudos envolvendo língua e a sociedade.

As atividades humanas e as mudanças sociais podem provocar a evolução linguística, por isso há diversos estudos linguísticos para compreender os fenômenos linguísticos que influenciam uma comunidade linguística como falantes e/ou sinalizantes de uma língua. Os empréstimos linguísticos podem ser abordados por diversas áreas dentro da Linguística ou por ciências afins, donde se pode concluir que, por si, é um assunto abrangente e plural. O esquema a seguir, na Figura 1, demonstra diversas possibilidades de se investigar o assunto.

¹ Embora se possa conceber que as línguas de sinais também podem ser faladas, no sentido de alguém se expressar por meio de uma língua, nesta tese o termo “língua falada” remete ao uso de língua oral.

Figura 1 – Abrangência de estudos em diversas áreas relacionadas de empréstimos linguísticos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação a esta pesquisa, há uma ramificação da Sociolinguística que mais se aplica aos contatos linguísticos quando ocorrem entre línguas diferentes ou se alternam no uso, por meio de regionalismos que estão em contato, sendo um dos principais objetos de investigação deste estudo.

Os contatos linguísticos apresentam ocorrências em contextos de migração, de línguas em fronteiras e também em meio a viajantes; no âmbito da ciência e tecnologia; nas relações industriais e comerciais internacionais; nos intercâmbios de estudos científicos; na globalização etc., onde há línguas em contato. Assim, esta pesquisa tratou dos empréstimos linguísticos como consequência de línguas em contato.

Para o estudo e descrição de modalidades linguísticas de empréstimos linguísticos, é importante entender como acontece o processo de transferência de unidades lexicais a partir de contatos linguísticos entre falantes/sinalizantes de línguas distintas, independentemente de sua modalidade, além de ser importante compreender a situação da própria língua como viva, dinâmica, portanto, passível de variação e de mudança.

Para esse desdobramento, esta pesquisa organizou as modalidades linguísticas de empréstimos linguísticos na Libras, a partir dos estudos sobre

modalidades propostos por Meier (2004), Quadros (2006), Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020) e Nascimento e Daroque (2019); e dos estudos sobre empréstimos linguísticos de Battison (1978), Sutton-Spence e Woll (1999), Brentari e Padden (2001), Johnston e Schembri (2007), Carvalho (2009[1989]), Ferreira (2010[1995])², Faria-Nascimento (2009), Cordeiro (2019), Adam (2012), Quer *et al.* (2017), Segala (2021) e Pêgo (2021).

Neste estudo, eu me propus a analisar as diversas modalidades linguísticas categorizadas como empréstimos linguísticos encontrados na Libras. Além disso, procurei entender como acontece o trânsito de itens lexicais estrangeiros e gestos culturais para a Libras. Também tive por objetivo estabelecer uma organização de modalidades linguísticas com a categorização de empréstimos linguísticos da Libras.

Nessa perspectiva, considero a relevância desta pesquisa, uma vez que ela se propõe a entender esse fenômeno, principalmente tendo em vista o número ainda reduzido no Brasil de investigações científicas sobre línguas em contato envolvendo as diversas modalidades linguísticas.

Assim, foi pela relação com o estudo, o trabalho, o lazer e uma trajetória de convivência em contato com várias línguas de sinais e ainda com contato íntimo com a língua portuguesa (LP) que me senti provocado a estudar esse assunto. A partir desse interesse, procurei desenvolver este estudo utilizando um *corpus* com entrevistas com surdos sinalizantes da Libras em situações reais de comunicação.

Entre os estudos sobre línguas em contato relacionados às línguas de sinais, destaco os seguintes estudos: 1. Pêgo (2021) abordou a influência da língua falada na Libras verificando o fenômeno articulação-boca encontrado no *corpus* de sua pesquisa; 2. Faria-Nascimento (2009), Ferreira (2010[1995]) e Cordeiro (2019) trabalharam os empréstimos linguísticos de línguas faladas/escritas para a Libras; 3. A minha pesquisa de mestrado (MACHADO, 2016), em que investiguei as entradas provenientes de léxicos de línguas de sinais estrangeiras na Libras, caso em que as línguas envolvidas são da mesma modalidade: gesto-visuais; 4. Segala (2021) fez um estudo também sobre a influência de línguas em contato e observou como os gestos culturais podem influenciar a Libras.

² Ferreira ou Ferreira-Brito (é possível encontrar duas referências nominais da mesma autora) é uma expoente brasileira que iniciou as pesquisas na década de 1980 e publicou em 1995 a primeira edição do livro *Por uma gramática de língua de sinais*, sob o nome Ferreira-Brito. Em 2010 a editora Tempo Brasileiro republicou sua obra utilizando o sobrenome Ferreira.

A proposta desta tese é estabelecer um diálogo com os estudos mencionados anteriormente, sobretudo no que diz respeito aos mecanismos de empréstimos que se dão no contato entre as modalidades falada, escrita, sinalizada e os gestos culturais, com o objetivo de entender como essas modalidades observadas por esses autores ocorreram no *corpus* apresentado nesta tese.

Percebi que a maior parte das pesquisas existentes é voltada às influências lexicais que se originam no cotidiano das línguas em contato, por estarem no mesmo território nacional, neste caso, a língua portuguesa (LP) e a Libras. Dois fenômenos se apresentam no cenário nacional. De um lado, os surdos brasileiros vivem na esfera entre uma língua oral, no caso, a língua portuguesa, e a Libras, uma língua visual; e, de outro, o avanço da tecnologia aproximou os surdos de diversos países, possibilitando interações entre sinalizantes de línguas de sinais diferentes.

A língua portuguesa é reconhecida pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 13, como o idioma oficial da República Federativa do Brasil. A Libras, por sua vez, é reconhecida pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, porém não tem o mesmo *status* que a língua portuguesa como idioma oficial do país, pois abrange sua oficialização apenas o reconhecimento como a língua utilizada pela comunidade surda do Brasil.

Ainda sobre a discussão de empréstimos linguísticos, também há estudos desenvolvidos fora do Brasil, como os de Battison (1978); Valli e Lucas (2000, 1992); Padden (1998); Sutton-Spence e Woll (1999); Brentari e Padden (2001); Johnston e Schembri (2007); Hoyer (2007); Quinto-Pozos (2007; 2008); Cormier, Schembri e Tyrone (2008); Adam (2012; 2017); Hendriks e Dufoe (2014); Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020); Quer *et. al* (2017); e Branchini e Mantovan (2020). No entanto, como já foi dito anteriormente, essas pesquisas citam apenas a influência de línguas escritas, provenientes da língua falada, sobre as línguas de sinais.

Dessa forma, questioneimei-me como as outras modalidades interferem no processo de lexicalização a partir de empréstimos. Acredito que, compreendendo melhor esse processo, é possível contribuir com os estudos de lexicalização dos sinais, entendendo como os contatos de surdos pela Libras, por meio de outras modalidades linguísticas, sofre variação lexical até sua lexicalização no sistema linguístico da Libras.

Um dos diferenciais deste estudo é sua análise a partir de um estudo de *corpora* com participantes surdos representantes de diversas partes do Brasil, em

situações reais de comunicação em Libras. Os participantes do *corpus* não estavam cientes dos objetivos desta pesquisa para não serem influenciados nas respostas. No capítulo metodológico desta tese, apresento o perfil de cada participante para que se possa acompanhar melhor o desenvolvimento da análise.

É importante ressaltar que, dada a carência de estudos mais aprofundados acerca das modalidades de empréstimos linguísticos que constituem a entrada de unidades lexicais para a Libras, esta pesquisa se justifica exatamente por propor uma caracterização das modalidades de empréstimos, com suas respectivas restrições linguísticas, quando do processo de transferência lexical.

Com o intuito de responder às questões e objetivos desta tese, procurei me aprofundar nos estudos teóricos e metodológicos em relação às pesquisas que tratam sobre as diversas modalidades de línguas e os gestos culturais em contato, que são importantes para o desenvolvimento da minha tese, cujas perguntas de pesquisa são: a) Como os empréstimos linguísticos na Libras se classificam quanto à modalidade linguística?; b) Como se dá a incorporação de empréstimos no léxico da Libras?; e c) Há restrições linguísticas no processo de transferência de unidades lexicais para entrada na Libras, em cada modalidade linguística?

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Este trabalho tem por objetivo organizar e identificar as diversas modalidades linguísticas de empréstimos linguísticos ocorridos entre línguas faladas, línguas escritas, línguas sinalizadas e os gestos culturais a partir da identificação, descrição e análise do *Corpus* em Libras³.

³ Compõe o Projeto Inventário Nacional da Libras, um *corpus* da Libras empiricamente abrangente e teórica/metodologicamente bem fundamentado, representando, também, um inventário da Libras das regiões metropolitanas de Florianópolis, do estado de Santa Catarina; Fortaleza, do estado do Ceará; Maceió, do estado de Alagoas; e Rio de Janeiro, do estado do Rio de Janeiro. O inventário de Surdos de Referência (formado por dados naturais fornecidos por pessoas identificadas como representantes da comunidade surda nacionalmente ou localmente, em seus respectivos estados) está disponível, de forma gratuita e *on-line*, a pesquisadores da Libras e a profissionais que atuam com pessoas surdas e que desejem utilizá-lo para fins variados, especialmente acadêmicos e educacionais.

1.1.2 Objetivos específicos

Este trabalho tem como objetivos específicos:

- identificar os processos de empréstimo lexical de outras modalidades linguísticas para Libras oriundos do *Corpus* da Libras;
- descrever os processos de empréstimo lexical de outras modalidades linguísticas para Libras oriundos do *Corpus* da Libras;
- categorizar cada modalidade como os processos de empréstimo lexical entre as línguas e os gestos culturais;
- propor uma classificação de modalidades linguísticas por modalidade, com características de categorizações dos processos de incorporação lexical, identificados na Libras, entre línguas e os gestos culturais;
- analisar a importância de empréstimos linguísticos em cada modalidade linguística;
- verificar a existência (ou não) de restrições linguísticas de cada modalidade na Libras.

Esta tese está subdividida em introdução e mais três capítulos, sendo um teórico, um de metodologia da investigação e um de análise, e, por fim, as considerações finais e referências.

No segundo capítulo, há uma revisão teórica geral sobre os contatos linguísticos e empréstimos linguísticos com as suas perspectivas de conceituação e uma consideração explícita da importância de várias categorias que já foram analisadas por outros autores também em línguas orais. Além disso, há uma revisão teórica sobre as modalidades dos empréstimos linguísticos de línguas de sinais e as diversas modalidades, com influência de outras línguas orais e línguas de sinais. Em seguida, apresento um panorama sobre a organização da modalidade linguística de categorização de empréstimos linguísticos na Libras.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia deste estudo e explica como o *Corpus* foi identificado e analisado pelo programa *Elan*. Apresenta-se a organização e identificação das modalidades a partir de várias categorias observadas na Libras, em outras línguas e nos gestos culturais.

No quarto capítulo, apresento os resultados das análises e a discussão sobre os fenômenos localizados e como isso pode ser caracterizado como um processo de empréstimo linguístico oriundo da influência de diversas modalidades linguísticas.

Por fim, no quinto capítulo, apresento as considerações finais retomando os objetivos e as questões de pesquisa norteadoras deste estudo. Ao final, apresento o anexo com o objetivo de proporcionar aos leitores acesso a todos os dados e informações apresentados ao longo deste estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E MODALIDADES LINGUÍSTICAS

Neste capítulo, apresento uma revisão de literatura sobre empréstimos linguísticos como consequência de contatos linguísticos. Ressalto que esta pesquisa se insere nas discussões sociolinguísticas sobre fatos linguísticos e sociais na relação entre língua e sociedade, com interesse em compreender, analisar e avaliar o seio da comunidade de fala, objeto de estudo da Sociolinguística.

De acordo com *Ethnologue* (2022)⁴, há mais de sete mil línguas vivas no mundo, considerando as línguas orais e as línguas de sinais, sendo que aproximadamente 157 são línguas de sinais⁵. Considerando que essas línguas de sinais estão espalhadas em comunidades linguísticas, esse número pode ser ainda maior; comunidades menores de surdos ainda não tiveram suas línguas catalogadas linguisticamente.

Sobre o número de línguas de sinais no Brasil, o levantamento apresentado por Silva (2021, p. 9) aponta aproximadamente vinte e uma línguas de sinais utilizadas pelas comunidades surdas e por comunidades isoladas no Brasil, identificadas nas zonas rurais e em comunidades indígenas.

Nesse contexto de diversidade linguística, o contato entre línguas distintas pode ocorrer e ainda favorecer empréstimos linguísticos. Compartilho do mesmo pensamento de Almeida (2011, p. 11), o qual defende que, atualmente, graças ao desenvolvimento das tecnologias avançadas, da inevitável globalização e do impacto dos meios de comunicação de massa para facilitar contato entre as várias línguas no mundo, os contatos linguísticos ultrapassam todas as fronteiras e barreiras ideológicas e culturais.

O propósito deste capítulo é esclarecer melhor como acontecem os contatos linguísticos e, logo em seguida, os empréstimos linguísticos, além de conceituar as modalidades das línguas humanas e a influência dessas modalidades entre as línguas em questão (oral-auditiva, gráfico-visual e gesto-visual) e os gestos culturais.

⁴ No mundo, de acordo com o compêndio *Ethnologue*, considerado o maior inventário de línguas do planeta, existem em média 7.151 línguas, das quais as línguas de sinais fazem parte. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

⁵ Há diversas pesquisas sobre número de línguas de sinais no mundo. Pode-se verificar os dados de línguas de sinais no *site* do *Glottolog*: <https://glottolog.org/resource/languoid/id/sign1238>, que conta com as 215 línguas de sinais, e no *site* do SIL (*Summer Institute of Linguistics*): <https://www.sil.org/sign-languages>, que indica 149 línguas de sinais. Acesso em: 25 nov. 2022.

Pretendo apresentar como ocorrem os empréstimos linguísticos na Libras, considerando as três modalidades: oral-auditiva, gráfico-visual e gesto-visual (língua sinalizada e gestos culturais). No entanto, antes de discutir sobre as modalidades, foco na próxima subseção, na qual discorrerei sobre contatos linguísticos e como acontecem em uma língua.

2.1 Contatos linguísticos

Esta subseção é uma ramificação da Sociolinguística que estuda como ocorre o contato entre línguas diferentes. A relação de contatos linguísticos também pode ser chamada de línguas em contato ou contato de línguas, que pode acontecer como consequência de vários fenômenos linguísticos de diferentes línguas em contato.

O conceito de contatos linguísticos foi trazido para este estudo por Weinreich (1953), que publicou o livro *Languages in Contact: Findings and Problems*. Matras (2010) afirma que Weinreich foi pioneiro nos estudos sobre contato linguístico e observou que o verdadeiro *locus* do contato linguístico é o indivíduo bilíngue. Grande parte da pesquisa contemporânea na área é guiada pelo pressuposto de que o contato linguístico diz respeito à maneira como os sistemas linguísticos influenciam um ao outro. Além disso, Weinreich também estudou a mudança linguística induzida pelo contato e, conseqüentemente, vista como uma mudança que é “externa” ao sistema da língua.

Para Hickey (2010, p. 1), Thomason e Kaufman (1988) foram os pesquisadores de grande importância sobre contatos linguísticos.

Talvez seja verdade dizer que um dos maiores impulsos para a pesquisa nas últimas duas décadas certamente deve ter sido a publicação do estudo em larga escala de Sandra Thomason e Terrence Kaufman de vários cenários de contato com muitas generalizações sobre a natureza do contato e a gama de seus possíveis efeitos (HICKEY, 2010, p. 1, tradução nossa)⁶.

É importante compreender o estudo sobre contatos linguísticos, principalmente, quando ocorrem pela interação entre línguas diferentes ou se

⁶ *It is perhaps true to say that one of the major impulses for research in the past two decades must surely have been the publication of Sandra Thomason and Terrence Kaufman's large-scale study of various contact scenarios with many generalizations about the nature of contact and the range of its possible effects* (HICKEY, 2010, p. 1).

alternam no uso. Na situação em que línguas diferentes são empregadas dentro de uma mesma sociedade, pode ser uma situação na qual um indivíduo ou um grupo são levados a usar duas ou mais línguas dentro do mesmo país. Thomason (2020, p. 31) discorreu que o contato linguístico tem sido invocado com frequência crescente nas últimas duas ou três décadas, provocando uma ampla gama de mudanças linguísticas. Essas mudanças ocorrem numa perspectiva diacrônica, isto é, são analisadas as maneiras pelas quais o contato linguístico influenciou o desenvolvimento lexical e/ou estrutural ao longo do tempo.

Sobre a perspectiva diacrônica, o livro *Os contatos linguísticos no Brasil*, organizado por Mello, Altenhofen e Raso (2011, p. 9), enfatiza as razões para se compreender historicamente a influência resultante de línguas em contato:

Em primeiro lugar, a relevância cada vez maior que os estudos históricos têm dado ao contato na formação das línguas; para citar um entre inúmeros casos, remetemos o leitor à formação das línguas românicas, fruto do contato entre latinos e germânicos ou eslavos. Em segundo lugar, a globalização e a intensificação dos contatos entre países distantes aumenta e complexifica as dinâmicas de contatos linguísticos, evidenciando também a dimensão do contato entre culturas diferentes, veiculadas pelas línguas. Em terceiro lugar, os fenômenos migratórios de massa, que não são uma novidade, mas que têm intensificado e têm envolvido direções novas e mais complexas, fazem do contato com línguas e culturas diferentes a experiência cotidiana de milhões de indivíduos. Finalmente, o reconhecimento quase unânime de que o monolinguismo é muito mais a exceção do que a regra, e de que algum tipo de relação com mais de uma variedade linguística envolve a grande maioria da população do planeta (MELLO; ALTENHOFEN; RASO, 2011, p. 9).

Dessa forma, o conhecimento diacrônico sobre línguas em contato revela-nos muito mais sobre a etimologia lexical. Ainda sobre esse aspecto, Trask (2008) explica que os falantes de uma língua podem, de maneira proposital (intencional) ou inconsciente, introduzir em sua língua traços de uma outra língua à qual foram expostos. As consequências desse contato dispõem-se em uma escala, desde as mais banais até as de alcance mais amplo. Dessa forma, os contatos linguísticos produzem fenômenos linguísticos que vão desde simples empréstimos até o efeito de línguas mistas. Sebba (1997, p. 10-16, *apud* NASCIMENTO, 2010, p. 56) listou seis possíveis consequências do contato de línguas, como segue no Quadro 1:

Quadro 1 – Os seis tipos possíveis de contatos linguísticos

TIPO	DEFINIÇÃO
a) Empréstimos gramaticais e lexicais	Ocorrem quando fenômenos linguísticos, como empréstimo lexical e/ou gramatical, surgem a partir de contatos linguísticos.
b) <i>Code-switching</i>	É a alternância de línguas, ou seja, quando os elementos oriundos de duas ou mais línguas podem estar dentro da mesma sentença, ou em sentenças diferentes, de uma conversa ou de um texto escrito. Este termo também é usado quando o falante alterna sua fala entre diferentes línguas. É comum acontecer na produção linguística por indivíduos bilíngues.
c) Convergência de línguas	Assim como o <i>code-switching</i> , envolve mescla de línguas. Contudo, <i>code-switching</i> é um fenômeno mais individualizado e pode variar de falante para falante. Por outro lado, a convergência de línguas é mais socializada e ocorre ao longo do tempo, em sociedades com alto grau de bilinguismo, e não é necessariamente um ato consciente do falante.
d) Pidginização	Ocorre sempre quando não é uma língua materna de nenhum grupo, como uma língua em comum que possa ser compartilhada pelos povos em contato. Bastante simplificada na sua estrutura, usada na intercompreensão de comunidades linguísticas diferentes. Ocorre normalmente entre populações que não partilham um código no qual possam interagir.
e) Crioulização	Surge como o resultado da adoção do <i>pidgin</i> , transformado em língua materna. Entretanto, este conceito tem sido ampliado por alguns linguistas e pode englobar também línguas que sofreram mudanças estruturais ocasionadas por contato com uma língua adstrata sem necessariamente ser a continuação de um <i>pidgin</i> .
f) Língua mista	Este fenômeno é bastante raro e envolve a combinação de duas línguas. O que acontece normalmente nesses casos é que a gramática pertence a uma língua e o vocabulário à outra, ou vice-versa. Uma língua mista possui semelhanças com a pidginização e crioulização. Contudo, não há perda da complexidade gramatical, nem simplificações do sistema de regras.

Fonte: Adaptado de Sebba (1997, p. 10-16, *apud* NASCIMENTO, 2010, p. 56).

Para a Sociolinguística, consoante Bagno (2017, p. 59):

[...] o campo de investigação do contato de línguas se interessa por questões macrossociolinguísticas como a manutenção ou troca de língua, bem como por fenômenos microssociolinguísticos como os efeitos de empréstimos, alternância de línguas, etc.

Doravante, esta pesquisa se relaciona com os fenômenos microssociolinguísticos para compreender e analisar como formam os empréstimos em itens lexicais na Libras, conforme apresento na próxima subseção.

2.1.1 Contatos linguísticos de línguas de sinais

Sei que as pesquisas sobre os contatos linguísticos primordialmente focalizam o contato entre línguas orais, no entanto, no momento atual, percebo um progressivo interesse de estudos sobre contatos entre línguas de sinais/orais e línguas de sinais/Libras, principalmente após a criação do curso de Letras Libras no Brasil, em 2006.

Na existência de diversas temáticas abordadas sobre o contato entre línguas orais, há uma ampla variedade de estudos sobre a língua portuguesa em contato com outras línguas no Brasil, inclusive há a possibilidade de se contemplar a tipologia proposta por Altenhofen (2007):

- a) contato português e línguas alóctones (de imigração);
- b) contato português e práticas linguísticas afro-brasileiras;
- c) contato português com as línguas autóctones (indígenas);
- d) contato português e línguas autóctones oficiais;
- e) contatos linguísticos de fronteira;
- f) contatos entre falantes de variedades regionais da mesma língua.

A tipologia citada acima, que é em relação ao contato com a língua portuguesa no Brasil, ocasionalmente influencia a origem de empréstimos linguísticos, conforme afirma o autor, pois pode ocorrer no contato entre línguas minoritárias que recebem influências da língua maior, como a língua portuguesa.

Sobre a tipologia de Altenhofen (2007), busquei relacioná-la à condição de contato com a Libras. Dessa forma, fiz leituras de alguns artigos, dissertações e teses das várias universidades brasileiras com ajuda de busca por repositório na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e também no Banco de Teses e Dissertações da Capes⁷. Há duas categorias que não consegui encontrar nos dados ou estudos sobre esse contato, no caso da Libras, a saber: as categorias “b” e “d”.

⁷ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

A primeira categoria, “a”, contato entre a Libras e línguas alóctones (de imigração), encontra-se na situação de contato linguístico entre a Língua de Sinais Venezuelana (LSV) e a Libras, exemplificada na dissertação de Cruz (2019). Essa é uma pesquisa bastante recente e com poucos dados, mas que mostra a imigração de grupo de surdos venezuelanos para a capital de Roraima, resultante de intenso fluxo migratório de venezuelanos para outros países, incluindo o Brasil, em face da grande crise política e socioeconômica, desde 2015, iniciada na última gestão de Hugo Chávez até o atual governo de Nicolás Maduro. Um alto número de pedidos de asilo no Brasil tem modificado o panorama da cidade de Boa Vista.

Para a categoria “b” (contato entre Libras e práticas linguísticas afro-brasileiras), embora eu não tenha encontrado dados como há nas línguas orais, acredito que seja importante buscar informações históricas sobre a variedade linguística de surdos afro-brasileiros. Sei que há muitos contatos linguísticos de falantes do português brasileiro com as línguas africanas por causa da sua história de colonização por meio do mercado de escravizados no Brasil, especialmente na região da Bahia. Esse contato, de alguma forma, deve repercutir na história dos surdos afro-brasileiros.

Sobre a categoria “c”, no caso, contato entre a Libras e as línguas autóctones (indígenas), Silva (2021) coletou que há estudos que versam pelo menos 21 (vinte e uma) línguas de sinais utilizadas por comunidades surdas do Brasil, especialmente neste caso, com a categoria “c”, que é relacionada a língua de sinais originais (aldeias) e língua de sinais nativas (comunidades isoladas), que são as línguas autóctones, conforme destaca o Quadro 2:

Quadro 2 – As línguas de sinais encontradas no Brasil

(continua)

Classificação da língua de sinais segundo (Quadros & Leite, 2013)	Classificação da comunidade surda segundo (Quadros & Silva, 2017)	Autor (ano)	Nome da Língua de Sinais	Localização
Línguas de sinais nacionais	Centros Urbanos	Ferreira-Brito (1984)	Libras	Todo o território brasileiro
Línguas de sinais originais	Aldeias	Kakamasu (1968) e Ferreira-Brito (1984)	Língua de Sinais Urubu – Kaapor	Índios Urubu – Kaapor (Maranhão)
		Godoy (2020)	Língua de Sinais Ka'apor	Aldeias no Pará Xie, Axingi, Ama'y ty renda, Bacurizeiro e Ximborenda
		Azevedo (2015)	Língua de Sinais Sateré-Waré	Índios Sateré – Mawé (Parintins – Manaus)
		Giroletti (2008)	Língua de Sinais Kaingang	Índios Kaingang (Xanxerê – Santa Catarina)
		Vilhalva (2012) Sumaio (2014)	Língua de Sinais Terena	Índios Terena (Mato Grosso do Sul)
		Soares (2018)	Língua de Sinais Terena	Índios Terena Aldeia de Cachoeirinha (Miranda – Mato Grosso do Sul)
		Coelho (2011) Vilhalva (2012) Lima (2013)	Língua de Sinais Guarani - Kaiowá	Índios Guarani – Kaowá (Mato Grosso do Sul)
		Barretos (2016)	Língua de Sinais Akwẽ Sinais Akwẽ de comunicação Cultural Língua de Sinais Akwẽ-Xerente	Índios Akwẽ-Xerente Tocantínia e Miracema (Tocantins)
		Stoianov e Nevins (2017)	Língua de sinais Maxakali	Índios Maxakali (Minas Gerais)
		Damasceno (2017)	Língua de Sinais Pataxó	Índios Pataxó (Aldeia Coroa Vermelha – Bahia)
		Oliveira (no prelo)	Língua de Sinais Macuxi	Comunidade indígena de Uiramutã (Roraima)
		Eler (2020)	Língua de Sinais Paiter Suruí	Aldeia Gaggir, (Terra Indígena Sete de Setembro) Cacoal – Rondônia
		Moura e Santos (2020)	Língua Sinais Canauim	Comunidade indígena Canauim (Cantã – Roraima)

Quadro 2 – As línguas de sinais encontradas no Brasil

(conclusão)

Classificação da língua de sinais segundo (Quadros & Leite, 2013)	Classificação da comunidade surda segundo (Quadros & Silva, 2017)	Autor (ano)	Nome da Língua de Sinais	Localização
Línguas de sinais nativas	Comunidades Isoladas	Pereira (2013)	Cena	Várzea Quimada (Jaicós – Piauí)
		Cerqueira e Teixeira (2016)	Acenos	Cruzeiro do Sul (Acre)
		Charlize, Formigosa e Cruz (2016)	Língua de Sinais da Fortalezinha (PA)	Pará
		Martinod (2013) Formigosa (2015) Fusilier (2016)	Língua de Sinais de Ilha do Marajó	Ilha do Marajó (ilha de Soure – Pará)
		Carlize, Formigosa e Cruz (2016)	Língua de Sinais de Porto de Galinha (PE)	Porto de Galinha (PE – Brasil)
		Temóteo (2008)	Língua de Sinais de Caiçara	Sítio Caiçara – Várzea Alegre – Ceará – Brasil
Língua de sinais de Fronteira	Comunidades de Fronteira	Figueira (2016)	Língua de Sinais compartilhadas na Fronteira	Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)
		Santos (2019)	Língua de sinais emergentes de São Gabriel da Cachoeira – AM	São Gabriel da Cachoeira (AM – Brasil)

Fonte: Adaptado de Silva (2021, p. 106).

Algumas línguas de sinais citadas acima são as línguas indígenas como línguas autóctones, por exemplo. Mas é preciso pesquisar mais sobre essas línguas para entender se há influência de Libras e/ou da língua portuguesa nelas.

Na categoria “d” (contato entre o português e línguas autóctones oficiais), como exemplo, tem-se o caso de brasiguaios, que ocorre entre Brasil e Paraguai, cujo contato formou uma língua do “povo brasiguai”. Não identifiquei a consequência dessa influência na Libras. Isso não significa dizer que não haja essa relação entre a Libras e a Língua de Sinais Paraguaia. O trabalho de Vaz (2017), embora não tenha por objetivo descrever processos linguísticos relativos a empréstimos, traz a constatação de que na fronteira do Brasil com o Uruguai há, nos processos educacionais, a circulação do português, do espanhol, da Libras e da Língua de Sinais Uruguiaia nas interações de sala de aula, o que pode levar à

ocorrência de empréstimos de múltiplas modalidades. A realidade linguística das fronteiras necessita de estudos mais aprofundados, quer do ponto de vista linguístico, quer do cultural.

A realidade descrita por Vaz (2017) configura-se como a categoria “e”, contatos linguísticos de fronteira. Um exemplo é a convivência entre surdos brasileiros sinalizantes da Libras e surdos uruguaios sinalizantes da Língua de Sinais Uruguiaia (LSU), na cidade de Santana do Livramento, no estado do Rio Grande do Sul, na fronteira sul do Brasil com a cidade de Rivera, no Uruguai. Nessa região, há o contato entre a Libras e a LSU. Dessa forma, assim como emerge entre o português e o espanhol uma variedade linguística de fronteira, em que essas duas línguas se interinfluenciam, um processo análogo acontece com as línguas de sinais dos dois países, conhecida como LIBRALSU, termo que se refere ao encontro dessas duas línguas de sinais utilizadas na fronteira, a Libras e a LSU, resultado desse fato que emerge do contato entre essas línguas de sinais, provenientes das relações das comunidades surdas de fronteira (FIGUEIRA; VAZ, 2017).

A categoria “f” reflete o contato entre falantes de variedades regionais da mesma língua, de onde surge a seguinte questão: como as variações ocorrem no local onde vivem os falantes e como sofrem a influência delas? Machado (2016, p. 79) explicou a distinção entre o conceito de variação dialetal e de variação regional, com base em Carvalho (2009):

[...] pode ser de difícil aplicação para uma classificação dos léxicos na Libras, isso porque o conceito de “dialetal” considera uma complexa variedade e variação de língua de uma região. Nos estudos sociolinguísticos relacionados à Libras há uma carência de registros de *corpus* sobre as variedades e variações da Libras. Por esta razão, esta pesquisa optou por um conceito mais simples e mais claro, o conceito de “variação regional”. Denomina-se variação regional um grupo particular de elementos linguísticos de uma localização geográfica delimitada, consideram-se as características culturais e linguísticas próprias de uma dada região (MACHADO, 2016, p. 79).

Sobre variação regional, há alguns exemplos em Faria-Nascimento (2009), como nos termos DISCIPLINA, DIDÁTICA e DINÂMICA, que foram incorporados ao regionalismo da Libras sinalizada em Brasília a partir de contatos em congressos com surdos do Rio Grande do Sul na década de 1990. Há outros exemplos nos dados de Machado (2016), em relação ao empréstimo regional no contato dos

surdos de 9 diferentes regiões do país no Curso de Letras Libras semipresencial⁸, a partir do ano de 2006, em seus nove polos que tiveram interações virtuais e materiais digitais de aprendizagem em Libras com alunos de diversas regiões do Brasil, tendo como um dos polos de contato o Ceará. Assim, sinais como ALUNO, FELIZ e DISCIPLINA passaram a existir em Fortaleza somente a partir desse contato com colegas do Curso de Letras Libras (MACHADO, 2016).

A situação de contato intenso entre Libras e língua portuguesa é cotidiana, provocada e influenciada constantemente em ambientes de educação, trabalho, família e lazer. Logo, os surdos brasileiros, comunidade minoritária, em contato com ouvintes, comunidade majoritária, nos diversos lugares sofrem gradualmente o efeito do contato linguístico, principalmente pelo contexto bilíngue em que vivem. Quinto-Pozos e Adam (2015) definem o contato linguístico em relação à comunidade surda:

O contato linguístico é a norma nas comunidades surdas, e os surdos são tipicamente multilíngues e multiculturais. Eles utilizam línguas sinalizadas, escritas e, em alguns casos, faladas para a comunicação cotidiana, o que significa que aspectos das línguas faladas e/ou escritas das comunidades maiores estão em constante interação com as línguas de sinais. Em alguns casos, o contato resultou em estruturas linguísticas faladas que se incorporaram às línguas de sinais – tendo sido modificadas ao longo do tempo para se adequar aos processos linguísticos de uma língua de sinais (QUINTO-POZOS; ADAM, 2015, p. 29, tradução nossa)⁹.

Esse contexto mostra que os surdos são uma minoria cultural e linguística como a língua minoritária, a Libras, em relação à língua portuguesa, que é a língua majoritária. Essa interação entre língua portuguesa e Libras faz parte do contexto de vida do surdo bilíngue brasileiro, por isso estudos sobre as influências linguísticas desse contato são necessários.

Importante entender como acontece/ocorre o contato linguístico e suas características para abranger a circunstância de fenômenos linguísticos em diversas

⁸ Curso de Graduação em Letras Libras realizado entre 2006 e 2010, por iniciativa e sob a responsabilidade da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que promoveu o Curso de Licenciatura em Letras Libras, na modalidade de Educação à Distância. Foram instituídos 9 polos em todo o Brasil: Brasília (UnB), Florianópolis (UFSC), Fortaleza (UFC), Goiânia (CEFET-GO), Manaus (UFAM), Rio de Janeiro (INES), Salvador (UFBA), Santa Maria (UFSM) e São Paulo (USP). Já se formaram 389 alunos (no ano de 2010), hoje licenciados para o ensino de Libras.

⁹ *Language contact is the norm in Deaf communities, and Deaf people are typically multilingual and multicultural. They use signed, written, and, in some cases, spoken languages for daily communication, which means that aspects of the spoken and/or written languages of the larger communities are in constant interaction with the signed languages. In some cases, the contact has resulted in spoken language structures that have become incorporated into the sign languages – having been modified over time to conform to the linguistic processes of a sign language* (QUINTO-POZOS; ADAM, 2015, p. 29).

áreas do estudo, como interferência e empréstimos linguísticos. A interferência linguística pode ser considerada como uma prática comum a pessoas bilíngues no uso de suas línguas, sendo importante nos estudos relacionados a pesquisa de *code-mixing*, alternância de línguas (*code-switching*), sobreposição de línguas (*code-blending*), bilinguismo e ensino/aprendizagem de L1 (língua materna) e L2 (segunda língua) (QUINTO-POZOS; ADAM, 2015; 2020).

Nesse convívio cotidiano entre a Libras e a língua portuguesa, é comum ocorrer o surgimento de interferências fonológicas, sintáticas e lexicais. No caso do estudo desta tese, que foca nos empréstimos linguísticos de itens lexicais para a Libras, a próxima subseção define o conceito de empréstimos linguísticos e segue especialmente as diversas modalidades linguísticas que interferem e influenciam a Libras.

2.1.2 Conceitualização de empréstimos linguísticos

De acordo com Câmara Júnior (1986), o condicionamento social para os empréstimos acontece pelo contato entre povos de línguas diferentes, podendo ocorrer por coincidência ou contiguidade geográfica, ou, à distância, por intercâmbio cultural. Além disso, o fluxo linguístico e os fatores sociais, entre outros, contribuem para as diversas ocorrências de variação e mudanças linguísticas.

As línguas mudam com o tempo, pois é inerente à capacidade humana o uso de linguagem e da língua. As línguas são utilizadas pelos falantes com criatividade e dinamicidade, o que permite o crescimento e o enriquecimento do léxico.

Na conceituação de empréstimos linguísticos há diversas definições para considerar os fenômenos linguísticos. Seguem algumas acepções de ocorrência de adoção de elementos externos.

O primeiro que cunhou o termo “empréstimo” no contexto linguístico e o adotou foi Sapir (1921). Posteriormente, Bloomfield (1933) realizou estudos sobre transferência de léxicos de uma língua de origem para outra. Primeiro, Sapir (1921) explicou o termo: “Parece muito provável que a atitude psicológica da própria língua de empréstimo em relação ao material linguístico tenha muito a ver com sua

receptividade a palavras estrangeiras” (SAPIR, 1921, p. 94, tradução nossa)¹⁰. Bloomfield (1933) discorreu sobre o termo como a “adoção de traços linguísticos diversos daqueles pertencentes ao sistema tradicional” (BLOOMFIELD, 1933, p. 444, tradução nossa)¹¹. Assim, a língua que cede o termo é considerada a língua fonte, e a que o recebe, língua receptora. O traço linguístico cedido é o modelo de empréstimo que poderá ou não sofrer adaptações segundo os padrões da língua receptora, de acordo com Carvalho (2008, p. 224).

Bagno (2017, p. 106) afirmou que alguns pesquisadores criticam o conceito de “empréstimos”: “uma vez que empréstimo pressupõe devolução, o que não ocorre no caso dos empréstimos linguísticos”. Normalmente, a maioria dos estudos na área usa o termo empréstimo em situações em que palavras estrangeiras são tomadas pela língua de recepção. Sobre esse termo, considero que é o mesmo que adotar por completo ou adaptar parte dos itens lexicais estrangeiros na língua de recepção.

Garcez e Zilles (2001, p. 15) esclarecem melhor os conceitos de estrangeirismo e empréstimos e as situações de ocorrência:

Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo. A noção de estrangeirismo, contudo, confere ao empréstimo uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que originou o empréstimo.

Na maioria das vezes, o estrangeirismo é a forma mais visível de perceber e identificar com facilidade, porque há diferenças significativas do original, como os aspectos fônicos e gráficos. Assim, o estrangeirismo é a forma distinta de empréstimo, na medida em que o primeiro é como importação ou transferência direta de um novo termo, mantendo a sua forma gráfica e fonética na língua receptora. E o segundo, empréstimo, é como se fosse o estrangeirismo naturalizado, ou seja, uma nova cidadania (identidade) na língua receptora, podendo ser adaptado e usado no sistema da língua de recepção.

¹⁰ *"It seems very probable that the psychological attitude of the borrowing language itself towards linguistic material has much to do with its receptivity to foreign words"* (SAPIR, 1921, p. 94).

¹¹ *"The adoption of features which differ from those of the main tradition, is linguistic borrowing"* (BLOOMFIELD, 1933, p. 444).

Conforme descrição feita por Machado (2016), sobre os empréstimos, pode haver duas perspectivas: na primeira, o empréstimo é tomado como estrangeirismo, conforme classificação proposta por Carvalho (2009); já na segunda, o termo empréstimo linguístico é empregado em sentido mais amplo, considerando-se o sistema linguístico de uma língua e a incorporação que essa língua pode fazer de itens lexicais estrangeiros, conforme classificação apresentada por Carvalho (2009).

Os empréstimos podem ser também, em princípio, recepção de diversos níveis gramaticais, como fonemas e morfemas, e até de empréstimos lexicais como vocábulos, além de entender como é o processo de adaptações, que podem ser de ordem gráfica, fonológica, morfológica e/ou sintática. Destacadamente, neste estudo, apenas foco em itens lexicais para entender como é possível sofrer ou não a forma gráfica, fonológica e morfológica. Geralmente, em qualquer fenômeno nos contatos linguísticos, esporádicos ou sistemáticos, a interferência vai acontecer, em menor grau ou em maior grau, e vai estar sempre presente em itens lexicais como empréstimos.

De acordo com Adam (2012, p. 842), empréstimos identificados nas línguas de sinais podem ter origem em uma língua falada, tanto na sua forma escrita como oral, e, também, por outras línguas de sinais em contato. Nascimento (2010, p. 23) afirma que os “empréstimos linguísticos são incorporações de determinados elementos de uma língua em outra ou de uma variedade para outra”.

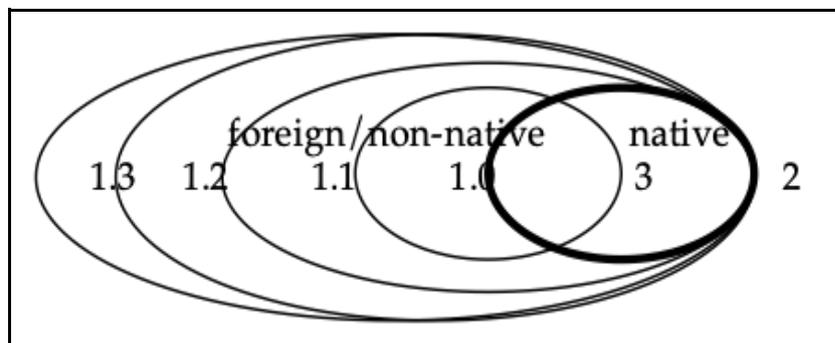
Fiz leituras e pesquisas em diversos artigos publicados sobre empréstimos linguísticos de línguas de sinais fora do Brasil. A palavra “empréstimos linguísticos” tem relação com diferentes palavras em inglês: *borrowing*, *loan*, *non-native* (não nativo), *foreign* (estrangeiro). A palavra *borrowing* é a mais frequente encontrada nos artigos internacionais, e *foreign* é a menos frequente. Mas todas as palavras inglesas estão relacionadas aos fenômenos linguísticos que ocorrem ao receber os itens lexicais estrangeiros ou os traços linguísticos de outras línguas.

Em relação a empréstimos de línguas de sinais fora do Brasil, o livro mais antigo que encontrei foi o de Battison (1978). O autor investigou com detalhes a influência do inglês americano na estrutura da ASL, especialmente na soletração datilológica.

Brentari e Padden (2001, p. 89) desenvolveram um trabalho de base sobre a formação de léxicos na língua que evidencia a formação de unidades lexicais nativas e não nativas. Esse trabalho foi uma referência importante sobre os três

componentes principais da estrutura do léxico da ASL em áreas 1, 2 e 3, conforme a Figura 2. Pela Figura 2, a área 1 representa os sinais derivados da soletração datilológica, escrita em inglês na ASL, como vocabulário não nativo. A área 2 representa ação construída, descrições visuais, classificadores, assim como alguns verbos espaciais e sinais direcionais (indicadores) usados como pronomes, predicados e advérbios. A área central 3 é o vocabulário nativo central como núcleo nativo do sinal da ASL. Os sinais também podem se mover entre o léxico não nativo (1) e o núcleo nativo (3), e entre o léxico não nativo (2) e o núcleo (3), razão pela qual ambas as áreas 1 e 2 se sobrepõem à área 3.

Figura 2 – A estrutura do léxico da ASL



Fonte: Brentari e Padden (2001, p. 89).

Esta tese trabalha com foco na área 1, léxico não nativo, como empréstimos e estrangeirismos, enquanto a proposta de Brentari e Padden (2001) trabalha em detalhe apenas influência de língua inglesa na ASL. Quanto à formação do léxico da Libras, Quadros e Karnopp (2004, p.88) mostram que o léxico não nativo contém também palavras em português que são soletradas manualmente, e essas formas podem ser consideradas a periferia do léxico da Libras, têm um uso específico e, por vezes, tornam-se um item lexical pleno. De um modo geral, todas as línguas, orais ou de sinais, incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras que são consideradas empréstimos linguísticos. No núcleo (área 3) estão os sinais nativos que obedecem às restrições de formação dos sinais, e em direção à periferia estão os sinais estrangeiros, sendo que alguns obedecem a algumas restrições fonológicas de formação dos sinais, mas não a todas as regras. O empréstimo é tomado por uma língua e visto como elemento nativo dentro desta.

Os léxicos não nativos como empréstimos podem ser influenciados quando recepcionados em qualquer modalidade linguística, como a língua falada, a língua escrita, a língua sinalizada e os gestos culturais.

Brentari e Padden (2001) procuraram entender como é o processo de lexicalização sobre os sinais não nativos até o núcleo dos nativos com restrição fonológica e gramatical, com suas categorias de área (1.0, 1.1, 1.2 e 1.3), que significam o distanciamento do núcleo à periferia da formação do léxico.

Esse é o processo de nativização do léxico, como explicam Cormier, Schembri e Tyrone (2008) sobre a nativização de sinais de BANZSL (estudo de três línguas juntas: Língua de Sinais Britânica, Língua de Sinais Australiana e Língua de Sinais Neozelandesa) e ASL em relação à escrita da língua inglesa, principalmente o processo de soletração manual da língua escrita inglês para as línguas de sinais – BANZSL e ASL. Cormier, Schembri e Tyrone (2008, p. 22) propõem:

[...] um modelo de nativização da soletração manual com uma mão (baseado no modelo de Brentari e Padden (2001) do léxico não nativo para ASL) que é responsável tanto pelo sistema de soletração manual com uma mão da ASL como pelo sistema de duas mãos do BANZSL. Dentro deste modelo, os formulários podem variar por grau de nativização e também (separadamente) pelo número de letras representadas. O grau de nativização é baseado na adição de elementos nativos e na redução de elementos não-nativos. Quanto mais nativizada uma forma é, mais ela adere às restrições fonológicas dos sinais no léxico nativo. Quanto menos nativizada for uma forma, mais ela pode violar as restrições fonológicas dos signos no léxico nativo (CORMIER, SCHEMBRI E TYRONE, 2009, p. 22, tradução nossa)¹².

Há uma pesquisa recente, de Araújo-Neto, Silva e Leite (2021), sobre o processo de nativização do português para a Libras. Os autores explicam que o escopo datilológico é capaz de gerar evidência visual, abandonando os vestígios de sonoridade e tornando a soletração estruturalmente semelhante aos sinais que compõem o fundo léxico comum da língua em questão (ARAÚJO-NETO; SILVA; LEITE, 2021, p. 26). A modalidade de língua escrita para língua sinalizada é a que

¹² *We propose instead a model of nativisation of fingerspelling (based on Brentari & Padden's (2001) model of the non-native lexicon for ASL) which accounts for both the one-handed fingerspelling system of ASL and the two-handed system of BANZSL; Within this model, forms can vary by degree of nativisation and also (separately) by the number of letters represented. The degree of nativisation is based on the addition of native elements and the reduction of non-native elements. The more nativised a form is, the more it adheres to the phonological constraints of signs in the native lexicon. The less nativised a form is, the more it may violate phonological constraints of signs in the native lexicon (CORMIER, SCHEMBRI E TYRONE, 2009, p. 22).*

tem mais pesquisas realizadas sobre nativização. Entre a modalidade da língua sinalizada e a língua sinalizada, a investigação ainda é bastante escassa.

2.1.3 Categorização de empréstimos linguísticos

Na Libras, a partir de vários processos de incorporação, os empréstimos linguísticos podem ser oriundos de línguas orais ou de línguas de sinais, em diversas modalidades linguísticas, para formar a categorização de cada modalidade linguística sobre os fenômenos linguísticos na Libras. Primeiro, apresento a organização com definição das categorias de empréstimos linguísticos de português propostas por Carvalho (2009[1989]) e depois as que contemplam estudos sobre a Libras (CORDEIRO, 2019; FARIA-NASCIMENTO, 2009; FERREIRA, 2010; MACHADO, 2016; PÊGO, 2021; SEGALA, 2021).

2.1.3.1 Empréstimos linguísticos de Carvalho (2009[1989])

Há possibilidade de organizar diversas categorias para empréstimos linguísticos, como mostram os estudos sobre os fenômenos linguísticos com traços linguísticos em níveis fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos, semânticos e discursivos. Depende do recorte que se queira investigar.

Logo, há várias maneiras de classificar os empréstimos linguísticos dentro de uma língua. A língua portuguesa possui uma tipologia de empréstimos linguísticos advindos de itens lexicais de outras línguas, como propõe a pesquisa de Carvalho (2009, p. 66), que apresenta a seguinte sistematização quanto à tipologia dos empréstimos:

- a) quanto à **origem**: íntimo, dialetal e externo;
- b) segundo a **fase de adoção**: estrangeirismo, empréstimo e xenismo;
- c) segundo a **forma de derivação**: direto e indireto;
- d) segundo a **forma de adoção**: calque, adaptação e incorporação;
- e) segundo sua **função, intenção ou necessidade de uso**: conotativo e denotativo.

Carvalho (2009) propôs essa tipologia para compreender como é o processo de transferência de itens lexicais externos para uma língua importadora. A autora identificou as cinco categorias de empréstimos linguísticos na língua portuguesa,

citadas acima: origem, fase de adoção, forma de derivação, forma de adoção e função, intenção ou necessidade de uso. A primeira categoria é a origem, que é a identificação da origem do léxico. Segue no Quadro 3:

Quadro 3 – Quanto à origem

Subtipo	Definição
Íntimo	É proveniente da convivência de duas línguas no mesmo território, por exemplo: no Paraguai, que tem duas línguas cotidianas, o espanhol e o guarani, assim como aqui, no Brasil, temos a LP e a Libras.
Dialetal	É o tipo que ocorre com o léxico de uma mesma língua entre os diferentes dialetos. Por exemplo: pelas variantes sociais, variantes regionais, variantes linguísticas, jargões, termos técnicos etc. Este tipo não inclui o léxico de outra língua.
Externo	É originado nos contatos individuais ou de grupos políticos, sociais, comerciais e até militares, entre os povos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essas três subcategorias têm grande importância na contribuição da inovação vocabular, pois, em sua maioria, são importações lexicais, ou seja, mais abertas a mudanças.

Na segunda categoria, a fase de adoção, podemos verificar como é o tempo de utilização dos léxicos importados na língua de recepção; tem como subcategorias três tipos: estrangeirismo, empréstimo e xenismo. Veja no Quadro 4:

Quadro 4 – Quanto à fase de adoção

Subtipo	Definição
Estrangeirismo	Termo que não perde a sua forma original e significado na língua importadora e que pode ter uso prolongado ou mais curto, vindo a sumir com o tempo. Tem sua classificação como anglicismo, galicismo, latinismo, helenismo etc. Este tipo de uso é mais individualizado.
Empréstimo	Tem sua identidade naturalizada na língua de chegada. Primeiramente o termo é aceito e a sua incorporação sofre adaptações de ordem linguística para entrar na língua. Assim, o termo pode ser adotado, rejeitado ou substituído. A natureza das adaptações pode ser de ordem: gráfica, fonológica, morfológica e sintática.
Xenismo	Designa a palavra cuja forma gráfica permanece a mesma da língua original, o que tem grande frequência. Por exemplo, os nomes próprios, como Mary, Giovanni, George, Margot, Janete; os lugares, como Washington, Tel-Aviv, Houston; nomes das coisas ou objetos, como <i>software</i> , <i>show</i> etc. Estes continuam com aparência estrangeira. Um exemplo é a igreja de Paris, França, que se chama <i>Notre-Dame</i> de Paris e não se traduz como Nossa Senhora de Paris. Também há as siglas como aids, laser, radar, VIP, CD, DVD, iPod, MSN.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na terceira categoria, a forma de derivação busca saber como o léxico veio da língua fonte (se diretamente ou de forma intermediada). Temos dois tipos de empréstimos quanto à derivação: direto e indireto. Veja no Quadro 5 a forma de derivação:

Quadro 5 – Quanto à forma de derivação

Subtipo	Definição
Direto	É derivado diretamente da língua fonte. Exemplo: de <i>football</i> (inglês) para futebol (LP).
Indireto	Acontece quando o termo passou por outra língua antes de ser importada da língua fonte, ou seja, há uma língua intermediária no processo de adoção. Exemplo: de <i>parlament</i> (francês) passou para <i>parliament</i> (inglês) até passar à LP como parlamento.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A penúltima categoria da classificação é a forma de adoção, que mostra como é o processo de recepção dos léxicos, com três subtipos: calque, adaptação e incorporação.

Quadro 6 – Quanto à forma de adoção

Subtipo	Definição
Calque	É a tradução literal do termo da língua fonte para a língua receptora com mudança na forma, mas mantendo o mesmo significado. Por exemplo, a palavra em inglês <i>weekend</i> para o LP fim de semana, ou, ainda, <i>hot dog</i> do inglês para cachorro-quente na LP. Os falantes da língua importadora, neste caso, não conseguem perceber o termo como estrangeiro, pois já perdeu a resistência à forma de origem, que foi traduzida e ganhou forma própria da língua importadora, como um disfarce, sem que os falantes nativos percebam.
Adaptação	É um modo de “consertar” as palavras estrangeiras, através de mudanças fonéticas, morfológicas e ortográficas, para adequá-las à língua importadora. Por exemplo, a palavra em inglês <i>stress</i> para a LP estresse, ou ainda, <i>to delete</i> do inglês para deletar na LP.
Incorporação	A palavra permanece com a mesma forma original e só sofre a conseqüente adaptação fonética, por exemplo: <i>show</i> , <i>shopping</i> , <i>socialite</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor.

A última categoria da classificação, de acordo com sua função, intenção ou necessidade de uso, pode se apresentar em duas subcategorias: denotativo e conotativo. Segue o Quadro 7:

Quadro 7 – Quanto à sua função, intenção ou necessidade de uso

Subtipo	Definição
Denotativo	Tem função referencial e introduz um objeto ou conceito novo em outra cultura, de acordo com a cultura exportadora.
Conotativo	É o jeito de expressar um recurso estilístico usado como imposição de expressividade.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Carvalho (2009, p. 67) diz que:

[...] os empréstimos denotativos, com função referencial, provêm geralmente das culturas dominantes, no tema de que trata o termo. O empréstimo conotativo é um recurso estilístico da fala, podendo ser social, adotado pela comunidade, ou individual, pertencente ao idioleto de determinado falante.

2.1.3.2 Empréstimos linguísticos de línguas de sinais

Faria-Nascimento (2009) e Nascimento (2010) apontam que os empréstimos linguísticos mais investigados academicamente no Brasil, envolvendo a Libras, são os provenientes da língua portuguesa. De modo similar, as pesquisas encontradas na área em outros países seguem os mesmos parâmetros. Estudos sobre a influência entre línguas de sinais ainda são bem poucos. No Quadro 8, apresento um resumo dos estudos sobre empréstimos linguísticos envolvendo a Libras no Brasil e o contato linguístico entre a Libras e outras línguas de sinais (língua sinalizada) e os gestos culturais, de modalidade gesto-visual e a língua portuguesa, em duas modalidades diferentes, falada (modalidade oral-auditiva) e escrita (modalidade gráfico-visual).

Quadro 8 – Pesquisas de empréstimos linguísticos em Libras

(continua)

Autores	Modalidade	Categorização	Descrição
Ferreira (2010[1995])	Língua Falada/Escrita e Língua Sinalizada	Quatro tipos de empréstimos da LP para Libras e um tipo de empréstimo de LS para Libras.	Foi a primeira sistematização de Empréstimos Linguísticos na Libras. Explicou a descrição sobre entrada de LP e LS na Libras.
Faria-Nascimento (2009)	Língua Falada/Escrita	Seis tipos de empréstimos da LP para a Libras	Mostrou a ocorrência de empréstimos linguísticos entre a Libras e a língua portuguesa, em contato linguístico.
Nascimento (2010)	Língua Falada/Escrita	Baseado em Faria-Nascimento (2009)	Descreveu e analisou os empréstimos da LP para Libras, com foco nos empréstimos cuja origem é a escrita da LP, por meio do alfabeto datilológico da Libras, bem como verificou nesta língua as consequências do contato.

Quadro 8 – Pesquisas de empréstimos linguísticos em Libras

(continua)

Autores	Modalidade	Categorização	Descrição
Duarte (2011)	Língua Escrita e Língua Sinalizada	Não demonstrado	Tratou do diálogo da Libras com outras línguas, mostrando a ocorrência de empréstimos linguísticos na Libras advindos da LSF, da ASL, da LP e do latim, em nível morfológico, icônico e semiótico, por meio da abordagem dialógica dos estudos bakhtinianos.
Rodrigues e Baalbaki (2014)	Língua Escrita	Não demonstrado com a Libras. Mas explicou baseado em Sandmann (1997, p. 23) dois casos: 1. empréstimos adaptados e empréstimos não adaptados; 2. empréstimos lexicais, empréstimos semânticos e empréstimos estruturais.	Abordam a ampliação e a renovação do léxico da Libras por meio de empréstimos da LP decorrentes das práticas sociais visuais dos sinalizantes de Libras, com o objetivo de contribuir com as reflexões sobre a formação de sinais.
Machado (2016)	Língua Sinalizada	Baseado em dois dos 5 tipos propostos por Carvalho (2009).	Buscou, a partir da análise e da descrição dos dados, identificar como se dá a entrada do léxico de outras línguas de sinais na Libras.
Barral Rumjanek (2016)	Língua Sinalizada	Não demonstrado	Desenvolveu um glossário de Biociências em Libras, com adoção de empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais, especialmente a Língua de Sinais Britânica (BSL).
Costa (2018)	Língua Escrita e Língua Sinalizada	Não demonstrado	Mostrou que é possível identificar variações e interferências linguísticas nas narrativas de todos os entrevistados, e que há ainda o preconceito linguístico em decorrência dessas variações nas relações sociais desses sujeitos.

Quadro 8 – Pesquisas de empréstimos linguísticos em Libras

(conclusão)

Autores	Modalidade	Categorização	Descrição
Fernandes (2019)	Língua Escrita	Não demonstrado	Apresentou os empréstimos linguísticos dicionarizados localizados na periferia do léxico da Libras, servindo-se assim de teóricos da lexicologia com ênfase na lexicografia das línguas orais e das línguas de sinais.
Covezzi (2019)	Língua Falada/Escrita e Língua Sinalizada	Não demonstrado	Aprofundou especificamente os conhecimentos sobre os empréstimos linguísticos de origem francesa. Investigou algumas línguas em contato, Língua Francesa Oralizada (LFO), a Língua de Sinais Francesa (LSF) e a Libras.
Cordeiro (2019)	Língua Escrita	Uma breve descrição de processos fonético-fonológicos e suas classificações de sinais datilológicos analisados em diversos tipos de categorias.	Apresentou uma síntese da quantidade de sinais datilológicos analisados que sofreram mudança fonológica e o número de ocorrências de produção de categorias de Perfil de Reestruturação de Battison (1978).
Segala (2021)	Os gestos culturais	Não demonstrado	Investigou os empréstimos dos emblemas na constituição de sinais da Libras, verificando quais dos emblemas observados nos dicionários da Libras podem fazer parte do léxico da Libras.
Pêgo (2021)	Língua Falada	Apresentou sobre articulações-boca da Libras com as três categorias principais: semânticos, funcionais e temporais.	Descreveu o papel das articulações-boca na gramática da Libras com essas três categorias e de que forma há a influência da LP para Libras.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 8, apresento a primeira sistematização de empréstimos linguísticos desde Ferreira (2010[1995]) sobre as duas modalidades, até hoje. No total, foram treze pesquisadores dedicados aos estudos de empréstimos linguísticos com Libras; apenas sete deles trabalham com a categorização baseada em outros autores e/ou suas criações. Alguns autores focaram somente no contato íntimo de uma língua escrita (língua portuguesa) com a Libras; outros, só entre línguas de sinais; e outros, nas duas modalidades – escrita e sinalizada. Recentemente, a pesquisa de Pêgo (2021) analisou a influência da modalidade falada, em língua portuguesa, sobre os fenômenos linguísticos na Libras. Outro estudo foi o de Segala (2021), que analisou a influência dos gestos emblemáticos na Libras.

Ressalto que os autores Ferreira (2010[1995]), Faria-Nascimento (2009) e Cordeiro (2019) apresentaram as categorias de empréstimos linguísticos com influência da língua portuguesa (maioria na modalidade de língua escrita) na Libras. Machado (2016) apresentou apenas empréstimos linguísticos de línguas de sinais para a Libras, baseando-se em duas categorias: origem e fase de adoção, conforme proposta de Carvalho (2009[1989]).

2.2 Empréstimos linguísticos: modalidades linguísticas

Nesta seção, discorro sobre a importância do estudo de modalidades linguísticas ou, em outras palavras, como se dá a manifestação da língua para comunicação em meio a modalidades. Questiona-se: o que é mesmo a modalidade quando se trata da linguagem humana? A modalidade de uma língua é o meio de produção e percepção.

Para compreender o conceito de modalidade em relação às línguas de sinais, é preciso perceber o canal de comunicação em que ocorrem os empréstimos linguísticos na Libras, com suas diversas modalidades.

Quando o linguista William Stokoe, de 1960, evidenciou que a língua de sinais era uma língua natural, traçou um estudo comparativo da língua de sinais americana (ASL) com a estrutura linguística da língua falada. De acordo com Meier (2004), “os últimos 40 anos de pesquisa têm demonstrado de forma conclusiva que existem dois

tipos principais de línguas humanas, naturalmente evoluídas: as línguas sinalizadas e as línguas faladas” (MEIER, 2004, p. 5, tradução nossa)¹³.

O fenômeno de produção de vocabulários, ou seja, léxicos, da língua natural pode ocorrer, como disse Meier (2004, p. 3, tradução nossa):

Assim como as línguas faladas, as línguas sinalizadas podem expandir seus vocabulários através de processos derivacionais, por meio de composição e empréstimos. Os empréstimos entram no vocabulário da ASL através do sistema de soletração e, recentemente, de línguas de sinais estrangeiras, que são uma fonte de nomes de lugares em particular¹⁴.

De acordo com Meier (2006, p. 197), as modalidades derivadas do gráfico-visual, da leitura e da escrita são representações visuais, em grande parte, derivadas de uma língua falada primária. A escrita de sinais é uma representação gráfica de uma língua sinalizada¹⁵. A relação entre a modalidade escrita de sinais e a Libras não é objeto de estudo desta tese, no entanto, acredito que seria importante haver estudos futuros sobre a influência entre essas duas modalidades.

Além da modalidade gestos culturais, todo o corpo humano se comunica, seja por meio das mãos, cabeça, braços etc. (SEGALA, 2021, p. 18). Gestos também são empregados pelas comunidades ouvintes para acompanhar a língua falada. Existem alguns gestos que são universais, mas há outros que, para serem compreendidos, dependem do conhecimento de culturas específicas. De acordo com Quinto-Pozos e Adam (2020), alguns desses gestos podem tornar-se parte do léxico ou da gramática das línguas sinalizadas, como evidenciado, em parte, por mudanças em sua articulação, em relação à forma como as pessoas ouvintes utilizam esses gestos. Segala (2021, p. 19) argumenta que a produção de gestos não é feita aleatoriamente, sem contexto, mas subordina-se a fatores sociais, históricos e culturais. Como em quaisquer línguas, os sistemas linguísticos não vivem isolados em si.

¹³ *The last 40 years of research have demonstrated conclusively that there are two major types of naturally-evolved human languages: signed and spoken* (MEIER, 2004, p. 5).

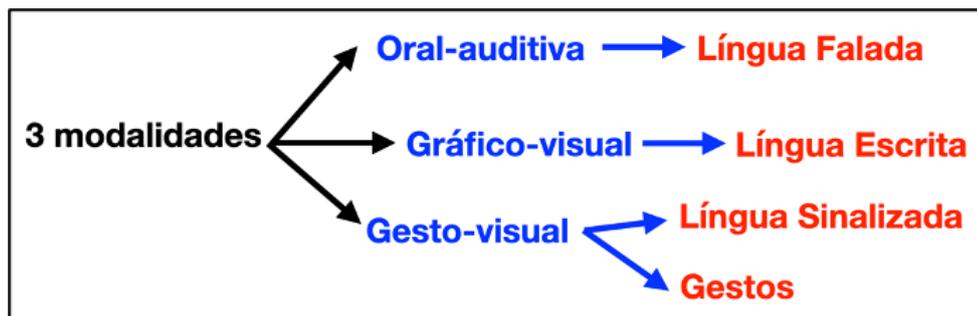
¹⁴ *Like spoken languages, signed languages can expand their vocabularies through derivational processes, through compounding, and through borrowing. Borrowings enter the vocabulary of ASL through the fingerspelling system and, recently, from foreign signed languages, which are a source of place names in particular* (MEIER, 2004, p. 3).

¹⁵ A maioria dos autores prefere utilizar o termo “língua de sinais” (*sign language*), mas eu prefiro utilizar o termo língua sinalizada (*signed language*), que faz paralelo com a língua falada e com a língua escrita.

Destarte, esta tese também analisou os gestos culturais, pois têm relação com a língua e a cultura humana para produzir na forma de gestos corporais, com seus sentimentos e pensamentos, elementos imbricados de cultura.

A partir do *corpus* delimitado para o estudo dos empréstimos linguísticos sobre a Libras e partindo da classificação de Nascimento e Daroque (2019), recategorizei as modalidades de estudo em três, conforme a Figura 3, a seguir:

Figura 3 – Modalidades identificadas pelo empréstimo



Fonte: Elaborada pelo autor.

A Figura 3 apresenta a organização da categorização em três modalidades¹⁶ e suas subcategorias. Essa proposta foi desenvolvida a partir do *corpus* de estudo desta tese e analisada na perspectiva da produção, e não da percepção, o que permite estudos futuros que tratem da influência na percepção.

A modalidade oral-auditiva relaciona-se à influência da língua falada, por exemplo, da língua portuguesa, em contato com línguas de sinais, no caso deste estudo, a Libras. Já a modalidade gráfico-visual relaciona-se à influência do sistema escrito de uma língua oral, no caso desta tese, da escrita da língua portuguesa, em contato com a Libras. Por sua vez, a modalidade gesto-visual relaciona-se à influência de línguas sinalizadas e à influência de gestos culturais, tanto do grupo ouvinte como da comunidade surda sobre a Libras.

Essa discussão sobre a influência de línguas de diferentes modalidades em contato com a língua de sinais também foi levantada pelos autores Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020). Quinto-Pozos e Adam (2015) publicaram um artigo especificamente sobre línguas de sinais em contato. Os autores explicam que é bem comum que algumas regiões do mundo tenham o uso regular de mais de uma língua

¹⁶ Para efeito de análise nesta tese, usarei quatro modalidades: língua falada, língua escrita, língua sinalizada e gestos culturais, muito embora reconheça que as duas últimas sejam provenientes da gestovisualidade.

de sinais. Por exemplo, na Universidade de Gallaudet, em Washington, nos Estados Unidos, há contatos constantes entre inglês, a ASL e outras línguas de sinais, além de línguas orais, nas conversações diárias dentro da instituição. Para os pesquisadores, “o contato linguístico é parte da história evolutiva das línguas no mundo¹⁷” (QUINTO-POZOS; ADAM, 2015, p. 29, tradução nossa).

De acordo de Quinto-Pozos e Adam (2015), o contato linguístico entre falantes e sinalizantes é uma rica teia a ser investigada. Se considerarmos o contato resultante da interação entre sinalizantes de duas línguas de sinais diferentes, várias comparações podem ser feitas. Assim, o Quadro 9 apresenta um resumo das modalidades de interação de várias línguas; em outras palavras, cada língua de sinais interage com várias línguas em contato, de acordo com Quinto-Pozos e Adam (2015, p. 30).

Quadro 9 – Modalidades de interação de várias línguas

Termo	Definição	Exemplo de contato
CONTATO UNIMODAL	Interação entre as línguas em mesma modalidade	sinalizada – sinalizada falada – falada escrita – escrita
CONTATO BIMODAL (OU MULTIMODAL)	Interação entre as línguas em diferentes modalidades	sinalizada – falada sinalizada – escrita falada – escrita

Fonte: Adaptado de Quinto-Pozos e Adam (2015).

As modalidades linguísticas em contato podem ocorrer como interação entre as línguas, mas também em contexto da tradução das línguas, como aponta o trabalho de Segala (2010, p. 27) sobre a tradução intermodal, que é a recodificação de uma mensagem originalmente produzida em Libras (língua gesto-visual) para o português (língua oral-auditiva), ou vice-versa. A tradução intermodal foi aplicada em diversas avaliações, como vestibular dos cursos de Letras Libras, prova do Enem¹⁸, entre outros.

Rathmann (2020), em palestra virtual sobre o Contato Linguístico Unimodal em conversas diárias, explicou as diversas modalidades linguísticas de contatos

¹⁷ *Language contact is part of the evolutionary history of languages in the world* (QUINTO-POZOS; ADAM, 2015, p. 29).

¹⁸ Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que desde 2017 tornou-se acessível para estudantes surdos, oferecendo a prova traduzida para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em videoprova como um documento de registro da língua em questão para as diversas áreas do conhecimento.

unimodais e bimodais e destacou a modalidade linguística unimodal, cujo estudo ainda é bem incipiente. Para o autor, ainda há a necessidade de crescer e investigar mais sobre essa modalidade linguística de contato unimodal. Ele mostrou alguns exemplos de estudos sobre as línguas majoritárias e as línguas minoritárias com a mesma modalidade de línguas sinalizadas, conforme registro no Quadro 10:

Quadro 10 – Modalidades de interação de contato linguístico unimodal

Contato Linguístico Unimodal Sinalizado – Sinalizado	
Tipo	Exemplo
a) LS Majoritária – LS Majoritária	LSM – ASL (QUINTO-POZOS, 2008) LSE – LSC (Quer, 2012) DSGS – LSF – LIS LSFB – VGT
b) LS Minoritária – LS Majoritária	LS Irlandesa – AUSLAN РЖЯ – DGS
c) LS Local – LS Majoritária	ABSL – LS Israeliana
d) LS Local – LS Local	Comunidade da Yucatac – Comunidade da Maya (SAFAR, 2000)
e) Sinais Caseiros – LS Majoritária	

Fonte: Adaptado de Rathmann (2020).

De acordo com Rathmann (2020), os estudos dos contatos linguísticos são importantes para melhor entendermos áreas que incluem o Léxico, a Fonética-Fonologia, a Interface/Prosódia e a Morfossintaxe. A partir desse entendimento, pode-se entender como ocorrem e identificar evidências de contato linguístico na relação entre duas ou mais línguas.

De acordo com Meier (2006), as modalidades de leitura e escrita não foram ignoradas, mas essas representações visuais são em grande parte derivadas de uma língua falada primária. Assim penso também sobre a língua sinalizada. No entanto, a escrita de sinais não será detalhada nesta tese por falta de dados no próprio inventário. Acredito na relevância de abranger esse estudo em pesquisas futuras.

2.2.1 A modalidade da língua falada

Esta subseção demonstra que a influência da modalidade da língua falada é bem alta na Libras devido ao contato constante entre essas duas modalidades. Pêgo (2021, p. 40), sobre a importância da modalidade de língua falada sobre as línguas sinalizadas, defende que:

A comunicação humana, seja ela feita por surdos ou ouvintes, é multimodal, mesmo que com seus parâmetros convencionados por grupos sociais. A frase 'qualquer língua tem influência de outra com a qual compartilha, direta ou indiretamente, o ambiente' precisa ser substituída por: toda língua é multimodal, todos os humanos usam e abusam de forma intencional do seu aparato corporal, independente de suas características 'mais' ou 'menos' visuais ou vocais. As línguas de sinais, por serem corporais-visuais, não deixam de utilizar a face, a boca, com diferentes movimentos, fazendo 'referência', ou não, ao uso comumente feito pelos ouvintes que convivem no ambiente social; no entanto, devemos lembrar que as mãos, na maioria das vezes ficam em primeiro plano e a boca em segundo, mas funcionam como um sistema multimodal em que é possível o encaixe e sincronização de vários componentes corporais. Da mesma forma temos as línguas orais que têm o aparato vocal como primeiro plano e as mãos e outros recursos não-manuais como segundo plano, mas tão importante quanto o primeiro (PÊGO, 2021, p. 40).

Sobre a influência da modalidade da língua falada da língua portuguesa, acrescento que a possibilidade de sua aprendizagem por pessoas surdas provavelmente depende de vários fatores, como o nível de audição de uma pessoa surda ou deficiente auditiva, suas próprias crenças pessoais e em que contexto foi educada. Alguns sujeitos surdos conseguem fazer leitura labial para compreender quando os ouvintes produzem a língua falada pela boca. E os sinalizantes fazem articulação visual pela boca quando produzem sua língua de sinais. Também demonstram movimentos não manuais de língua de sinais da articulação de língua de sinais com sua relação e expressões faciais linguísticas (ocorrem condicionadas aos elementos linguísticos) ou sem expressões faciais afetivas (ocorrem independente de elementos linguísticos, como emoções expressas pelo olhar, postura e gestos).

Ao estudo desta modalidade linguística da língua de sinais, a articulação-boca (*mouthing* em inglês, conhecido internacionalmente) é uma característica de contato entre a língua falada e a língua sinalizada, quando o sinalizante produz os sinais com movimento de articulação de boca sem a voz da língua falada.

Quando a articulação-boca tem relação com o *code-blending*, há um fenômeno que se assemelha à alternância de línguas, mas é possível somente em casos em que há a presença de línguas de modalidades diferentes ao mesmo tempo, ou seja, simultaneidade de produção das línguas (SOUZA; QUADROS, 2012). A palavra em inglês *code-blending*, em português, significa “sobreposição de línguas”. Enquanto na alternância de línguas (*code-switching*) há a alternância de uma língua para outra, na sobreposição de línguas (*code-blending*) as duas línguas são produzidas simultaneamente.

De acordo com Quadros (2017, p. 100), “a língua de sinais usa articuladores independentes da língua falada, esses bilíngues podem produzir ambas as línguas simultaneamente, usando o que é chamado de sobreposição de língua”. O estudo dessa modalidade de língua falada tem sua importância para compreender os fenômenos linguísticos das duas modalidades juntas, como a sobreposição de línguas, pela articulação-boca (*mouthings*) com língua portuguesa e as mãos com a Libras ou também outras línguas sinalizadas.

Pêgo (2021) traduziu o conceito de *mouthings* por “articulação-boca”. A autora acredita que não é somente o caso de traduzir literalmente, mas de colocar o significado em evidência. No Quadro 11, apresento a terminologia empregada por Pêgo (2021):

Quadro 11 – Terminologia de ações-boca

Conceito	Definição
a) Ações-boca <i>Mouth actions:</i>	Englobam os morfemas-boca, as articulações-boca, os gestos-boca e outros movimentos gramaticais da boca.
b) Morfemas-boca <i>Mouth morphems:</i>	São ações-boca que possuem funções de morfemas, como os de composição e os de derivação.
c) Gesto-boca <i>Mouth gestures:</i>	Ações-boca que possuem forma de produção relacionada à visualidade da estrutura da língua de sinais.
d) Articulações-boca <i>Mouthings:</i>	São ações-boca cuja forma de produção é o resultado da interpretação visual do surdo sobre o contato com a língua oral que o cerca.

Fonte: Adaptado de Pêgo (2021, p. 26).

Pêgo (2021) apresentou relevante detalhamento do conceito de articulação-boca e das suas categorias, na análise dos dados da tese dela. Ela identificou, na observação e no registro da dinâmica das articulações-boca, três categorias principais, segundo critérios semânticos, funcionais e temporais. A primeira categoria da articulação-boca é a semântica com o sinal manual, o qual rendeu três principais subcategorias: articulação-boca prototípica; articulação-boca variante; e articulação-boca divergente. Essa categoria de relação semântica ela trabalhou com base em Bank *et al.* (2001). Ela explicou as definições de cada subcategoria de relação semântica com exemplos. O Quadro 12 apresenta a classificação da articulação-boca, quanto à semântica, de forma simplificada.

Quadro 12 – Classificação da articulação-boca quanto à semântica

(continua)

Categoria e definição	Exemplos
<p>Articulação-boca prototípica (padrão) é igual ao sinal manual que a acompanha, tanto na forma quanto no significado.</p>	<div data-bbox="922 1077 1302 1272" style="text-align: center;"> </div> <p data-bbox="847 1274 1378 1335">Articulação-boca e sinal manual é o mesmo: ESCOLA</p> <div data-bbox="922 1339 1302 1534" style="text-align: center;"> </div> <p data-bbox="799 1536 1430 1570">Articulação-boca e sinal manual é o mesmo: ALUNO</p>
<p>Articulação-boca variante é semelhante ao sinal manual semanticamente, mas possui diferenças em relação à forma da articulação-boca prototípica.</p>	<div data-bbox="919 1592 1305 1787" style="text-align: center;"> </div> <p data-bbox="836 1789 1390 1823">Articulação-boca: 'casa' e sinal manual: CASA</p> <div data-bbox="919 1827 1305 2022" style="text-align: center;"> </div> <p data-bbox="831 2024 1394 2058">Articulação-boca: 'morar' e sinal manual: CASA</p>

Quadro 12 – Classificação da articulação-boca quanto à semântica

(conclusão)

Categoria e definição	Exemplos
<p>Articulação-boca divergente(sobreposta) considera articulação-boca que possui forma e significado diferente do sinal manual.</p>	 <p>Articulação-boca: 'como' e sinal manual: AJUDAR</p> <p>Articulação-boca: 'só' e sinal manual: ESCREVER</p>

Fonte: Adaptado de Pêgo (2021).

Das três subcategorias de relação semântica, nesta tese, analiso apenas a articulação-boca divergente, em que não há relação de significado entre o sinal manual e a articulação-boca. Assim, possui sua própria significação e forma do sinal na articulação-boca, independentemente da relação com o sinal manual. Outras duas categorias do estudo de Pêgo (2021) são funcionais e temporais. Neste estudo, não trabalharei essas categorias, pois meu objetivo principal é a unidade lexical empréstimo de outras línguas na Libras. Dessa forma, serve a categoria de articulação-boca divergente, que será mais bem detalhada no quarto capítulo desta tese, de análise dos dados.

Quinto-Pozos (2002; 2009)

relata que em uma região de fronteira transnacional onde o inglês e o espanhol são usados regularmente, a pronúncia de palavras em espanhol pode acompanhar os sinais ASL e a pronúncia de palavras em inglês pode acompanhar os sinais da Língua de Sinais Mexicana (LSM). Em um exemplo dos dados da fronteira, a palavra espanhola IGUAL (SAME em inglês) foi articulada vocalmente enquanto o sinalizante sinalizou simultaneamente o sinal SAME da ASL (QUINTO-POZOS, 2002; 2009)¹⁹.

¹⁹ *Quinto-Pozos (2002, 2009) reports that in a transnational border region where English and Spanish are used regularly, mouthings of Spanish words can accompany ASL signs and mouthings of English words can accompany Mexican Sign Language (LSM) signs. In one example from the border data, the Spanish word igual ("same") appeared as a mouthing while the signer simultaneously signed the ASL sign SAME.*

2.2.2 A modalidade da língua escrita

As influências lexicais se originam no cotidiano das línguas em contato, por estarem no mesmo território nacional, como a língua portuguesa (LP) e a Libras, o que significa que é pelo contato cotidiano que há possibilidade de adoção de itens lexicais da LP para a Libras. Os empréstimos oriundos das LOs para as LSs geralmente utilizam-se da escrita para fazer a importação de novas palavras, o que se aplica para o caso específico da LP para a Libras. Nesse caso, as configurações de mão da Libras são associadas ao registro gráfico das letras da LP (FERREIRA, 2010[1995]).

A primeira linguista a descrever os empréstimos linguísticos da Libras de que se tem registro foi Ferreira, em 1995. Ferreira (2010[1995]) classificou os tipos de empréstimos utilizados pelos usuários da Libras, tais como: lexical, inicialização, sinais de outras línguas de sinais, domínios semânticos, e até mesmo empréstimos de ordem fonética. Dos tipos de empréstimos citados acima, o único que é de língua de sinais para língua de sinais é denominado de “sinais de outras línguas de sinais”, ou seja, são sinais da mesma modalidade gesto-visual de duas línguas de sinais em contato. Essa categoria está discutida na seção 2.2.3 deste capítulo. Os outros tipos de empréstimos estão relacionados à influência da língua oral, no caso, o português, já explicado na seção 2.2.1. Segue o Quadro 13, que apresenta objetivamente a tipologia de empréstimos linguísticos proposta por Ferreira (2010):

Quadro 13 – Tipologia de Ferreira (2010 [1995])

Tipo	Definição e exemplo
a) Empréstimo lexical	Geralmente ocorrem com uso do alfabeto manual da Libras como soletração, por exemplo, uso de nomes próprios, apresentação de um novo sinal ou novo conceito. A soletração é um recurso muito usado em Libras.
b) Inicialização	Sempre emprega a primeira letra da palavra em LP para ser usada como motivação na construção dos sinais nesta língua. Um exemplo do uso deste recurso é o sinal INTERNET, realizado com a CM em “I”.
c) Sinais de outras línguas de sinais	São os empréstimos lexicais de outras línguas de sinais, em que a autora mostra um exemplo simplificado; o sinal ANO, cuja origem parece ser o sinal de mesmo valor semântico da Língua de Sinais Americana (ASL); VERMELHO e LARANJA, possivelmente emprestados da ASL ou da Língua de Sinais Francesa (LSF).
d) Domínios semânticos	A autora mencionou que, em Recife, os sinais para cores são, quase em sua maioria, do mesmo domínio semântico, empréstimos linguísticos, à exceção da cor amarela. O domínio semântico das cores parece não ser relevante na Libras.
e) Ordem fonética	É uma importação visual do som, que mostra como os surdos percebem. Por exemplo, PÁ BURRO que foi emprestado da expressão da LP “pai dos burros”, mas que foneticamente passou a ser representado por B com movimento de retenção na mão direita que não representa “pai”, perdendo a relação com o termo no original, mantendo-se apenas a segunda parte da expressão.

Fonte: Ferreira (2010 [1995], p. 21).

Quadros e Karnopp (2004) nos apresentam o conceito de empréstimos linguísticos. De acordo com as autoras, “de um modo geral todas as línguas, orais ou de sinais, incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras que são consideradas empréstimos linguísticos” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 89). Mais recentemente, tem-se a pesquisa realizada por Faria-Nascimento (2009), que apresenta uma tipologia de empréstimos linguísticos na Libras, exclusivamente da modalidade oral-auditiva, no caso do português para Libras. A classificação de Faria-Nascimento (2009) apresenta: empréstimos datilológicos, por transliteração; empréstimos por transliteração pragmática; empréstimos por transliteração lexicalizada (semidatilológicos); empréstimos por transliteração da letra inicial; empréstimos da “configuração” visual dos lábios; empréstimos semânticos;

empréstimos estereotipados; empréstimos cruzados. A categoria visual dos lábios equivale à mesma modalidade linguística da língua falada explicada na subseção 2.2.1 e, ainda assim, não se identificam os empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais. Segue o Quadro 14, com a forma sintetizada da tipologia de Faria-Nascimento (2009).

Quadro 14 – Tipologia de Faria-Nascimento (2009)

(continua)

Tipo	Definição e exemplo
a) Empréstimo por transliteração	<p>Podem ser subdivididos em:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Empréstimos por transliteração pragmática (datilológicos) Geralmente são provisórios, pois são usados em momentos de interação, quando não existe na Libras um sinal correspondente no léxico dessa língua, ou quando um dos interlocutores não conhece o sinal da Libras que equivale à palavra em LP. Trata-se da datilologia de nomes próprios, instituições, coisas, títulos, marcas, endereços etc., utilizados em contextos bastante específicos relacionados à necessidade de se fazer referência a nomes de pessoas, à necessidade de se fazer uma apresentação pessoal. - Empréstimos por transliteração lexicalizada (semidatilológicos) É mais estável, todavia o grau de lexicalização pode variar de um sinal para outro. Há sinais tão acomodados e naturalizados que respeitam todas as restrições fonológicas e morfológicas de um sinal nativo. Por exemplo, DISTRITO-FEDERAL, KM, SOGRO e PIZZA.
b) Empréstimo por transliteração da letra inicial	<p>Um empréstimo de fronteira, parte do processo de construção de sinais e é híbrido em sua natureza. Esta importação é considerada de aspecto parcial, pois a CM é emprestada da letra inicial da palavra escrita em LP, entretanto, os processos de construção de sinais obedecem às regras gramaticais da língua receptora, a Libras. Como ilustração, podem-se usar os sinais INTERNET e INSTAGRAM.</p>
c) Empréstimo da “configuração” visual dos lábios ²⁰	<p>É uma imitação parcial ou completa da articulação labial das palavras da LP. É o empréstimo de uma cópia da configuração dos lábios dos falantes de línguas orais, simultaneamente à articulação de alguns sinais. Essa cópia, normalmente, não tem som e pode ser alterada ao acomodar-se à estrutura da Libras.</p>
d) Empréstimo semântico	<p>É a tradução literal de uma palavra emprestada. O sinal emprestado toma a roupagem da língua receptora e não é facilmente perceptível como empréstimo. Este tipo de empréstimo é muito comum em expressões idiomáticas (metáforas), como na expressão BATE-PAPO e TER-CARA-DE-PAU. O empréstimo semântico entra na língua receptora com toda a carga semântica e cultural da palavra ou da expressão traduzida de forma literal.</p>

²⁰ Cf. Pêgo (2021) sobre articulação-boca prototípica (padrão).

Quadro 14 – Tipologia de Faria-Nascimento (2009)

(conclusão)

Tipo	Definição e exemplo
e) Empréstimo estereotipado	É a reprodução da forma de um objeto que pode ser um símbolo gráfico convencional usado em diversas culturas, como as formas geométricas, os símbolos matemáticos, os sinais de pontuação. As representações dessas convenções são como desenhos feitos no ar; geralmente, estes são realizados pelo dedo indicador. Outro exemplo é o sinal de VÍRGULA, que é desenhado no ar, com o dedo indicador, imitando o sinal gráfico da vírgula (,). Esse empréstimo, portanto, não tem origem no referente linguístico, mas na representação visual desse referente, o que significa que a representação imagética do símbolo migra de um sistema (simbólico) para outro (linguístico).
f) Empréstimo cruzado	Deve-se principalmente à leitura global das palavras. Este tipo de empréstimo ocorre com palavras graficamente semelhantes, ou seja, homógrafas e parônimas da LP. Estes recebem o mesmo sinal pela semelhança de associações que a comunidade surda faz entre esses sinais e certas palavras em LP. Exemplo: PALMAS (cidade e saudação); CAMARÕES (país e crustáceo); PERU (país e animal). Também outros exemplos: Sapucaia constituído por SAPO^CAIR – cidade do RS; COÇAR-MÃO para “Corsa” – marca de carro da Chevrolet, entre muitos outros.

Fonte: Adaptado de Faria-Nascimento (2009, p. 61).

Cordeiro (2019) apresenta a classificação dos processos fonéticos-fonológicos que podem ocorrer em sinais datilológicos: apagamento, perda de notação léxica, aférese, síncope, apócope, composição de síncope e apócope, epêntese, assimilação, enfraquecimento, fusão, troca de locação, troca de orientação das mãos, troca de movimento, acréscimo de movimento, movimento harmônico do segmento [Z], iteração, duas mãos, envolvimento morfológico, envolvimento semântico e configuração visual dos lábios estereotipada.

Utilizei os resultados da pesquisa sobre a influência da modalidade da língua escrita para Libras com a contribuição da base teórica neste capítulo e alterei ou acrescentei algumas categorias para organização da classificação da modalidade da língua escrita e categorização, que irei explicar em detalhes no capítulo quatro, da Análise dos dados e discussão.

Diante do exposto, pode-se ter uma noção dos possíveis empréstimos linguísticos de uma língua escrita para Libras, então, apresentarei também as influências que outras línguas de sinais exercem na Libras, na próxima subseção.

2.2.3 A modalidade da língua sinalizada

Nesta subseção, a interação entre línguas de sinais da mesma modalidade trata dos empréstimos advindos de outras línguas de sinais para a Libras. Os empréstimos dessa modalidade são um desafio, pois, no contato histórico de duas línguas sinalizadas diferentes, é difícil identificar a origem dos sinais, pois faltam registros documentais e estudos diacrônicos sobre as línguas de sinais. Além disso, as modalidades geralmente excluem gestos comumente usados pelas comunidades de ambiente ouvinte, ou seja, comunidade maior. Alguns desses gestos podem tornar-se parte do léxico ou da gramática das línguas sinalizadas, como já evidenciado, em parte, por mudanças em sua articulação, em comparação com a forma como as pessoas ouvintes usam esses gestos.

Os empréstimos linguísticos também podem ocorrer na mesma fronteira, mais especificamente, da mesma língua de sinais, no caso, a Libras (com suas variedades e regionalismos). No contato entre línguas de sinais diferentes, geralmente há um contexto de fronteira envolvendo o contato entre grupos diferentes, ou ainda, encontros entre sinalizantes de diferentes línguas de sinais em eventos e congressos internacionais.

Na minha pesquisa de mestrado (MACHADO, 2016), para categorizar os empréstimos entre línguas de sinais, especificamente de entrada na Libras, utilizei a classificação proposta por Carvalho (2009) na aplicação de duas categorias tipológicas: quanto à origem e à fase de adoção, já que não foi possível aplicar as outras três categorias propostas por Carvalho (2009): à forma de derivação, à forma de adoção e à função, intenção ou necessidade de uso. Foram apresentados alguns dos léxicos, considerados empréstimos linguísticos na Libras, os quais foram elencados nas duas primeiras categorias da classificação de Carvalho (2009) na seção 2.1.3.1, quanto à origem e à fase de adoção (vide Quadro 15):

Quadro 15 – Os empréstimos linguísticos por Machado (2016)

(continua)

Tipo	Subtipo / Exemplos
	<p>Íntimo</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>PACIÊNCIA</p> </div> <div style="text-align: center;">  </div> <div style="text-align: center;">  <p>RIO BRANCO (URUGUAI)</p> </div> <div style="text-align: center;">  </div> </div> <p>O sinal de PACIÊNCIA é de origem na Língua de Sinais da Argentina (LSA), porém, na convivência entre os surdos falantes da Libras e da LSA, nas fronteiras das cidades do estado do Rio Grande do Sul e das cidades da Argentina, ocorre o contato entre essas duas línguas, o que possibilitou empréstimos linguísticos. Outro exemplo é o sinal RIO BRANCO (cidade de Rio Branco) de origem da Língua de Sinais do Uruguai (LSU). O Uruguai faz fronteira com a cidade gaúcha de Jaguarão e há uma convivência entre os falantes de Libras e da LSU.</p>
<p>Origem</p>	<p>Regional</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>ALUNO</p> </div> <div style="text-align: center;">  </div> <div style="text-align: center;">  <p>DISCIPLINA</p> </div> <div style="text-align: center;">  </div> <div style="text-align: center;">  <p>FELIZ</p> </div> <div style="text-align: center;">  </div> </div> <p>O empréstimo regional foi encontrado em 3 sinais, são eles: ALUNO, DISCIPLINA e FELIZ. É o tipo que ocorre com o léxico de uma mesma língua entre as diferentes variações regionais.</p>
	<p>Externo</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>PRIMEIRO</p> </div> <div style="text-align: center;">  </div> <div style="text-align: center;">  <p>SISTEMA</p> </div> <div style="text-align: center;">  </div> <div style="text-align: center;">  <p>TRADUÇÃO</p> </div> <div style="text-align: center;">  </div> </div> <p>O empréstimo externo é originado nos contatos individuais. Seguem alguns exemplos: PRIMEIRO (ASL); SISTEMA (ASL); TRADUÇÃO (LSF).</p>

Quadro 15 – Os empréstimos linguísticos por Machado (2016)

(conclusão)

Tipo	Subtipo / Exemplos
Fases de adoção	<p>Estrangeirismo</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>MORRER</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>PODER</p> </div> </div> <p>O item lexical MORRER é considerado estrangeirismo, mas essa não é considerada uma situação de alternância de código. O sinalizante não é fluente na ASL, apenas em Libras, ele fez o curso de ASL e, sob essa influência, se expressou com sinais da ASL. Já a utilização do sinal PODER, da ASL e também da IntSL, pode ser considerada uma situação de alternância de código, uma vez que a sinalizante possui fluência em IntSL e na Libras, embora ela tenha utilizado o sinal apenas em um momento.</p>
	<p>Empréstimo</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>LINGUÍSTICA</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>SIGNIFICADO</p> </div> </div> <p>Os sinais de LINGUÍSTICA e SIGNIFICADO são empréstimos da ASL. Na LSF existe esse sinal de LINGUÍSTICA também. E o sinal de SIGNIFICADO também é utilizado na IntSL.</p>
	<p>Xenismo</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>VALERIE SUTTON</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>WILLIAM STOKOE</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>JAPÃO</p> </div> </div> <p>Designa o sinal cuja forma permanece a mesma da língua original, significa que continuam com a aparência estrangeira. Exemplos: Os nomes próprios, como VALERIE SUTTON e WILLIAM STOKOE, da ASL, e o sinal de JAPÃO, da Língua de Sinais Japonesa (LSJ).</p>

Fonte: Adaptado de Machado (2016).

As pesquisas sobre empréstimos de línguas de sinais para a Libras ainda são escassas no Brasil e fora do país. O fato é que, curiosamente, como mostrado no Quadro 15, diferentes línguas de sinais pelo mundo usam certos sinais que estão

presentes e vivos na Libras. A sistematização relativa à origem desses itens lexicais é bastante complexa, uma vez que os registros dessas línguas são recentes.

Como bem lembram Tang e Lau (2012), as línguas de sinais são jovens, circulam nas sociedades de forma mais consistente há pouco tempo, mas, em função dos avanços tecnológicos, certamente os contatos linguísticos entre línguas sinalizadas são mais frequentes na contemporaneidade, o que torna os empréstimos quase inevitáveis, ao tempo em que a diversidade e o intercâmbio entre essas línguas carece ser estudado pela linguística.

Alguns autores relevantes para o empreendimento a que me disponho nesta tese sobre a investigação dos empréstimos linguísticos entre línguas sinalizadas são: Machado (2016), Quinto-Pozos (2007; 2008), Adam (2012; 2017), Sutton-Spence e Woll (1999) e Quer *et al.* (2017). Após o aprofundamento teórico realizado sobre a relação entre empréstimos da mesma modalidade (línguas sinalizadas), eu alterei ou acrescentei algumas categorias para organização da classificação da modalidade língua sinalizada, que irei apresentar em detalhes no capítulo quarto da Análise dos dados e discussão.

2.2.4 A modalidade de gestos culturais

McCleary e Viotti (2011) mostram que é importante contribuir para a compreensão dessas questões. A língua e os gestos coexistem nas línguas de sinais, como nas línguas orais. Os mesmos autores manifestaram que é bem complexo estudar sobre gestos em relação à língua de sinais:

Entretanto, se nas línguas orais é razoavelmente fácil separar o que é linguístico do que é gestual, nas línguas sinalizadas, o fato de o canal de produção de língua e gesto ser o mesmo dificulta imensamente a tarefa de definir o que é propriamente verbal e o que é propriamente gestual (McCLEARY; VIOTTI, 2011, p. 290).

Ressalto que os mesmos autores dizem que os estudos sobre as relações entre língua e gestos nas línguas orais têm se concentrado nos gestos produzidos com as mãos. Por exemplo, sobre as línguas orais, apresentam os elementos linguísticos produzidos pelo trato vocal, e os gestos são aqueles produzidos pelas mãos, que são as línguas sinalizadas. Tanto os elementos linguísticos quanto os gestuais são produzidos não só pelas mãos, mas por expressões faciais, pelo

posicionamento do tronco e pela movimentação de todo o corpo (McCLEARY; VIOTTI, 2011).

Quinto-Pozos e Adam (2015, p. 33) afirmam, sobre os gestos: “alguns desses gestos podem tornar-se parte do léxico ou da gramática das línguas sinalizadas, como evidenciado, em parte, por mudanças em sua articulação em comparação com a forma como as pessoas ouvintes usam esses gestos” (QUINTO-POZOS; ADAM, 2015, p. 33, tradução nossa)²¹. Os mesmos autores explicam o grande desafio em estudar os gestos nas línguas de sinais:

Assim como com outros recursos icônicos, esses recursos gestuais apresentam desafios para o pesquisador do contato linguístico envolvendo língua de sinais. Um desafio para algumas análises (por exemplo, uma análise sintática de uma alternância de código) é determinar se uma forma significativa é, em alguns casos, um sinal ou um gesto (QUINTO-POZOS; ADAM, 2015, p. 33, tradução nossa)²².

Vários autores sugerem que os gestos manuais e não manuais de pessoas ouvintes podem agora ser considerados como parte de língua sinalizada (QUINTO-POZOS; ADAM, 2020, p. 10), como o exemplo de Janzen e Shaffer (2004), que sustentam que alguns gestos manuais foram gramaticalizados como modais na ASL. Também alguns gestos faciais (especificamente movimento de sobrancelhas) foram incorporados como sinais não manuais que fornecem informações sintáticas.

A Língua de Sinais Albanesa também evidenciou como os gestos mudam o léxico na língua. Hoyer (2007)²³ relatou sobre a lexicalização dos emblemas dos ouvintes albaneses na Língua de Sinais Albanesa.

Adam (2012) visualiza os gestos como universalmente pertencentes a ambientes humanos. Ele cita o trabalho de Kendon (2005), que categoriza os gestos em: gestos de co-fala – que incluem gestos dêiticos (apontação) –, gestos referenciais (gestos iconicamente motivados) e gestos emblemas (gestos altamente convencionais dentro de uma comunidade) (ADAM, 2012, p. 851). Adam (2012) mostrou essas três categorias propostas de Kendon (2005) como: os gestos

²¹ *Some of those gestures may become part of the lexicon or grammar of the signed languages as evidenced, in part, by changes in their articulation compared to the way in which hearing people use those gestures* (QUINTO-POZOS; ADAM, 2015, p. 33).

²² *As with iconic devices, such gestural resources present challenges for the researcher of signed language contact. One challenge for some analyses (e.g., a syntactic account of code switching) is to determine whether a meaningful form is, in some cases, a sign or a gesture* (QUINTOS-POZO; ADAM, 2015, p. 33).

²³ *Hoyer (2007) reported on the lexicalization of hearing Albanians' emblematic gestures into Albanian Sign Language.*

dêiticos, os emblemas e os gestos referenciais, categorias que irei utilizar para classificação de modalidade de gestos culturais e que serão mais bem detalhadas no capítulo quarto. Além da proposta de Kendon (2005), a contribuição de Segala (2021) propiciou base para as análises sobre emblemas.

Segala (2021) analisou a emergência de sinais na Libras, ou seja, a influência dos emblemas que constituem o léxico, especificamente, emblemas usados no Brasil e que foram trazidos pela migração italiana; também observou os emblemas franceses, bem como os emblemas brasileiros e italianos com que a Libras teve contato e suas mudanças desde a escola do INES aos dias atuais.

2.3 Fechamento de empréstimos linguísticos e modalidades

Neste capítulo, mostrei os aspectos teóricos importantes para entender sobre o fenômeno de contatos linguísticos, para apresentar a conceitualização de empréstimos linguísticos, e apresentei as diferenças entre empréstimo e estrangeirismo, já que alguns teóricos entendem que o estrangeirismo é diferente do empréstimo. Também discuti a relação entre os nativos e não nativos, de Brentari e Padden (2001), e o processo de nativização por Cormier, Schembri e Tyrone (2008). Foi apresentado, até aqui, o fenômeno dos contatos linguísticos, assim como empréstimos linguísticos entre línguas de sinais e língua oral, a partir dos estudos de Ferreira (2010[1995]), Faria-Nascimento (2009), Nascimento (2010), Machado (2016), entre outros. Mostrei também a importância de compreender a influência das modalidades linguísticas sobre os empréstimos linguísticos. Por fim, tratei dos empréstimos linguísticos e, a partir deles, foi delimitada a abordagem teórica que norteou esta tese, ou seja, a visão linguística que tem a perspectiva social-histórica de constituição da língua, seguindo as modalidades linguísticas de empréstimos desenvolvidas por Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020) e que constituem o objeto de pesquisa desta tese.

Ainda que a investigação científica sobre a influência de outras línguas de sinais e língua oral na Libras seja incipiente, essas evidências necessitam de uma análise mais detalhada para que se possa entender o fenômeno de empréstimos linguísticos. Por isso, esta pesquisa pretende categorizar as modalidades linguísticas de empréstimos linguísticos, verificando os empréstimos de outras

línguas e os gestos culturais para a Libras, para descrever o que acontece com as línguas de sinais quando influenciadas pelo fenômeno linguístico das línguas orais.

No próximo capítulo, apresentarei a metodologia da pesquisa em relação às modalidades linguísticas e aos empréstimos linguísticos presentes nos itens lexicais de outras línguas.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo tem o objetivo de apresentar o percurso metodológico que foi realizado nesta pesquisa sobre as modalidades linguísticas de outras línguas e gestos culturais para Libras em empréstimos linguísticos. Descrevo como o capítulo está estruturado e quais os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa. Assim, prossegue:

- apresentação dos pressupostos metodológicos;
- coleta dos vídeos registros no *Corpus* da Libras, do projeto Inventário Nacional da Libras, com os dados do referido *Corpus de Surdos de Referência*;
- transcrição do *corpus* utilizando o *software Elan* para identificação e seleção dos sinais e empréstimos linguísticos das modalidades da língua coletados do *Corpus de Surdos de Referência*;
- apresentação do critério de seleção da escolha dos *sites* de dicionários *on-line* de outras línguas de sinais e Libras, com o intuito de verificar quais sinais podem ser resultados de empréstimos de outras línguas e gestos culturais;
- apresentação da proposta de Classificação dos Empréstimos Linguísticos de modalidade linguística na Libras. A proposta é formulada e baseada nos estudos de Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020), relacionando-os aos empréstimos linguísticos na Libras, entre as outras línguas e gestos culturais;
- apresentar uma proposta de análise para leitura e compreensão de um *corpus* em língua de sinais a partir da exemplificação de vídeos sinalizados.

Este capítulo explicita o caminho metodológico desta tese, assim como o objeto de pesquisa, na intenção de formar uma compreensão sobre o fenômeno dos empréstimos linguísticos. Logo, poderá contribuir no fomento de futuras pesquisas e servir de investigação a respeito de cada modalidade da língua e gestos culturais, em detalhe, para que outros pesquisadores desenvolvam novos trabalhos. Nas seções seguintes, esses aspectos serão descritos com mais detalhes. A próxima seção será formada pelos pressupostos metodológicos desta pesquisa sobre os empréstimos linguísticos na Libras: modalidades e categorização.

3.1 Pressupostos metodológicos

Este estudo apresenta uma abordagem quanti-qualitativa, uma vez que identifiquei e quantifiquei as ocorrências de empréstimos linguísticos e fiz uma análise interpretativa dos resultados. Os itens selecionados são inseridos no grupo das investigações descritivas, que têm a finalidade de descrever o objeto de estudo com suas características nos fenômenos linguísticos, de como identificar e estabelecer, para entender como é o processo em que os itens lexicais, por meio de contatos linguísticos, são inseridos como empréstimos linguísticos na Libras. De acordo com Gil (1996, p. 67), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Esta pesquisa, assim como definido por Gil (1996), descreve o fenômeno dos empréstimos linguísticos e suas ocorrências em diversas modalidades das línguas e gestos culturais em contato com a Libras.

A coleta de dados será documental e transversal através do Projeto Inventário Nacional da Libras²⁴, em específico o *Corpus de Surdos de Referência*, a fim de identificar, nos dados coletados e registrados por meio de vídeos, o uso ou o registro de sinais que possuem empréstimos linguísticos de outras línguas e os gestos culturais oriundos de diversas modalidades linguísticas.

A metodologia seguiu alguns passos e pressupostos elaborados por Machado (2016), com as modalidades falada, escrita, sinalizada e os gestos culturais em contato a partir do estudo de modalidades linguísticas de Meier (2004), Quinto-Pozos e Adam (2020; 2015) e Nascimento e Daroque (2019); dos estudos sobre empréstimos linguísticos de Battison (1978), Sutton-Spence e Woll (1999), Brentari e Padden (2001), Johnston e Schembri (2007), Ferreira (2010[1995]), Faria-Nascimento (2009), Cordeiro (2019), Adam (2012), Quer *et al.* (2017), Segala (2021) e Pêgo (2021); e também dos estudos de Carvalho (2009), a fim de identificar características no processo de formação/incorporação desses empréstimos de diversas modalidades para o preenchimento de itens lexicais de empréstimos linguísticos na Libras.

²⁴ A coleta de dados deste projeto seguiu um mesmo padrão metodológico para os todos os envolvidos a fim de que se possam tornar os dados comparáveis e qualitativamente equivalentes. Desse modo, os recursos tecnológicos para coleta, tratamento (edição e transcrição) e armazenamento serão os mesmos, assegurando-se, no final, um *corpus* homogêneo com registros consistentes da Libras, com vistas às pesquisas nas áreas de Linguística, Literatura, Cultura, entre outras. Os dados coletados a partir dessa metodologia integrarão os estudos linguísticos da Libras e a Antologia da Literatura em Libras.

3.2 *Corpus* – Inventário Nacional de Libras

A coleta de dados no *Corpus* foi constituída por vídeos que compõem o acervo coletado pelo Projeto Inventário Nacional da Libras, especificamente, o *Corpus* de Surdos de Referência (QUADROS *et al.*, 2018). Os Surdos de Referência (informantes) foram identificados pela comunidade surda por meio da indicação da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), com o total de 35 surdos participantes, reconhecidos pela comunidade surda como representantes de referência dos surdos brasileiros; eu, inclusive, sou um deles, representando o estado do Ceará.

Os informantes foram identificados como representantes de sua comunidade surda nacionalmente ou localmente, em seus respectivos 16 estados brasileiros. Esses surdos exercem papéis sociais liderando uma linha de atos e atividades em diversos níveis sociais, tais como nos níveis educacionais, esportivos, culturais, políticos, sociais, intelectuais e comunitários. Assim, são esses que integram o inventário do *Corpus de Surdos de Referência* e representam as várias lideranças importantes da comunidade. Veja a seguir, no Quadro 16, a lista dos 35 participantes (nome e estado) do *Corpus de Surdos de Referência*, sendo 19 do sexo feminino e 16 do masculino:

Quadro 16 – Lista de Surdos de Referência (informantes)

NOME	UF	NOME	UF
1. Ana Regina de Souza Campello	RJ	19. Messias Ramos Costa	DF
2. Antônio Abreu Campos	MG	20. Myrna Salerno	RJ
3. Antônio Carlos Cardoso	PE	21. Nelson Pimenta de Castro	RJ
4. André Reichert	SC	22. Patrícia Luiza Rezende	RJ
5. Débora Campos Wanderley	SC	23. Paulo Vieira	SP
6. Deonísio Schmitt	SC	24. Priscilla Leonor Alencar Ferreira	BA
7. Fabíola Moraes Barbosa	BA	25. Raimundo Cleber Teixeira Couto	PA
8. Fernanda de Araújo Machado	SC	26. Rimar Ramalho Segala	SP
9. Flaviane Reis	MG	27. Rodrigo Nogueira Machado	CE
10. Gabriel Lelis Cordeiro	AP	28. Sandro dos Santos Pereira	SP
11. Giselle P. de M. Carvalho	PA	29. Sédina dos Santos Jales Ferreira	RN
12. Jackson da Silva Vale	AM	30. Simone Gonçalves de L. e Silva	SC
13. José Arnor de Lima Junior	RN	31. Simone Patrícia Soares de Souza	RN
14. Karin Strobel	SC	32. Shirley Vilhalva	MS
15. Kelly Samara Pereira Lemos	PI	33. Sylvia Lia Grespan Neves	SP
16. Larissa Rebouças	SE	34. Thiago Ramos de Albuquerque	PE
17. Marisa Dias Lima	MG	35. Tibiriçá Maineri	RS
18. Marianne Rossi Stumpf	SC		

Fonte: Elaboração adaptada de Quadros *et al.* (2018).

Os participantes do *Corpus de Surdos de Referência* são oriundos das 5 regiões brasileiras: na Região Sul com 8 sujeitos; no Sudeste com 11 sujeitos; no Centro-Oeste com 2; no Nordeste com 10; e no Norte com 4; perfazendo um total de 16 estados brasileiros, sendo um deles o Distrito Federal. Entre os participantes do *Corpus de Surdos de Referência*, selecionei 12 informantes para a análise, aproximadamente 34% dos participantes, sendo 6 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com duração total de 5h41min; no entanto, não é nosso propósito estabelecer qualquer relação dos resultados com dados extralinguísticos, tais como escolaridade, idade ou sexo.

Os informantes selecionados para a composição do *corpus* desta pesquisa estão listados a seguir, em ordem alfabética, com a fotografia e uma breve biografia deles²⁵. Essa exposição é, também, uma forma de agradecimento aos colegas surdos que se dispuseram a “soltar suas mãos”, contribuindo para a pesquisa sobre nossa Língua, a Libras.

Quadro 17 – Informantes selecionados do *Corpus de Surdos de Referência*

(continua)

Informantes selecionados	Descrição referente do ano da fonte
 1. Ana Regina de Souza Campello (RJ)	Liderança Surda. Doutora em Educação. Professora e pesquisadora da área da educação de surdos (INES). Área de concentração: Educação de Surdos. Primeira presidente surda da FENEIS nacional (antiga FENEIDA), em 1987. Ex-presidente da FENEIS nacional em várias gestões. Sempre esteve à frente dos movimentos sociais surdos.
 2. Antônio Abreu Campos (MG)	Liderança Surda. Historiador. Professor. Ex-presidente da FENEIS Nacional. Ex-presidente da FENEIS – MG. Desempenhou papel importante na constituição política para o reconhecimento da Libras em vários estados e municípios brasileiros e no país. Especificamente, esteve envolvido diretamente na constituição da Lei n. 10.436/2002 (Lei de Libras) e da Lei de Reconhecimento da Libras no estado de MG, Lei n. 10.379 de 1991. Fundador do escritório regional da FENEIS – MG.

²⁵ As informações acerca da formação dos informantes tomam como base Quadros *et al.* (2018), no entanto, muitos dos informantes já avançaram na sua formação acadêmica. Optei por deixá-los como os coletados por Quadros *et al.* por condizer com a realidade de quando os dados foram coletados, em 2017.

Quadro 17 – Informantes selecionados do *Corpus de Surdos de Referência*

(continua)

Informantes selecionados	Descrição referente do ano da fonte
 3. André Reichert (SC)	Liderança surda. Doutor em Linguística Aplicada (UNISINOS). Professor do Departamento de Libras da UFSC. Possui experiência na área de Educação de Surdos, desde educação básica até o ensino superior, bem como no ensino de Libras para alunos ouvintes, com ênfase em Educação e Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: educação de surdos, Libras, estrutura gramatical, tradução, educação e bilinguismo.
 4. Flaviane Reis (MG)	Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação da UFU. Área de concentração: Educação de Surdos e Políticas Educacionais.
 5. Giselle Pedreira de Mello Carvalho (PA)	Liderança Surda. Licenciada em Letras Libras. Professora de Libras (UFPA).
 6. Jakson da Silva Vale (AM)	Liderança Surda. Licenciado em Letras Libras. Professor de Libras (IFAM).
 7. Marianne Rossi Stumpf (SC)	Liderança Surda. Doutora em Educação e Tecnologia da Informação. Professora do Departamento de Libras da UFSC. Área de concentração: Escrita de Sinais; Glossários em Libras.
 8. Messias Ramos Costa (DF)	Liderança Surda. Doutor em Linguística. Professor do Departamento de Libras da UnB. Área de concentração: Terminologia em Libras.
 9. Priscilla Leonor Alencar Ferreira (BA)	Professora Auxiliar da Universidade Estadual Sudoeste da Bahia (UESB). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) / Campus Vitória da Conquista. Pós-graduada (<i>lato sensu</i>) em Libras, pela Faculdade Dom Pedro II (2013). Licenciada em Letras Libras, com habilitação em Língua Brasileira de Sinais, pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011) e graduação em Pedagogia pela Faculdade Evangélica de Salvador (2010). Atualmente vice-coordenadora nacional da Programa de Negros Surdos na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS).

Quadro 17 – Informantes selecionados do *Corpus de Surdos de Referência*

(conclusão)

Informantes selecionados	Descrição referente do ano da fonte
 10. Rimar Ramalho Segala (SP)	Liderança Surda. Mestre em Estudos da Tradução. Professor e pesquisador da UFSCAR. Contador de histórias e poeta. Área de concentração: Tradução intersemiótica, interlinguística e intermodal.
 11. Simone Patrícia Soares de Souza (RN)	Pedagoga e licenciada em Letras Libras da UFSC – Polo UFC. Especialista em Libras. Professora de Ensino de Libras do Curso de Letras Libras/Língua Portuguesa como L2 (UFRN). Fundadora da ASNAT – Associação de Surdos de Natal e liderança surda de Natal/RN.
 12. Thiago Ramos de Albuquerque (PE)	Mestre em Educação em Ciências e Matemática – UFPE, Especialista em Libras – UFPE, Graduado em Letras/Libras – UFSC e em Design Gráfico – Unibratéc. Professor Surdo de Libras e Vice-Coordenador Setorial de Núcleo de Acessibilidade na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE / Centro Acadêmico do Agreste – CAA. Consultor de Libras nos diversos projetos. Atua na área de Linguística de Libras, promovendo acessibilidade comunicacional e a inclusão de pessoas surdas.

Fonte: Adaptado de Quadros *et al.* (2018).

O acervo do *Corpus da Libras Inventário Nacional de Libras – Surdos Referência* está no repositório institucional da UFSC e é de livre consulta (<https://corpuslibras.ufsc.br/>). Por essa razão, não foi necessária a autorização para uso das imagens dos informantes, visto que, em razão da modalidade da língua de sinais, as expressões faciais dos participantes (assim como sinais) são elementos importantes das fontes de análise.

Os participantes selecionados advêm de 10 estados brasileiros. Os informantes são divididos em dois grupos: 6 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. A seguir, apresento os nomes dos informantes e seus respectivos estados de origem, que compuseram o *corpus* desta pesquisa; segue no Quadro 18:

Quadro 18 – Identificação dos informantes por região

NORTE	NORDESTE	CENTRO-OESTE	SUDESTE	SUL
Giselle – PA Jackson – AM	Simone – RN Priscilla – BA Thiago – PE	Messias – DF	Ana Regina – RJ Antônio – MG Flaviane – MG Rimar – SP	André – SC Marianne – SC

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esta pesquisa dá ênfase aos itens lexicais de diversas modalidades linguísticas através de contatos linguísticos que são considerados empréstimos linguísticos, observados também sob a ótica da origem regional, pois pode acontecer proveniente de empréstimos de variantes linguísticas da própria Libras.

O projeto do Inventário Nacional da Libras foi financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pelo Ministério da Cultura e pelo CNPq, executado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL).

Em maio de 2017, foi realizado o Seminário do Inventário Nacional da Libras na UFSC, em Florianópolis/SC, no qual foram reunidas referências das comunidades surdas brasileiras para socializarem seus conhecimentos e suas experiências, e também para participarem da formação sobre o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)²⁶ e sobre o Inventário Nacional da Libras, além de cooperarem com a coleta de dados que se junta a esse Inventário no *Corpus* da Libras.

Os dados coletados pelo grupo de pesquisadores do Inventário estão organizados em quatro fases: entrevista, narrativas com base em histórias em sequência, narrativas com base em clipes de vídeos não falados e vocabulário. Na primeira fase, os participantes foram convidados a relatar sua experiência de vida, relação familiar, experiência educacional, vivências relacionadas com a Libras e a língua portuguesa. Na segunda fase, a entrevistadora mostrava um quadro com imagem e em seguida solicitava que o entrevistado (surdo) narrasse uma história em sequência; cada surdo tem contato com a imagem e depois a narra à entrevistadora. Na terceira fase, foi apresentada uma narrativa com base em clipes de vídeos não falados. Cada participante surdo assistiu a um vídeo curto, no máximo de 3 minutos (há dois vídeos diferentes, alternando para cada), para contar as respectivas histórias à entrevistadora. A última fase era constituída por um conjunto de imagens a partir de um mesmo *frame* semântico para a produção de vocábulos em Libras,

²⁶ Estima-se que mais de 250 línguas sejam faladas no Brasil, entre indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural é desconhecido por grande parte da população brasileira, que se acostumou a ver o Brasil como um país monolíngue. O resultado da mobilização que envolveu setores da sociedade civil e governamentais interessados em mudar esse cenário é o Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) como instrumento oficial de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas faladas pelos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/indl>.

com base na Lista *Swadesh* para referência relativa a um conjunto de termos usados pelos surdos participantes.

Nesta tese, das fases supracitadas, utilizei os dados apenas que envolvem as entrevistas, tipo de dado em que há o informante junto à entrevistadora, respondendo a questões sobre diversos temas previamente selecionados pela metodologia do *Corpus*. Selecionei essa fase, pois é aquela em que os dados são maiores em relação ao tempo de interação. Dessa forma, propicia uma possibilidade maior de identificar mais ocorrências. O roteiro das entrevistas está disponível no Anexo A.

Esta pesquisa foi realizada de modo a perceber e identificar no léxico sinalizado o que é considerado empréstimo linguístico de outras línguas e os gestos culturais, em uma observação que desconsidera qualquer influência de classificadores sintáticos possíveis de ocorrer na contação de narrativas. A observação deste estudo, se pauta na análise do léxico em Libras com marcas de empréstimo localizado no material gravado, no entanto, este estudo não esgota todas as possibilidades de léxico com empréstimo linguístico no *Corpus*.

Sobre os vídeos do *Corpus de Surdos de Referência*, esse foi o recorte possível para uma pesquisa em nível de doutorado. Para perceber e identificar no léxico sinalizado o que era empréstimo linguístico de outras línguas e os gestos culturais, será feita uma observação extremamente detalhada; o objetivo não é encontrar a quantidade exata das ocorrências, mas percebê-las no material gravado.

3.3 Transcrição dos dados

Em Machado (2016), utilizei como instrumento para transcrição de todos os vídeos o programa de notação *ELAN*, *Eudico – Anotador Linguístico*, encontrado no site <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>. Em minha dissertação de 2016, apresentei o *ELAN* como um programa desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics*, em Nijmegen, Holanda, cujo objetivo é facilitar as anotações de sinais relacionadas às gravações em vídeo. Neste estudo, também utilizei o mesmo *software*, pois continuarei com a mesma técnica de descrição linguística e, principalmente, por estar trabalhando com um *corpus* maior, identifiquei no programa essa possibilidade.

Para a transcrição dos dados no *ELAN*, Quadros *et al.* (2018) propõem, nomeiam e descrevem cinco trilhas sobre o escopo do Inventário Nacional de Libras para utilização pelos transcritores do inventário:

1. SinaisD – sinais produzidos com a mão direita.
 2. SinaisE – sinais produzidos com a mão esquerda.
 3. Tradução – tradução para o português.
 4. Comentários do transcritor.
 5. Comentários do tradutor.
- (QUADROS *et al.*, 2018, p. 45)

As trilhas comentários do transcritor e comentários do tradutor são referentes ao registro de algum comentário feito pelo transcritor e pelo tradutor sobre as trilhas 1, 2 e 3. Para esta análise, acrescento a trilha *empréstimos – modalidade*, para a identificação de modalidade linguística em 4 classes de empréstimos linguísticos na Libras, são elas: língua falada, língua escrita, língua sinalizada e gestos culturais. No *ELAN* as classes/modalidades foram configuradas como vocabulário controlado (VC)²⁷ através da trilha empréstimo. Veja no Quadro 19 o planejamento para cada trilha de análise do *Corpus*:

Quadro 19 – Planejamento das trilhas dos Empréstimos Linguísticos na Libras

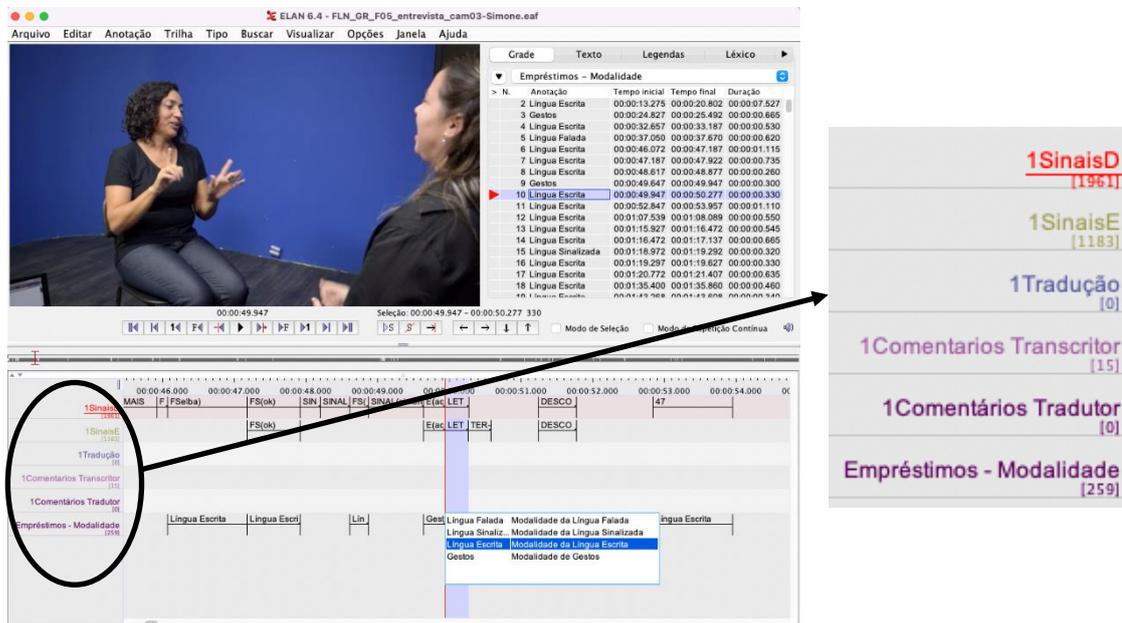
Ordem da trilha	Nome da trilha	Vocabulário controlado
Primeira trilha	1SinaisD	-----
Segunda trilha	1SinaisE	-----
Terceira trilha	1Tradução	-----
Quarta trilha	1Comentários do transcritor.	-----
Quinta trilha	1Comentários do tradutor.	-----
Sexta trilha	Empréstimos – Modalidade	Modalidade da Língua Falada Modalidade da Língua Escrita Modalidade da Língua Sinalizada Modalidade de Gestos Culturais

Fonte: Elaborado pelo autor.

A figura a seguir mostra uma interface do *Elan*. Nela há 5 trilhas do escopo do Inventário Nacional da Libras (QUADROS *et al.*, 2018) e mais uma trilha criada para esta pesquisa, a fim de facilitar a identificação e anotação da categoria empréstimos e suas subcategorias (a categorização de cada modalidade linguística será descrita na subseção 3.5). Veja a seguir a Figura 4 sobre as trilhas:

²⁷ A maior parte das trilhas é constituída por um repertório fechado e/ou restrito de possibilidades de anotação – exceto quando a trilha apresenta uma gama muito grande de possibilidades, como é o caso das glosas. Esse repertório de entrada é denominado “vocabulário controlado” no *ELAN* (LEITE, 2008).

Figura 4 – *Frame* da interface *Elan* sobre transcrição de sinais e destaque das trilhas



Fonte: Captura do vídeo selecionado para a pesquisa.

Vale ressaltar que tanto a primeira trilha “1SinaisD” quanto a segunda trilha “1SinaisE” serão registradas em glosas²⁸, dependendo de cada informante (destro ou canhoto). Os informantes selecionados para a pesquisa são em maioria destros, tendo como mão dominante a mão direita. Apenas duas informantes são canhotas – Giselle (PA) e Priscilla (BA).

Sobre isso, McCleary e Viotti (2007 *apud* LEITE, 2022) afirmam que no contexto de pesquisas de línguas de sinais, o uso de glosas deveria ser visto como nada mais do que nomes convencionalmente associados aos sinais, para fins de pesquisa, não devendo ser confundidas, portanto, nem com o sentido do sinal, nem com a sua categoria ou função gramatical. Como discutido em Leite *et al.* (2022, p. 20):

É importante salientar, mais uma vez, que essa postura metodológica de recusa ao apelo a palavras do português não implica negar o fato óbvio do contato linguístico entre libras e português na vida das pessoas surdas, que naturalmente acarreta em influências do português sobre a libras em diversos níveis da estrutura linguística, incluindo as influências semânticas de palavras do português sobre sinais da libras. Ainda assim, uma

²⁸ A glosa é utilizada nos estudos descritivos das línguas de sinais como parte de um sistema de notação linguística. No caso do Brasil, as glosas utilizam a língua portuguesa grafadas com letras maiúsculas, representando o enunciado feito em Libras, mantendo a mesma estrutura gramatical da língua de sinais.

compreensão científica sobre o significado dos sinais não pode ser alcançada a menos que consideremos as relações de sentido que os sinais estabelecem entre si no próprio sistema linguístico da libras – no eixo combinatório da composição de sentenças (as relações sintagmáticas) e no eixo associativo das relações de forma e sentido que determinam a seleção de um certo sinal e não outros (as relações paradigmáticas) em contextos linguísticos particulares (SAUSSURE, 2006 [1913]). (LEITE *et al.*, 2022, p. 20).

Diante do exposto, considero os apontamentos sobre o uso de glosas nesta tese, adotando a seguinte estratégia para análises: (i) recorreremos ao uso de glosas somente nas análises da *Modalidade da Língua Falada* e da *Modalidade da Língua Escrita*, diante do evidente contato com a língua portuguesa; (II) as ocorrências de empréstimos na *Modalidade de Língua Sinalizada* e na *Modalidade de Gestos* serão consideradas as traduções entre parênteses, conforme propõem Leite *et al.* (2022, p. 12) seguindo as orientações de McCleary e Viotti (2007). Com efeito, coloco entre parênteses os elementos no processo tradutório, que só podem ser recuperados pelo contexto e/ou que são próprios da estrutura gramatical do português.

3.4 Seleção de dados

A seleção das fontes dos dados ocorreu de duas formas: a) seleção das línguas do estudo – a língua portuguesa (LP), a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Língua de Sinais Francesa (LSF), a Língua de Sinais Americana (ASL) e a Língua de Sinais Internacional (IntSL); e b) seleção dos *sites* de dicionários *on-line* de outras línguas de sinais e Libras (a seleção seguiu o critério de materiais disponíveis impressos ou digitais, e *on-line*).

A descrição das características da seleção será explicitada nas próximas subseções.

3.4.1 Línguas do estudo

Como dito, as línguas selecionadas foram LP, LSF, ASL e IntSL²⁹. Além do conhecimento das línguas, tenho contato com sinalizantes dessas línguas, o que

²⁹ Nomenclatura IntSL (da forma de sigla em inglês “Int” = *International*, SL= *Sign Language*) foi utilizada por Christian Rathmann e Ronice Quadros na palestra do evento da Abralim em

permite a percepção das particularidades de expressão em cada uma, o que torna essa investigação merecedora de atenção.

A LSF é a língua de sinais que historicamente estabelece vínculo de herança linguística com a Libras, pois a primeira escola de surdos no Brasil foi organizada por um professor surdo convidado pela corte imperial, o professor E. Huet (CAMPELLO, 2011; ROCHA, 2007). A LSF tem forte influência na história dos surdos, porque a primeira escola para surdos do mundo foi fundada por um padre francês, L'Epée. Essa instituição é o conhecido Instituto de Jovens Surdos-Mudos³⁰.

A ASL é considerada uma língua “irmã” da Libras, pois o processo de influência linguística ocorreu de modo semelhante. As duas pertencem à mesma família linguística (MCCLEARY, 2008), que veio da LSF, com sua semelhança histórica. A ASL é uma das línguas de sinais de maior influência no mundo, não somente pelo fato de os Estados Unidos abrigarem a Universidade de Gallaudet³¹, reconhecida mundialmente como universidade de surdos, e suas publicações terem grande influência no campo de investigação que envolve línguas de sinais.

A Língua de Sinais Internacional (IntSL) tem se estabelecido como meio de comunicação em grandes eventos de surdos, tanto culturais e esportivos quanto em eventos acadêmicos. Possui um léxico diversificado para a comunicação, com o objetivo principal de contato entre sinalizantes de línguas de sinais diferentes. A IntSL é usada principalmente em eventos internacionais. Sobre a IntSL, Pinheiro (2020, p. 110) concluiu que: “[...] a língua de sinais internacional – LSI é considerada uma língua humana e com assimilação das diversas culturas dos países mundo afora como pluriculturais e multiculturais, mas é a segunda língua ou terceira língua dos surdos”.

A IntSL não possui registro de sinais acadêmicos específicos, porém, é possível fazer uso dessa língua em eventos de cunho acadêmico, nos quais se

20/11/2021 na plataforma de YouTube pelo canal da Abralin: <https://aovivo.abralin.org/lives/lingua-de-sinais-internacional/> ao apresentar a palestra *Língua de Sinais Internacional* oriunda da pesquisa “*International Sign Language: Two Perspectives*” de Rathmann e Quadros (2021). Outras siglas para a mesma referência podem ser encontradas, como, por exemplo, LSI.

³⁰ Em 1755, L'Epée fundou a primeira escola para ensino de surdos, que chegou a ter 60 alunos de todas as classes sociais. Em seu trabalho, utilizava os sinais pelos quais os surdos se comunicavam entre si e também criou outros, que denominava de sinais metódicos, usados para o desenvolvimento da linguagem escrita. Essa escola foi de natureza privada e gratuita até 1791, quando foi transformada no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris, tendo como primeiro diretor o abade Sicard [1742-1822] (ROCHA, 2007).

³¹ A Universidade de Gallaudet fica em Washington D.C., nos Estados Unidos, e é a única universidade para surdos no mundo.

exige o uso de um léxico mais elaborado. Como relatado no primeiro capítulo desta tese, sou intérprete de IntSL/LIBRAS/LP e percebo a excelente mobilidade de compreensão e produção dessa língua em diferentes áreas.

Outras línguas de sinais não serão efetivamente consideradas neste estudo, por não serem línguas conhecidas por mim, o que poderia ser fator complicador no reconhecimento dos possíveis estrangeirismos provenientes de línguas desconhecidas por mim. Esse fato, entretanto, não descarta, em absoluto, a existência de empréstimos linguísticos de outras línguas para a Libras.

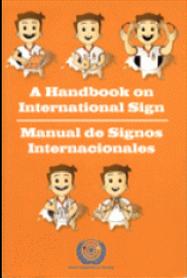
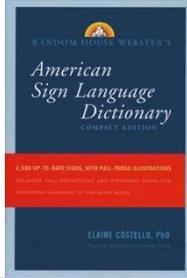
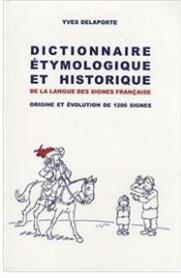
3.4.2 Dicionários de outras línguas

A seleção dos dicionários de línguas de sinais de outros países, além de um dicionário nacional (LP, LSF, ASL e IntSL), seguiu o critério de materiais disponíveis impressos (ou digitais) e *on-line* – *site* de línguas de sinais que, supostamente, são as que mais servem de fonte de empréstimos linguísticos para a Libras.

Quanto à língua oral, a língua portuguesa, foram selecionados o dicionário trilingue impresso de Capovilla (2015) e o dicionário *on-line* do *site* do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Ambos são bilíngues em Libras e em LP. Veja no Quadro 20 a descrição das fontes sobre os dicionários selecionados.

Quadro 20 – Dicionários selecionados

(continua)

Língua	Descrição
IntSL	<p>Impresso: <i>Manual de Signos Internationales</i>, por <i>Fundación Confederación Estatal de Personas Sordas – CNSE; Fundación FAXPG</i></p>  <p>Este material é promovido pela instituição espanhola. O Manual de Sinais Internacionais é um material bilíngue (Inglês-Espanhol) que inclui uma proposta de aproximadamente 900 sinais internacionais por meio de fotografias e símbolos em cores. Está organizado em duas seções: Comunicação Geral (Alfabeto de Impressão Digital, Números, Cores, Expressões Temporais, Vocabulário Básico e Geográfico) e Comunicação Específica (Cultura, Direito, Política e Sociedade, Educação, Linguagem, Novas Tecnologias e Acessibilidade e Saúde). É um guia de bolso muito útil para todos os usuários desse sistema de comunicação.</p> <p>Site: http://www.sematos.eu/isl.html</p> <p>É um dicionário <i>on-line</i> bem básico, possui 440 verbetes, organizados com as categorias de classes gramaticais.</p>
ASL	<p>Impresso: <i>Webster's American Sign Language Dictionary, Compact Edition</i>, por Dra. Elaine Costello (2008).</p>  <p>Esse dicionário ASL abrange informações sobre a história e a formação da ASL, bem como o funcionamento de sua estrutura gramatical. As entradas individuais são organizadas em ordem alfabética com uma definição, notação de classe gramatical e sinal ilustrado, uma descrição do sinal e notas sobre sinais semelhantes ou idênticos. Mais de 4.500 sinais estão incluídos com milhares de referências.</p> <p>Site: https://www.signasl.org</p> <p>Esse <i>site</i> é um conjunto de coleta de diversos dicionários <i>on-line</i> da ASL através de outros <i>sites</i>. Atualmente, existem pouco mais de 40.000 vídeos listados nesse <i>site</i>, com sinais gravados por mais de 150 sinalizantes diferentes. O responsável pelas informações de dicionário e definição de palavras desse <i>site</i> é o <i>WordNet</i> da <i>Princeton University</i>.</p>
LSF	<p>Impresso: <i>Dictionnaire Étymologique et Historique de la Langue des Signes Française</i>, por Yves Delaporte (2007).</p>  <p>Este dicionário etimológico, o primeiro do mundo dedicado a uma linguagem gestual, busca pesquisar a gênese dos signos e reconstituir todas as etapas de sua evolução. Durante essa viagem no tempo, ligações insuspeitadas emergem entre signos cujas formas e significados divergiram ao longo da história. A língua de sinais francesa aparece hoje como um sistema organizado em famílias morfossemânticas a partir de parâmetros formais portadores de significados e em famílias lexicais herdadas da cultura dos séculos passados: o duelo, a Quaresma cristã, o garfo do diabo ou o gesto de fazer chifres. Além das 1200 etimologias que oferece, este dicionário é a base de um novo campo científico, o estudo dos léxicos das línguas de sinais e sua evolução.</p> <p>Site: https://dico.elix-lsf.fr/</p> <p><i>Elix</i> é um dicionário bilíngue de LSF / Língua Francesa que funciona como um motor de busca: basta introduzir uma palavra no <i>DicoElix</i> para que lhe seja apresentado, em vídeo, o sinal associado e a sua definição em LSF. É o maior recurso de LSF, com quase 21.000 definições traduzidas e mais de 15.300 sinais. <i>Elix</i> cria uma ponte entre a LSF e o francês para facilitar a inclusão de pessoas surdas na sociedade e facilitar o aprendizado da LSF para todos.</p>

Quadro 20 – Dicionários selecionados

(conclusão)

Língua	Descrição
Libras	<p>Impresso: Novo Deit-Libras. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Libras, por Fernando Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Aline Cristina L. Maurício (2015).</p>  <p>A 3ª edição revista e ampliada do Novo Deit-Libras, atualizada conforme o novo acordo ortográfico, baseia-se no paradigma de linguística e neurociências cognitivas, que fomenta o engajamento compreensivo e a articulação de processamento pelos hemisférios esquerdo e direito, além do cerebelo. Contém léxico de sinais duas vezes maior que o do dicionário anterior e diversas inovações, como a soletração digital dos verbetes, além de novo paradigma de Neurociência cognitiva para dicionarizar língua de sinais em substituição do velho paradigma. Apresenta também a classificação gramatical dos verbetes, descrição escrita da forma e do significado dos sinais, exemplos de uso e ilustrações gráficas dos verbetes e um índice semântico que agrupa os verbetes em temas. Com dois volumes.</p> <p>Site: https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/</p> <p>O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) é o responsável. Trata-se de um dicionário bilíngue – LP x Libras e Libras x LP, de bases linguísticas, com sinais filmados em movimentos, o que permite que seja visto em sua totalidade. Organizado metodologicamente por especialistas surdos, filólogos, lexicólogos e linguistas, disponibiliza oito mil sinais/vídeos animados (com movimento), em ordem alfabética.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Além dos dicionários citados acima, consultas no dicionário *on-line Spread the sign*³² também se caracterizou como um passo de verificação e investigação de itens lexicais. O *site Spread the sign* (que também está na versão de aplicativo) é uma ferramenta de tradução internacional para várias línguas de sinais. A ferramenta aumenta a acessibilidade a outras línguas de sinais e simplifica a troca entre os usuários de línguas de sinais no mundo.

Essa ferramenta oferece a possibilidade de ver como as palavras e frases são feitas em língua de sinais, apresentadas em videoclipes. Essas palavras e frases podem ser apresentadas em muitas línguas de sinais diferentes, e o acesso é mais ou menos imediato, ressalta que é útil para a comunicação entre surdos e ouvintes e para usuários de diferentes línguas de sinais no mundo. O *site* serviu também como ferramenta de avaliação e conferência dos sinais considerados empréstimos para esta investigação.

³² *SpreadtheSign* começou em 2006 como um projeto do professor de Ciências Sociais Thomas Lydell da Escola Nacional Sueca de Ensino Médio para Surdos e Deficientes Auditivos na cidade de Örebro, Suécia. Foi inicialmente financiado pela Comissão Europeia e pelo programa Leonardo no âmbito da aprendizagem ao longo da vida. Mais de 500.000 sinais foram colocados na base de dados até agora. A ferramenta continua em constante alimentação e se caracteriza como o único dicionário desse tipo. Disponível em: <https://www.signlanguage.eu/sv/>. Acesso em: 3 jul. 2021.

3.4.3 Gestos Culturais

A língua é, indubitavelmente, a expressão mais significativa da cultura de um povo. A gestualidade faz parte de qualquer língua, ou seja, juntamente com a expressão linguística, há uma série de gestos que fazem parte da cultura e ocorrem em paralelo à língua, às vezes indicando local por meio da apontação, às vezes indicando ironia, por meio de um olhar ou muxoxo, às vezes indicando afeto, raiva e assim por diante. Esses efeitos da gestualidade em coocorrência com as línguas orais revestem-nas de uma expressividade em que o que é da ordem da língua e o que é da ordem da gestualidade pode ser segmentado de modo mais fácil. Em contrapartida, considerando que as línguas de sinais são expressas por meio, também, da gestualidade, nem sempre é fácil distinguir o que é um gesto linguístico do que é um gesto, por assim dizer, cultural, ou seja, que não faz, necessariamente, parte do sistema linguístico de uma dada língua de sinais.

Compele aceitar, não raro, que gestos culturais podem se lexicalizar e se tornar gestos linguísticos, o que estamos considerando, para efeito desta tese, como um mecanismo de empréstimo linguístico. Segundo Kendon (2004 *apud* ADAM, 2012, p. 851), os gestos que coocorrem à fala incluem o uso de gestos dêiticos (apontação), gestos referenciais (aqueles iconicamente motivados) e gestos emblemas (os que são altamente convencionais numa dada comunidade). Esses gestos, defendem os autores, podem se lexicalizar e se gramaticalizar, passando a fazer parte do sistema linguístico, a exemplo do sistema pronominal da Libras em que gestos de apontação passam a fazer parte da gramática.

A exemplo do que ocorreu com os gestos dêiticos na Libras, alguns dos quais se gramaticalizaram como pronomes, os gestos emblemas também são ricos no favorecimento de uma gramática emergente, como nos mostra a pesquisa de Segala (2021), para quem certos emblemas, com o passar do tempo, passaram a fazer parte do léxico da Libras, chegaram ao Brasil oriundos de processos migratórios, especialmente da LSF, bem como os emblemas brasileiros e italianos que a Libras teve contato e suas mudanças desde da escola do INES até hoje.

3.5 Metodologia de análise

A análise deste estudo será feita a partir da investigação de empréstimos linguísticos de uma língua oral (LP), três línguas de sinais (LSF, ASL e IntSL) e os gestos culturais em um *Corpus* da Libras construídos por usuários surdos dessa língua, levando em consideração a adaptação sugerida por este pesquisador, conforme foi explicado na seção 3.3 deste capítulo.

O objetivo desta análise é organizar e identificar as diversas modalidades de empréstimos linguísticos ocorridos entre línguas faladas, línguas escritas, línguas sinalizadas e os gestos culturais a partir da identificação de dados, descrição e análise, a partir do *corpus* da Libras, estrato Surdos de Referência.

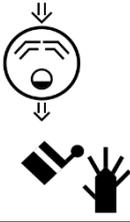
A análise tem como base a categorização das modalidades linguísticas com suas subcategorias para que sejam identificados os sinais, itens lexicais, possivelmente considerados como “empréstimos linguísticos” para descrição dos processos de incorporação e influência desses empréstimos. Após essa identificação, na análise também foram consultadas referências de cada categoria estabelecida sobre os empréstimos linguísticos em Brentari e Padden (2001), Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020), Carvalho (2009) e Faria-Nascimento (2009): o mapeamento, categorização e conceitualização para compreender as ocorrências de cada modalidade linguística que foi discutida durante a pesquisa do doutorado desta tese, tendo em vista que o estudo de empréstimos entre a Libras e as línguas e gestos pode gerar outras categorias não citadas pelas pesquisas supracitadas.

3.6 Apresentação dos dados

Os dados selecionados para a análise, após a identificação das ocorrências, foram agrupados nas modalidades e categorias já apresentadas anteriormente neste capítulo.

A apresentação dos dados analisados se organizou em quadros com as seguintes informações: vídeo com *QR Code*, glosa, foto, escrita de sinais e tradução da frase de cada modalidade linguística, como no exemplo a seguir:

Quadro 21 – Modelo de descrição do dado

Vídeo – QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
 É(boca)			"Como eu falei antes, a lei de 2002, da língua de sinais, essa é importante, mas antes disso eu fui oralizada."

Fonte: Elaborado pelo autor.

O **QR Code** é um código que pode ser facilmente escaneado por câmeras, diretamente de telefones celulares, que dão acesso direto ao vídeo em Libras, em que consta o recorte com a sinalização do informante do *Corpus* analisado. Há duas opções de acesso ao vídeo por meio do *QR Code*: a primeira opção com a câmera do telefone celular ou *tablet* para a leitura do *QR Code* e conseqüentemente acesso ao vídeo, que está disponibilizado no YouTube, e a segunda opção é através do clique sobre a imagem de *QR Code* que automaticamente irá abrir uma janela de navegação com acesso ao vídeo.

O vídeo apresenta a mesma sequência de informações: foto, vídeo de sinal (em velocidade lenta e normal) e o recorte do trecho que foi retirado do *Corpus*, de frases originais dos informantes. Na modalidade escrita a sequência de informações muda, pois não apresento recorte do trecho que foi retirado do *corpus*, apenas sinal coletado, pois verifiquei que não seria necessário para a compreensão dos dados, já que eles são explicitamente relacionados com a escrita da língua portuguesa, por meio da datilografia.

Na modalidade de língua sinalizada, logo antes de tradução do trecho recortado para a língua portuguesa, acrescento informações em relação à língua de origem dos sinais que indico como empréstimos, por meio de um *link*, onde o leitor poderá ver a fonte que utilizo para verificar que aquele sinal faz parte do léxico de uma determinada língua de sinais, como ASL, LSF, IntSL etc.

Quanto à **glosa**, como já falado anteriormente neste capítulo, recorro ao uso dela somente nas análises da *Modalidade da Língua Falada* e da *Modalidade da Língua Escrita*, diante do evidente contato com a língua portuguesa. Nas outras modalidades linguísticas, ocorrências de empréstimos na *Modalidade de Língua Sinalizada* (exceto a categoria Substantivo Próprio) e na *Modalidade de Gestos Culturais*, não disponibilizo a glosa de cada sinal, ele está disponível diretamente em

vídeo ou pela escrita de sinais, na mesma modalidade linguística em que se expressa o dado, ou seja, de forma unimodal.

Assim, evito a distorção do sentido de outras línguas sinalizadas ou gestos ao glosar utilizando o léxico da língua portuguesa, entretanto informo a tradução do trecho do vídeo analisado, conforme propõem Leite *et al.* (2022, p. 12) para a explicação do sinal. Este trabalho busca usar criteriosamente as ferramentas de descrição das línguas envolvidas de modo necessário e com discernimento, sem prejuízo do sentido, principalmente referente ao léxico em línguas de sinais e dos gestos culturais. Ainda sobre as glosas, é importante salientar que elas representam apenas, por assim dizer, o nome dos sinais, ainda assim de forma limitada, uma vez que a riqueza semântica das línguas de sinais não pode ser capturada por meio de uma glosa.

A **foto (imagem identificada)** apresentada é retirada no início do vídeo, no momento que o sinal identificado e selecionado como empréstimo é produzido pelo informante.

A informação em **Escrita de Sinais** se refere à escrita do sinal selecionado no sistema *SignWriting*, que utiliza símbolos visuais para representar as configurações de mão, os movimentos, as expressões faciais e os movimentos do corpo das línguas de sinais. Essa escolha permite a análise do sinal para efeitos de comparação e descrição, importante para facilitar a análise dos dados nesta pesquisa. Silva *et al.* (2018, p. 2) informam que no Brasil existem quatro possíveis sistemas de escrita de sinais, o sistema *SignWriting* (SW), a Escrita de Língua de Sinais (ELiS), o Sistema de Escrita da Libras (SEL) e a Escrita Visogramada das Língua de Sinais (VisoGrafia).

A **tradução em português** dos recortes de vídeos analisados possibilita a compreensão do dado, em relação ao leitor que não entende o dado diretamente em Libras. É uma tradução livre dos vídeos e não será utilizada para a análise dos dados desta pesquisa. A tradução em português constará em todas as modalidades linguísticas, exceto na modalidade da língua escrita.

3.7 Fechamento da metodologia da pesquisa

Tendo em vista o desenvolvimento da metodologia da pesquisa e de cada etapa apresentada neste capítulo, a minha proposta de identificação, seleção e

análise dos dados não se propõe a apresentar todos os sinais identificados como empréstimos no *corpus*, principalmente porque não foi feita uma análise detalhada dos 12 informantes que compõem o *Corpus de Surdos de Referência*, já que o objetivo principal era apenas descrever e comprovar a existência dos empréstimos, e não identificá-los em sua totalidade.

Machado (2016) apresentou dificuldades na realização de sua pesquisa e isso se repetiu nesta investigação, principalmente quanto à inexistência de um *corpus* já estabelecido para pesquisas com esse fim. Isso torna importante a realização desta pesquisa, principalmente quanto a empréstimos entre línguas de sinais. O novo *corpus* elaborado nesta investigação poderá contribuir para o aumento de futuras pesquisas nessa temática e servir de modelo para que outras pessoas desenvolvam novos trabalhos.

O próximo capítulo apresentará os dados, a análise dos dados e os resultados encontrados por meio de exemplos que comprovem as hipóteses aqui levantadas com contato com as diversas modalidades de empréstimos linguísticos na Libras.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo descreve as ocorrências de empréstimos por modalidade já demonstrada no capítulo teórico desta tese. Em cada modalidade identificada nos dados do *corpus* foi realizada a análise e foi identificada a possibilidade de empréstimos linguísticos incorporados na Libras ou que parecem estar ainda em processo de lexicalização. Os sinais localizados no *corpus* foram categorizados por modalidade, seguindo a base teórica de classificação de contato com as modalidades linguísticas de Meier (2004), Adam (2012), Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020) e Nascimento e Daroque (2019). Em relação de estudos sobre os empréstimos linguísticos, utilizou-se os autores internacionais: Battison (1978), Valli e Lucas (1992; 2000), Padden (1998), Sutton-Spence e Woll (1999), Brentari e Padden (2001), Janzen e Shaffer (2004), Kendon (2005), Johnston e Schembri (2007), Hoyer (2007), Quinto-Pozos (2007; 2008), Cormier, Schembri e Tyrone (2008), Hendriks e Dufoe (2014), Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020), Adam (2017), Quer *et al.* (2017), Branchini e Mantovan (2020), e os autores nacionais: Ferreira (2010[1995]), Carvalho (2009), Faria-Nascimento (2009), Machado (2016), Cordeiro (2019), Pêgo (2021) e Segala (2021).

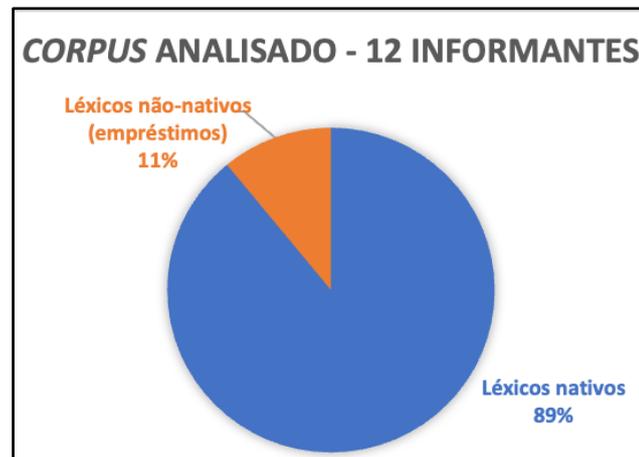
A pesquisa utilizou a abordagem quanti-qualitativa na análise dos dados, uma vez que os vídeos produzidos pelos Surdos de Referência foram quantificados por modalidade e analisados descritivamente quanto ao processo relacional entre sinais e as modalidades linguísticas. O *corpus* da pesquisa que compõe os vídeos em Libras foi retirado das entrevistas com os Surdos de Referência que fazem parte do Inventário Nacional de Libras. Foram extraídos os sinais produzidos pelos 12 informantes no *Corpus de Surdos de Referência*, em total de 28.642 sinais analisados, assim os léxicos nativos foram aproximadamente 89% e os léxicos não nativos, como os empréstimos, aproximadamente 11%, ou seja, um total de 3.141 empréstimos possíveis.

A seleção dos sinais que compuseram a análise desta pesquisa (3.141 sinais) foi realizada a partir da minha experiência como usuário da Libras e de outras línguas sinalizadas, bem como das minhas vivências como tradutor de sinais internacionais. Evidentemente, por não conhecer todas as línguas sinalizadas existentes, é possível que haja no *corpus* analisado outros empréstimos linguísticos, no entanto, não é objetivo deste trabalho esgotar todas as possibilidades de

empréstimos presentes na Libras, o que seria mesmo uma tarefa para além de uma pesquisa de doutoramento.

O Gráfico 1 apresenta esses dados:

Gráfico 1 – Sinais produzidos do *corpus* analisado



Fonte: Elaborado pelo autor.

Esta pesquisa se enquadra no tipo descritivo, pois, após os sinais serem identificados e divididos em categorias de modalidade linguística, esses sinais selecionados foram descritos linguisticamente. A partir dos vídeos selecionados, os sinais que se enquadram nas categorias são itens lexicais oriundos de contatos linguísticos, por meio de empréstimos linguísticos advindos do português (modalidade falada e escrita), de outras línguas de sinais (modalidade sinalizada e não escrita³³) e de gestos culturais. Todos os sinais serão separados em categorias, observando o processo de incorporação dos empréstimos linguísticos na Libras.

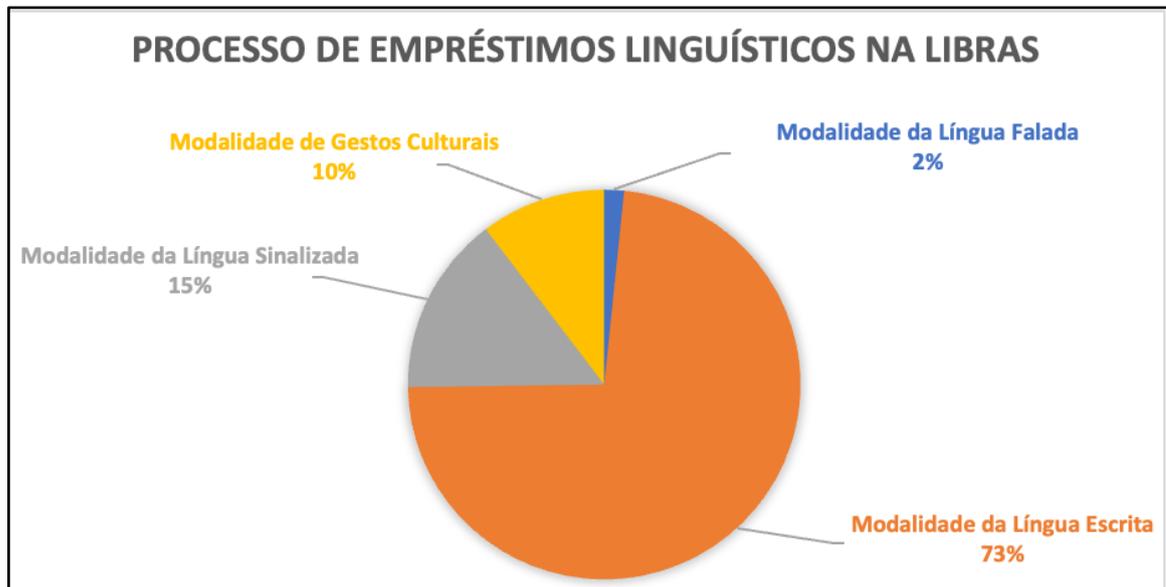
4.1 Modalidades de empréstimos linguísticos na Libras: proposta de categorização

Nesta subseção, descreverei os sinais selecionados e categorizados em cada modalidade linguística dos sinais em Libras, formando um processo de empréstimos linguísticos. Desses, 11% do total de sinais dos 12 informantes são os léxicos não

³³ Importante destacar que existem diversas propostas para a escrita das línguas sinalizadas (talvez a mais conhecida seja o *Signwriting*), no entanto esses sistemas são ainda pouco difundidos, consequentemente a circulação de textos escritos a partir das escritas em línguas sinalizadas é ainda limitada, o que me leva à hipótese de que elas pouco ou nada influenciam os empréstimos linguísticos na Libras.

nativos deste *corpus*. Analiso os registros acerca desses sinais em divisão por porcentagem de cada modalidade linguística, conforme o Gráfico 2:

Gráfico 2 – Processo de empréstimos linguísticos na Libras por modalidade linguística



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico 2 mostrou que a maior frequência de contatos linguísticos é a modalidade da língua escrita – 73% de empréstimos linguísticos na Libras – e a menor frequência é de modalidade da língua falada, apenas 2%, enquanto na modalidade de língua sinalizada e os gestos culturais houve quase um equilíbrio – 15% e 10% de empréstimos linguísticos na Libras, respectivamente. Dessa forma, analiso os registros acerca dos itens lexicais de empréstimos buscando identificar as quatro modalidades linguísticas seguindo esta ordem: língua falada, língua escrita, língua sinalizada e os gestos culturais.

Tabela 1 – Empréstimos por modalidade linguística

Classificação de Modalidades	Total de itens lexicais empréstimos analisados	Itens lexicais selecionados
Modalidade da Língua Falada	51	27
Modalidade da Língua Escrita	2.298	70
Modalidade da Língua Sinalizada	468	48
Gestos Culturais ³⁴	324	19
Total	3.141	164

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos 3.141 itens lexicais analisados nesta tese, levando em consideração cada modalidade de contato, além de gestos culturais, que são possíveis para o processo de empréstimos linguísticos na Libras, apenas 164 sinais foram selecionados em 108 contextos semânticos. A escolha desses sinais foi a evidência de sofrerem interferência por alguma modalidade e/ou gestos culturais. Contudo, acredito na possibilidade de mais estudos contínuos sobre o *corpus*, uma vez que outras evidências podem ser identificadas a depender de um maior conhecimento histórico e documental sobre a relação da Libras com as diversas línguas de sinais, orais e gestos culturais.

As modalidades linguísticas foram categorizadas a partir de influências oriundas do contato entre a Libras e a língua portuguesa (falada e escrita), entre línguas de sinais, e entre gestos culturais.

A descrição, a elucidação e a compreensão sobre o processo de itens lexicais advindos de outras modalidades linguísticas para ingressar na Libras levam em consideração os trabalhos de Pêgo (2021) quanto à categorização da modalidade falada, Faria-Nascimento (2009) e Cordeiro (2019) quanto à categorização da modalidade língua escrita, Machado (2016) na categorização da modalidade língua sinalizada, e Janzen e Shaffer (2004), Kendon (2005) e Segala (2021) na categorização da modalidade gestos.

A proposta de análise também inclui categorização para modalidade de língua falada e a subcategorização da modalidade escrita, ambas construídas especificamente para esta pesquisa.

³⁴ Não inclui index IX. O IX pode ser referido como apontação, que é uma das formas gestuais de representação do fenômeno dêitico, assim é um gesto corporal que projeta um vetor virtual que seleciona não somente um objeto, mas uma região específica no espaço (SILVA, 2021).

A apresentação da proposta de Classificação dos Empréstimos Linguísticos de modalidade linguística na Libras foi formulada e baseada nos estudos de Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020), relacionando-as aos empréstimos linguísticos na Libras identificados nas categorias e subcategorias e entre as outras línguas e gestos culturais.

Quadro 22 – Classificação de processo de empréstimos por modalidade linguística

Classificação da Modalidade	Categoria	Subcategoria
Língua Falada	1. Cópia de articulação-boca de única sílaba	-----
	2. Cópia de articulação-boca de duas sílabas	
	3. Outros fenômenos linguísticos da língua falada	
Língua Escrita	1. Soletração Pragmática	Completa, omissão e irregular
	2. Soletração Lexicalizada	Número de Letras, Abreviação e Sigla
	3. Inicialização	Uma mão, duas mãos e campo semântico
	4. Calque	-----
	5. Estereotipado	
	6. Cruzado	
	7. Sinais Compostos	
Língua Sinalizada	1. Léxico Comum	-----
	2. Substantivo Próprio	Antropônimo e Topônimo
	3. Regional	-----
Gestos Culturais	1. Gestos Dêiticos	-----
	2. Emblemas	
	3. Gestos Referenciais	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ressalto que essa proposta de categorização será seguida para análise dos dados com a consequente classificação de processo de empréstimos linguísticos de

cada modalidade linguística na Libras. A partir da base teórica de que se lançou mão, nas próximas seções e subseções, serão apresentados e discutidos os dados, com possibilidade de alterações ou acréscimos das modalidades linguísticas (falada, escrita, sinalizada e gestos culturais).

4.1.1 Empréstimos na modalidade linguística por língua falada

Em relação à influência da língua falada sobre a Libras, identifiquei 27 sinais e 27 frases em três categorias. Na categoria da modalidade falada, procurei especificamente analisar os dados identificados nas unidades lexicais de articulação-boca com a influência de língua falada (português brasileiro) para a Libras. Neste caso, destaco a fonte de importação da língua portuguesa brasileira, pois é considerada uma língua em contato com a Libras.

Pêgo (2012, p. 141) fez um levantamento sobre a influência dessa modalidade e concluiu que há 65,03% de associação, ou seja, mais da metade da sinalização dos sinais são associados à articulação-boca. Essa autora analisou 8 surdos, dentro do *Corpus de Surdos de Referência*, mesmo *corpus* de referência deste estudo; no entanto, eu analisei 12 surdos, sendo grande parte deles diferentes dos que compuseram o *corpus* analisado pela autora. Os resultados do estudo de Pêgo (2021) corroboram os desta pesquisa, como se verá a seguir, quando se percebe a frequência da articulação-boca semântica prototípica para esta categoria.

Nesta tese, verifiquei que a articulação-boca semântica divergente, proposta por Pêgo (2021), nem sempre se categorizou dessa forma nos dados analisados, pois muitas vezes o que é produzido pela boca não demonstrou ser uma divergência, mas uma unidade lexical influenciada pela língua falada que não se relaciona com o sinal produzido, e sim o acompanha como um sinal não manual (envolvendo boca, corpo e movimento da cabeça).

Sobre esta modalidade, localizei 51 sinais extraídos pelo *ELAN*, sendo que aqui, para fins desta análise, abordarei apenas 27 sinais.

A tabela 2 mostra os informantes, estado de origem, tempo de produção em minutos, a quantidade de itens lexicais, léxico influenciado pela língua falada e a porcentagem do resultado.

Tabela 2 – Influência da modalidade da língua falada

INFORMANTE	UF	TEMPO	QUANTIDADE DE ITENS LEXICAIS GERAL	LÍNGUA FALADA	%
1. Ana Regina	RJ	0:42	3.747	1	0,03%
2. André Reichert	SC	0:34	2.545	5	0,20%
3. Antônio Campos	MG	0:12	842	2	0,24%
4. Flaviane Reis	MG	0:37	2.843	5	0,18%
5. Giselle Carvalho	PA	0:26	1.429	6	0,42%
6. Jackson Vale	AM	0:27	2.661	1	0,04%
7. Marianne Stumpf	SC	0:34	3.852	1	0,03%
8. Messias Costa	DF	0:29	2.481	2	0,08%
9. Priscilla Leonor	BA	0:18	1.213	1	0,08%
10. Rimar Segala	SP	0:19	1.656	12	0,72%
11. Simone Patrícia	RN	0:23	1.961	8	0,41%
12. Thiago Albuquerque	PE	0:36	3.412	7	0,21%
TOTAL	10	5:41	28.642	51	0,18%

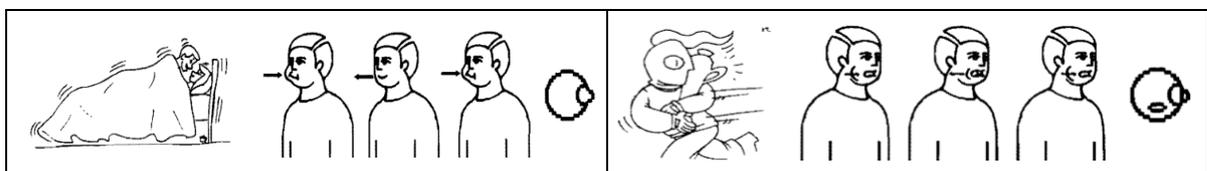
Fonte: Elaborada pelo autor.

A Tabela 2 revela que o movimento de articulação-boca semântico divergente da unidade lexical obteve uma média de frequência de 0,18% do total de sinalização dos 12 surdos para um *corpus* com 51 sinais, sendo 28.642 sinais produzidos.

Por esses dados, percebo que essa influência forma uma modalidade linguística que se relaciona com o sinal manual expresso pelo movimento das mãos, complementado pelo sinal produzido pela boca com significado e forma própria; além da boca, esse sinal também é produzido pelo movimento da cabeça e/ou corpo, o que a literatura em língua sinalizada denomina por **sinal não manual**. Logo, esta análise compreende sinais manuais e sinais não manuais, sendo que o sinal não manual tem seu próprio significado e forma e não depende da relação com o sinal manual.

Enfatizo, mais uma vez, que esse **sinal não manual** não é relacionado exclusivamente com a articulação-boca, como os tipos de sinais que já existem e que têm seu próprio sinal exclusivo pela boca, como por exemplo, o sinal de ATO-SEXUAL e ATO-ROUBAR. Veja, na Figura 5, que não são influências da língua falada; esses sinais são nativos da própria Libras, diferentes, portanto, da proposta desta tese sobre **sinais não manuais** influenciados pela modalidade língua falada.

Figura 5 – Sinais não manuais ATO-SEXUAL e ATO-ROUBAR



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2009).

Considero não substituir o conceito de articulação-boca (*mouthing*, em inglês), pois esse conceito é amplamente disseminado na literatura sobre línguas sinalizadas. A articulação-boca não é necessariamente a sobreposição da outra língua, ou seja, às vezes pode ser correspondente ao sinal realizado, mas às vezes não tem relação com o conteúdo sinalizado, diferente da proposta vinculada ao empréstimo lexical.

Analiso, portanto, 27 sinais não manuais, com a possibilidade proposta de criar duas categorias por critério sílabas, são elas: a) cópia de articulação-boca de única sílaba; e b) cópia de articulação-boca de duas sílabas. E outra categoria restante para os outros fenômenos linguísticos da modalidade falada, a qual precisa ser ainda mais discutida e refletida. É importante destacar que verifiquei a articulação-boca semântica divergente, proposta por Pêgo (2021), a qual toma como base Bank *et al.* (2001), e fiz três divisões sobre a modalidade falada. Veja no Quadro 23:

Quadro 23 – Classificação de empréstimos linguísticos por modalidade falada

Classificação da Modalidade	Categoria
Língua Falada	1. Cópia de articulação-boca de única sílaba
	2. Cópia de articulação-boca de duas sílabas
	3. Outros fenômenos linguísticos da língua falada

Fonte: Elaborado pelo autor.

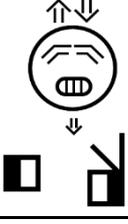
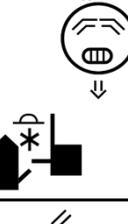
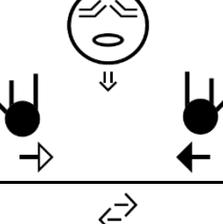
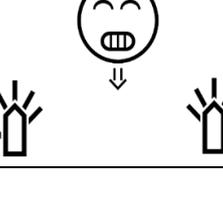
Nas seguintes subseções, em ordem, cada categoria com conceituação, além de analisar e descrever itens lexicais advindos da outra língua falada – português –, apresento os exemplos junto aos *QR Codes* de vídeos sinalizados, ilustrados, escrita de sinais e frases traduzidas em português em 27 sinais não manuais.

4.1.1.1 Cópia de articulação-boca de única sílaba

Analisei os dados desta categoria e constituiu identificação do processo de sinalização com apenas uma única sílaba com produção na articulação-boca que não se relaciona com o sinal manual. Foram identificados 19 sinais relacionados com a boca nos termos descritos anteriormente. Descreverei cada item lexical, relacionando o fenômeno linguístico de contato entre língua falada e língua

sinalizada, ou seja, português e Libras. Primeiro os itens lexicais de conceito JÁ(boca)³⁵ e SÓ(boca) para Libras, conforme Quadro 24:

Quadro 24 – Cópia de articulação-boca de única sílaba – JÁ(boca) e SÓ(boca)

Vídeo – QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
 JÁ(boca)			"A disponibilidade de intérpretes foi conquistada após a lei de 2002, antes disso nada."
 JÁ(boca)			"Para mim, após a conquista da lei alcançamos o reconhecimento, anteriormente a língua de sinais era desprezada, após a lei conseguimos avançar de forma segura."
 JÁ(boca)			"As crianças precisam de um modelo linguístico para de fato adquirirem a língua de sinais, principalmente ainda bebês."
 SÓ(boca)			"[...] alegre, feliz, só isso? O Letras Libras me deixou emocionada, com lágrimas nos olhos."

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os três primeiros sinais não manuais de JÁ(boca) relacionam o significado como "já" ou "pronto", sendo que há cópia completa da articulação-boca de "já". O conceito de "algo que já aconteceu", como um advérbio morfossintático que marca o tempo, tem um sinal próprio na Libras, mas os três primeiros vídeos não mostram esse sinal manual JÁ. Ainda, os vídeos revelaram a não necessidade de produzi-los, pois a **articulação-boca como sinal não manual** capturou o sinal, incorporando-o e produzindo o que na literatura se chama de economia linguística. Também observo que os dois primeiros sinais não manuais de Antônio têm aceno de cabeça, que

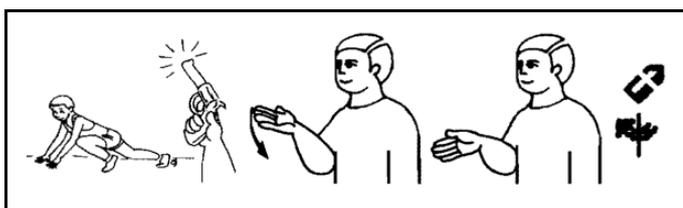
³⁵ Sobre a glosa, eu coloquei (boca) com indicativo parêntese junto e letras minúsculas, significando que o sinal produzido com influência de português relaciona o local na boca, por exemplo JÁ(boca) para evitar confusão com o sinal manual JÁ, SÓ(boca) para evitar confusão com o sinal manual SÓ etc.

destacadamente vejo na escrita de sinais, conforme Quadro 24, revelando que os movimentos de cabeça são iguais aos significados mesmo em seu contexto sobre a Lei de Libras, marcando uma sobreposição.

Portanto, esses são sinais não manuais resultantes de empréstimos que não dependem do sinal manual, apresentando uma sobreposição de sinalização como morfossintática com dois sinais diferentes em sobreposição (sinal não manual: JÁ(boca); sinal manual: 2002 e outro LEI). Esses exemplos são identificados nesta categoria, porque não têm relação nenhuma com o sinal manual. Fora do *corpus*, já vi outros surdos utilizarem várias vezes, como exemplo, em contexto de situação de se inscrever em um evento, pagar o boleto ou entregar alguma coisa. Acredito que esse sinal não manual com articulação na boca – JÁ(boca) – é considerado um sinal lexicalizado na Libras devido ao seu uso pela comunidade surda brasileira.

A terceira manifestação do sinal não manual JÁ(boca), no caso o da Flaviane, não tem movimento de cabeça, produzido no contexto sintático. É importante lembrar que existe um sinal manual frequentemente glosado como JÁ (veja na Figura 6), que ainda aparece nas conversas entre sinalizantes na Libras, aliás, ainda é muito utilizado nos vários contextos do cotidiano comum. Portanto, em certos contextos temos esse par ocorrendo simultaneamente – o sinal manual da Figura 6 e o sinal não manual do Quadro 24.

Figura 6 – Sinais manuais JÁ



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2009).

Aproveito para mostrar um exemplo de vídeo sinalizado em Libras retirado do *Instagram* do surdo pernambucano Rafael Emil, que sinalizou com o sinal não manual JÁ(boca). Chamo atenção ao último segundo do vídeo dele – clicar em [@rafaelemil](https://www.instagram.com/rafaelemil)³⁶.

³⁶ Um exemplo do *Instagram* de Rafael Emil fazendo comédia usando fragmentos de um vídeo. Rafael sinaliza no final do vídeo com o sinal não manual JÁ. Segue link: <https://www.instagram.com/reel/CkyuYXyJ5AR/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.

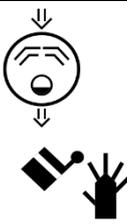
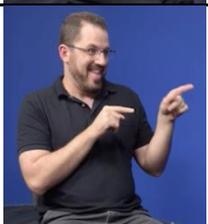
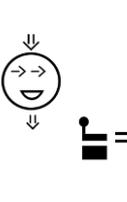
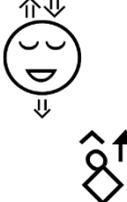
No exemplo de Flaviane, sinal manual PRONTO e sinal não manual JÁ(boca) manifestam um fato natural de que o processo de lexicalização por empréstimo da língua já se transformou no sinal nativizado na Libras. Em outras palavras, parece razoável admitir que a coocorrência do sinal manual e da articulação-boca neste caso parecem demonstrar a implementação de um item lexical ao sistema linguístico da Libras, em que não há correspondência entre o que é sinalizado e o que é articulado com a boca.

No exemplo de Giselle, o sinal não manual produzido pela articulação da boca e movimento de cabeça e gestos de mãos, como fosse um gesto usual da comunidade ouvinte, revelou uma independência, ou seja, o sinal manual e o não manual podem ocorrer em situações morfossintáticas diferentes. Exemplo parecido com o de Pêgo (2021), que mostrou em SÓ(boca)+ESCREVER, conforme o Quadro 12, como dois sinais: não manual SÓ(boca) e manual ESCREVER; podendo ocorrer em situações diferentes.

O Quadro 25 mostra como o sinal não manual tendo articulação apenas na boca, por exemplo É(boca), é um exemplo típico de empréstimo do léxico do português para a Libras. No *corpus* localizei esse fenômeno na sinalização de 12 surdos. Na Libras já existe o sinal manual É – veja o exemplo da língua escrita no Quadro 25 –, que é realizado pelo movimento do dedo indicador para baixo. No entanto, identifiquei o sinal É(boca) sendo realizado de forma não manual tendo a boca como articulação. No Quadro 25, apresento o sinal É(boca) em 8 sinais não manuais, divididos em 3 situações em que o sinal não manual foi incorporado como um dêitico sobreposto, com a intenção de afirmar/conferir. Outro fenômeno de realização do sinal não manual são as expressões faciais provocadas pelo movimento da cabeça. Interessante notar que cada sinal tem sua escrita de sinais identificando pequenos contrastes semânticos, mas todos mantêm o mesmo sentido.

Diferentes expressões faciais e movimentos de cabeça estão relacionados a contextos sintáticos diferentes, como é possível perceber nos vídeos abaixo sobre o sinal não manual É(boca) em dêixis:

Quadro 25 – Cópia de articulação-boca de única sílaba – É(boca) em dêixis

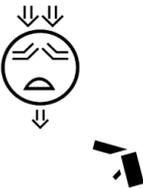
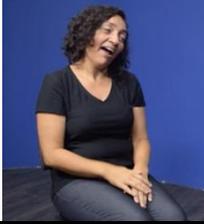
Vídeo – QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
 É(boca)			"Como eu falei antes, a lei de 2002, da língua de sinais, essa é importante, mas antes disso eu fui oralizada."
 É(boca)			"Foi o Fernando, quando ela veio e começamos a interagir em sinais, os ouvintes ao redor nunca tinham visto pessoas sinalizando e ficaram admirados."
 É(boca)			"[...] esse/isso me ajudou a ir lá, interagir com todos, manter contato. A minha mãe observou isso e ficou feliz."

Fonte: Elaborado pelo autor.

Embora os três sinais não manuais É(boca) do Quadro 25 sejam expressos pelo movimento É(boca), demonstram uma sinalização em dêixis, com apontação, em que a articulação-boca (sinal não manual) assume o sinal na boca para ganhar informação em duas modalidades diferentes (língua falada e língua sinalizada) como sobreposição ao mesmo tempo em que retoma o referente. Cada sinal não manual apresenta um pequeno contraste semântico retomado por seu referente sintático: no primeiro exemplo “este é importante...”; no segundo, “é aquela pessoa...”; e no terceiro, “é isso mesmo o que aconteceu...”. É interessante notar a diferença principalmente por causa da influência na sua construção de expressão facial para a forma da sentença no sentido do sinal não manual É(boca). Outra observação importante é esse mesmo sinal não manual na escrita de sinais. Em cada exemplo, há movimento boca, cabeça, olhos e sobrancelhas.

Segue, no Quadro 26, o mesmo sinal não manual É(boca), agora sem estabelecer relação com o sinal manual dêitico. O É(boca), nesses contextos, ainda possui um mínimo contraste semântico.

Quadro 26 – Cópia de articulação-boca de única sílaba – É(boca) em conferir

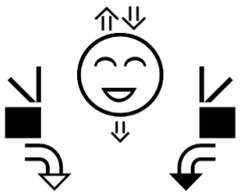
Vídeo – QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
 É(boca)			<p>"Meu amigo, professor de português, me tranquilizou e disse que eu me esforçasse. Eu disse: - É? Ele respondeu: - É sua segunda língua, respeito a língua de sinais como primeira língua. Eu disse: - É mesmo? Ele continuou: - Não se preocupe, não precisa se envergonhar."</p>
 É(boca)			<p>"[...] representa a identidade de cada um de nós. Eu respondi: - Já temos o nome. Outra pessoa: - Não, precisa ainda caracterizar de cada um. Eu respondi: - Ai é? Não sabia disso, um amigo surdo me deu (um sinal identificador)."</p>
 É(boca)			<p>"É sim, então... tem limitação e preconceito juntos."</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebo que os dois primeiros vídeos do Quadro 26 marcam alternância de papéis (*role shift*) porque trocam de interlocutor para se expressar. Essa expressão facial influencia a mudança de turno na forma de realização da sentença. O último dado do Quadro 26 marca uma resposta à entrevistadora, cuja resposta é "é sim" com movimento de cabeça balançando afirmativamente. Também observei que os três sinais não manuais não apresentaram sobreposição, ou seja, ocorreram separadamente.

Agora seguem outros fenômenos do sinal não manual É(boca), conforme o Quadro 27, a seguir:

**Quadro 27 – Outros fenômenos – Cópia de articulação-boca de única sílaba –
É(boca)**

Vídeo – QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
 É(boca)			"Sim, é visual. Pode ser oralizado [...]"
 É(boca)			"Por causa da vovó, que pressentiu e disse à minha mãe que eu era surdo. A minha mãe respondeu: é? Acho que não..."

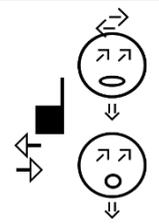
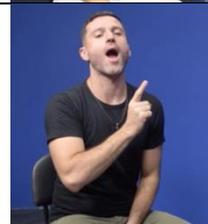
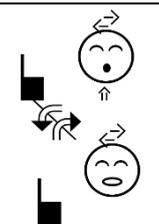
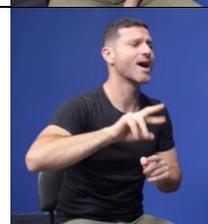
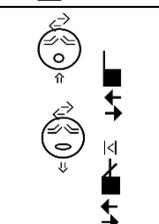
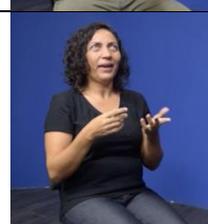
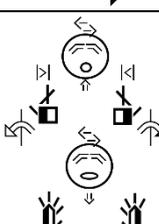
Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 27, acima, o primeiro exemplo expressa ao mesmo tempo sobreposição de dois sinais: não manual e manual, claramente produzido em um contexto semântico lexical. É(boca) confirma que “é mesmo visual” e não é dêitico, como nos exemplos anteriores do Quadro 25.

O último sinalizante do Quadro 27, André, mostra duas manifestações do sinal É. A primeira é uma forma discreta fixada no ombro, que quase não conseguimos perceber que é uma variação da forma tradicional do sinal É. Já a segunda manifestação é um possível processo de lexicalização para formar um novo sinal pela articulação-boca, ou seja, um sinal não manual.

O Quadro 28 apresenta 4 exemplos de sinais não manuais É(boca) incorporados como no exemplo anterior. No entanto, acrescentando a forma negativa junto ao sinal manual NÃO. Esses 4 sinais de É(boca) não têm sinal manual, ficaram na articulação-boca. Segue o Quadro 28:

Quadro 28 – Cópia de articulação-boca em sequência – NÃO-É(boca)

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
 NÃO-É(boca)			"Eu me percebo, em relação à língua portuguesa, não é um nível muito baixo, mas também não é um nível alto, como um ouvinte, um meio-termo."
 NÃO-É(boca)			"Eu me percebo limitado, em relação à língua portuguesa, ela me limita, não é algo que me proporciona independência, me faz estar atento."
 NÃO-É(boca)			"Não é possível mandar na língua, exigir algo. Ela é independente, natural."
 NÃO-É(boca)			"Fiz o concurso da prefeitura, assumi e criaram polos, aceitavam a língua de sinais, mas era diferente, não é no modelo surdo."

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 28, há 4 sinais que têm duas sequências de única sílaba – NÃO-É(boca). A primeira sequência foi realizada de forma oral – NÃO-É. A segunda sequência apresenta o É(boca) não manual incorporado ao sinal manual NÃO. De acordo com Pêgo (2021), em sua categoria sobre articulação-boca semântica, NÃO-É(boca): NÃO é prototípica e É(boca) é divergente.

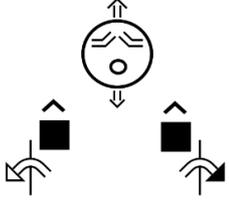
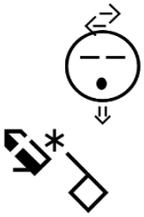
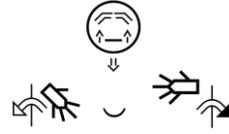
Por fim, há duas sequências (terceiro e quarto) que utilizam a forma do sinal manual DIFERENTE, não mantendo o mesmo conceito, e ainda recebem o complemento do sinal não manual NÃO-É(boca). Nesse caso, a forma do sinal DIFERENTE entra no contexto morfossintático do exemplo no sentido de enfatizar a negativa NÃO-É(boca).

Percebo que os dois primeiros sinais não manuais, articulados pela boca, conforme Quadro 28, apresentam um contraste entre as duas formas, especialmente pelo posicionamento da língua na boca. O primeiro exemplo registra a língua

exposta, o outro, não. Inclusive, o segundo parece expressar uma forma oral como “ua-ua-ua”. Assim, enquanto o primeiro parece estar mais próximo do português oral, o segundo fica mais distante, como se tivesse se transformado em um sinal nativizado na língua de sinais, conforme Cormier, Schembri e Tyrone (2008).

O Quadro 29 é o último da categoria de cópia de articulação-boca de única sílaba, em que há o sinal não manual de O-QUÊ(boca) e QUAL(boca), com o movimento de cabeça e movimento de articulação-boca:

Quadro 29 – Cópia de articulação-boca de única sílaba – O-QUÊ(boca) e QUAL(boca)

Vídeo – QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
 O-QUÊ(boca)			"Lá abriu vagas para professor substituto, na UFSC. Eu perguntei: - Ensinar o que? Ele me respondeu: - Libras. Eu disse que não queria."
 O-QUÊ(boca)			"Normalíssimo. Eu perguntei: - O que é isso? Me explica. (apontando para um documento)"
 QUAL(boca)			"Os professores me perguntavam qual curso eu queria prestar o vestibular, eu quero..."

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dois sinais não manuais de O-QUÊ mostram diferente movimento da cabeça, concomitante ao movimento da boca. O primeiro é o movimento da cabeça para cima com manual CADÊ. O segundo é mais nativizado da Libras, reduzindo a influência oral O-QUÊ?. André sinaliza o sinal manual O-QUÊ, depois aponta com o dedo indicador dominante na palma da mão passiva em forma de papel, para saber “o que é isso? o que significa x?”. Complementa com o sinal não manual O-QUÊ(boca)? (como forma de expressar oral longo “u” com movimento de cabeça na

forma de círculo lento). Considerado aqui um processo de lexicalização incorporando o sinal não manual O-QUÊ(boca).

No Quadro 29, Marianne (exemplo 3) sinalizou o sinal não manual QUAL(boca) como empréstimo da língua portuguesa e em maior destaque, antecedendo o gesto realizado com as mãos, que tem relação com o sinal manual CADÊ, sendo a mesma forma do primeiro O-QUÊ(boca). É como um gesto, sendo que a articulação-boca é realizada primeiro, antes do gesto em si, o qual aparece na sequência do enunciado.

Entre os dados, localizei a categoria com a articulação-boca de única sílaba, não sendo possível produzir repetidas vezes pela articulação-boca o sinal não manual, e sempre só uma vez expressar no final com vogal aberta “a”, “o” e “e”. Diferente apenas o sinal não manual O-QUÊ(boca) que o participante André pronunciou apenas o meio da palavra (“u”). É interessante entender com mais detalhes como esse fenômeno linguístico ocorre quando o contato linguístico se dá entre modalidade falada e modalidade sinalizada, em processo de lexicalização da articulação-boca e na produção dos sinais não manuais.

Antes de entrar na categoria com cópia da articulação-boca de duas sílabas na próxima subseção, preciso explicar que foi possível visualizar essa ocorrência em alguns registros do *corpus*. No *Instagram* do professor surdo Tales Douglas³⁷, ele mostra que, na comunicação em Libras, é possível acontecer cópia de articulação-boca, como um sinal não manual. Tales brinca com esse fenômeno. Na próxima subseção, discorro sobre o que estou denominando como cópia da articulação-boca de duas sílabas.

4.1.1.2 Cópia de articulação-boca de duas sílabas

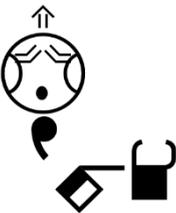
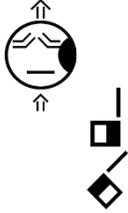
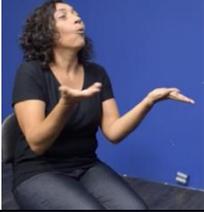
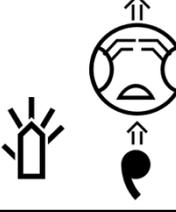
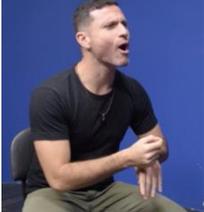
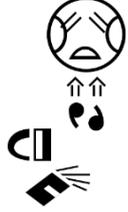
Nesta segunda categoria de modalidade da língua falada, temos a cópia de articulação-boca de duas sílabas.

Surge o item lexical da língua falada. Esta categoria mostra que há a articulação-boca, sendo usada do COMO ou o item completo, configurando-se como cópia da língua falada (português). Neste caso, trata-se de elemento com duas sílabas.

³⁷ Para acessar o vídeo de Tales, veja o *Instagram* dele pelo *link* [@douglastales](#).

Nesta categoria, o Quadro 30 mostra 4 sinais em paralelismo semântico, que se referem a um pronome interrogativo – COMO(boca).

Quadro 30 – Cópia de articulação-boca de duas sílabas – COMO(boca)

Vídeo – QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
 COMO(boca)			"Por exemplo, me enviam um vídeo no WhatsApp, perguntando o seguinte: Ei, qual o significado dessa palavra? Eu não conheço. Explica para mim."
 COMO(boca)			"[...] ah engraçado o que ele disse; o discurso dos dois é igual. Como isso acontece? Como sabe? Impossível!"
 COMO(boca)			"É importante estimular, se não tiver, como fica a comunidade surda?"
 COMO(boca)			"[...] os ouvintes são diferentes, coitados, não sabem língua de sinais. Eu preciso ajudá-los. Como? Como faço isso? Meu pai me dizia: - Vá ensiná-los..."

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos dois primeiros exemplos do Quadro 30, Flaviane mostrou o sinal não manual COMO(boca) que tem sobreposição com o dêitico para indicar a palavra e também o espaço referente. Flaviane sinalizou o sinal manual COMO antes de expressar o sinal não manual COMO(boca), como é possível perceber no vídeo. Considero que a articulação-boca copia as duas sílabas de COMO(boca). Há diferença no movimento de boca, em destaque, o movimento de bochecha. O primeiro movimentou duas bochechas, e o segundo apenas uma bochecha, mas isso não muda o significado.

No terceiro exemplo do Quadro 30, Simone fez sinal não manual COMO(boca) quase completo da articulação-boca da língua falada, ou seja, mais

próximo do português oral. Junto ao sinal não manual ocorreu o CADÊ – sobrelhas arqueadas, movimento da cabeça para cima, olhos semicerrados.

No último exemplo do Quadro 30, o informante Rimar realiza o sinal não manual em repetição, em sobreposição com o sinal manual COMO. Logo depois, de forma mais sutil e com a mão dominante mais relaxada, ele faz o sinal manual COMO em cima da mão não dominante. É possível que tenha ocorrido um processo de lexicalização do item lexical no sinal não manual COMO(boca).

No Quadro 31, temos um comparativo do item lexical "como" em três modalidades diferentes: sinal manual, sinal soletrado e sinal não manual.

Quadro 31 – Sinal de "como" em três modalidades



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dos dados analisados do item COMO, considero-o um item lexical que pode se manifestar em uma multimodalidade linguística na Libras, ou seja, de forma sinalizada, soletrada, com articulação-boca, tendo, ainda assim, uma significação preservada.

O sinal não manual ONDE(boca) com o CADÊ – movimento de cabeça significa procurando onde, ainda pode repetir e oralizar várias vezes quando se quer produzir “onde”, com duas sílabas. Segue o Quadro 32:

Quadro 32 – Cópia de articulação-boca de duas sílabas – ONDE(boca)

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
<p>ONDE(boca)</p>			<p>"[...] se eu for para os Estados Unidos e ficar desesperada procurando alguém que saiba português e não achar, fico procurando, onde vou achar? Só tem pessoas que falam inglês, até encontrar aliviada alguém como eu, que fala a minha língua."</p>

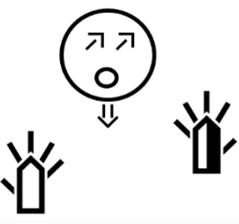
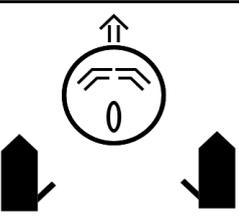
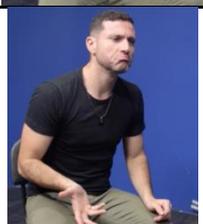
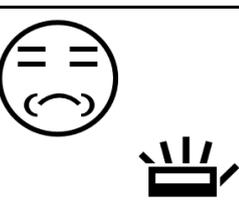
Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados não revelaram a ocorrência de cópia de sinal não manual de articulação-boca com mais de três sílabas. Acredito que não exista na Libras esse fenômeno, empréstimo linguístico de língua falada com mais de três sílabas. Na pesquisa realizada, a articulação-boca de duas sílabas foi o máximo de marcações presenciadas nos contextos de importação da língua portuguesa. Acredito que haja restrições linguísticas da Libras, como em qualquer outra língua, para receber empréstimos de itens lexicais da língua falada. Segue a próxima categoria, outros fenômenos da modalidade da língua falada.

4.1.1.3 Outros fenômenos da modalidade falada

Nesta categoria, localizei sinais importantes que são influenciados por sinal não manual da língua falada, no caso, a língua portuguesa do Brasil. O Quadro 33 mostra três exemplos:

Quadro 33 – Outros fenômenos da língua falada

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
 IGUAL(boca)			"Parecia que eu não conseguia me perceber feliz ou animado, eu não me via assim. Tudo estava transcorrendo igual, eu preciso aguentar, é a vida."
 OI(boca)			"Esse é um bom professor, ele é ouvinte. Quando veio até mim, na minha frente falou: - Oi! [...]"
 NÃO-SEI(boca)			"A libras? Ela me ensina, com ela eu aprendo, me propicia experiências, ela me ensina e me faz desenvolver intelectualmente; ela me ensina a me desenvolver, na vida, em tudo. Sem ela, como eu viveria?"

Fonte: Elaborado pelo autor.

No primeiro exemplo do Quadro 33, o participante André utiliza o sinal manual IGUAL de forma sutil, como se estivesse em segundo plano. Articula por morfema-

boca o sinal não manual IGUAL(boca), como empréstimo da língua portuguesa, e em maior destaque, como se estivesse em primeiro plano.

O segundo exemplo vem do participante Rimar. Ele não produz o sinal manual OI, mas usa as mãos levantadas como sinal de alguma manifestação frente a uma pessoa e utiliza-se da alternância de papéis (*role shift*), ação comum entre os sinalizantes da Libras, própria do sistema da língua. No entanto, o participante utiliza o sinal não manual com articulação na boca OI(boca). Ou seja, bem parecido com o fenômeno que ocorreu no primeiro exemplo; mais uma vez o sinal não manual me parece estar em primeiro plano.

O terceiro exemplo do Quadro 33 mostra o participante Rimar utilizando um sinal não manual em forma de um gesto cultural na boca, muito produzido entre os ouvintes brasileiros ao expressarem NÃO-SEI(boca). Pelo contexto de sinalização, esse gesto pode expressar várias possibilidades de significação, como: “não sei!”, “cadê!”, “onde?”, “sei lá!”. Parece-me que o sinal não manual é inserido no contexto de produção como uma complementação ao discurso do participante. Pêgo (2021, p. 37) explicou a diferença básica entre esses dois grupos de sinais não manuais (boca e gestos culturais). Para ela isso se resume ao fato de que o primeiro grupo deriva da língua oral circundante, enquanto o segundo é inseparável da língua de sinais. Contudo, o foco dos estudos da autora é o sinal não manual realizado pela boca.

Em relação ao empréstimo oriundo do sinal não manual da categoria da articulação-boca semântica divergente, este possui muito menos de todas as modalidades, em média de 0,18% do total de produções sinalizadas dos 12 surdos analisados.

Em resumo, compreender os fenômenos gerados a partir de sinais não manuais articulados pela boca, resultado do contato entre duas línguas, mostrou-me que, quando o morfema-boca é representado por uma única sílaba, o fenômeno de adoção é mais fácil. Nesse caso, em face de o empréstimo vir de modalidade diferente, há sobreposição da unidade lexical não manual (morfema-boca), emprestada, com a unidade lexical manual (sinalizada). Em alguns casos, também pode ocorrer sem sobreposição, dependendo da situação ambiente, por exemplo, quando as mãos estão ocupadas com alguns materiais (livros, celular ou bolsa), ficando a produção toda pela boca. A comunicação acontece normalmente, bem como a aceitação no sistema linguístico da Libras.

Acredito não ser possível entender esse fenômeno, resultado de línguas em contato, analisando os sinais na Libras isoladamente. Para aclarar a realização desse fenômeno linguístico, faz-se necessário observar a língua em contextos conversacionais reais, espontâneos. O uso de outras estratégias de coleta de dados, a exemplo do uso de dicionários, em que o registro da língua se faz de modo estático, descontextualizado, não favorece a observância desse importante recurso da gramática da Libras.

Todos os sinais não manuais encontrados no *corpus*, até aqui, foram empréstimos do português brasileiro oral. Muitos já tinham sinais manuais realizados no processo de sinalização sintática, contudo, houve o desaparecimento de alguns sinais manuais, que se tornaram sinais não manuais pelo intenso contato com a língua falada. Não encontrei no *corpus* dados de sinais não manuais sem a existência, antes, dos sinais manuais. Todos demonstraram ser um processo de lexicalização para novos sinais não manuais; alguns ainda dependem da sobreposição, enquanto outros, não.

4.1.2 Empréstimos na modalidade linguística por língua escrita

Esta modalidade é aquela que soma a maior quantidade de ocorrências no *corpus* desta pesquisa, somando 2.298 sinais identificados. Esse número representa 8,02% do *corpus* analisado, conforme Tabela 3 a seguir. Nesta modalidade, busquei especificamente analisar os dados identificados nas unidades lexicais; para fins desta análise, apenas os 70 sinais manuais em 7 categorias desta modalidade que utilizam em sua produção a datilologia, totalmente ou parcialmente em sua estrutura interna.

Nesta modalidade, foco especificamente nos empréstimos oriundos da língua portuguesa escrita, pois é a língua que se encontra em contato permanente com a Libras; ambas coabitam o mesmo território, e os sinalizantes de Libras, surdos ou ouvintes, também são "falantes" da língua portuguesa, em algum nível. Essas ocorrências de sinais advindos da língua portuguesa demonstram que a influência da língua escrita (português brasileiro) em relação à Libras é produtiva.

A seguir, apresento a tabela com os dados coletados no *corpus* desta pesquisa e que compõem esta modalidade:

Tabela 3 – Influência da modalidade da língua escrita

INFORMANTE	UF	TEMPO	QUANTIDADE DE ITENS LEXICAIS GERAL	LÍNGUA ESCRITA	%
1. Ana Regina	RJ	0:42	3.747	325	8,67%
2. André Reichert	SC	0:34	2.545	248	9,74%
3. Antônio Campos	MG	0:12	842	86	10,21%
4. Flaviane Reis	MG	0:37	2.843	254	8,93%
5. Giselle Carvalho	PA	0:26	1.429	98	6,86%
6. Jackson Vale	AM	0:27	2.661	146	5,49%
7. Marianne Stumpf	SC	0:34	3.852	244	6,33%
8. Messias Costa	DF	0:29	2.481	244	9,83%
9. Priscilla Leonor	BA	0:18	1.213	110	9,07%
10. Rimar Segala	SP	0:19	1.656	137	8,27%
11. Simone Patrícia	RN	0:23	1.961	184	9,38%
12. Thiago Albuquerque	PE	0:36	3.412	222	6,51%
TOTAL	10	5:41	28.642	2.298	8,02%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Não foquei em empréstimos advindos da escrita de outras línguas orais, como inglês, por exemplo, mas não descarto essa possibilidade em investigações futuras; por exemplo, verificar o contato linguístico entre uma língua de sinais e a língua nacional do mesmo território, como nas fronteiras do Brasil com Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia e Venezuela, com sua língua, espanhol.

A modalidade linguística por língua escrita subdivide-se em categorias: soletração pragmática, soletração lexicalizada, inicialização, calque, estereotipado, cruzado e sinais compostos. A classificação neste formato seguiu em grande parte a proposta de Faria-Nascimento (2009) em relação aos empréstimos linguísticos da língua portuguesa para a Libras, com algumas adaptações para melhor acomodar as ocorrências identificadas na pesquisa. Utilizo também Cordeiro (2019), cuja análise parte desta modalidade, especificamente da categoria soletração lexicalizada. Veja o Quadro 34, a seguir:

Quadro 34 – Classificação de empréstimos linguísticos por modalidade escrita

Classificação da Modalidade	Categoria	Subcategoria
Língua Escrita	1. Soletração Pragmática	Completa, omissão e irregular
	2. Soletração Lexicalizada	Número de Letras, Abreviação e Sigla
	3. Inicialização	Uma mão, duas mãos e campo semântico
	4. Calque	-----
	5. Estereotipado	-----
	6. Cruzado	-----
	7. Sinais Compostos	-----

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em cada categoria, irei apresentar o seu conceito, como também se há alguma conexão com alguma categoria já descrita por outro autor. A próxima subseção será a Soletração pragmática.

4.1.2.1 Soletração pragmática

Esta categoria focaliza os sinais manuais identificados na pesquisa e que utilizam a datilologia por transliteração, total ou parcialmente, em sua produção linguística. Esse tipo de ocorrência é usado principalmente em situações em que o sinalizante necessita nomear algo ou alguém em Libras, mas não há um sinal estabelecido ou conhecido com equivalência para esse léxico.

Faria-Nascimento (2009) utiliza o termo empréstimo por transliteração para nomear a categoria e inclui dois tipos de ocorrências neste grupo, a transliteração pragmática e lexicalizada. O termo transliteração diz respeito à representação em letras de uma língua oral por configurações de mãos de uma língua de sinais (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 61), assim eu utilizo o termo soletração, que é empregado com sentido quase equivalente ao que seria datilologia. Percebo que é mais utilizado o termo soletração e sinto que é adequado nesta tese, assim, foi dividido em dois tipos, soletração pragmática e soletração lexicalizada.

Nesta tese, considereirei apresentar separadamente essas duas categorias, acrescentando outras para compor a modalidade de empréstimos por língua escrita.

Separei esta categoria em três tipos de ocorrências: a) empréstimos por soletração completa; b) empréstimos por soletração com omissão de letras; e c) empréstimos por soletração irregular. Esses três tipos propostos para a subcategoria soletração pragmática foram encontrados nos dados analisados e devidamente descritos.

a) Empréstimos por soletração completa

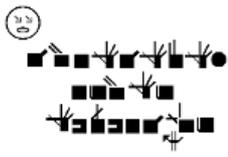
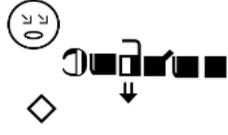
Nesta subcategoria, irei apresentar os empréstimos identificados como soletrações completas de léxicos na língua portuguesa, pois são sinais que apresentam, em sua produção em Libras, o léxico soletrado por completo, sem nenhuma abreviação ou omissão de parte da palavra.

O primeiro exemplo no Quadro 35 se refere à soletração do léxico I-D-I-O-M-A pela informante Priscila. Nessa ocorrência, o sinal manual soletrado junto a outros sinais manuais não soletrados se insere no discurso de modo natural, não sendo um complemento de uma informação anterior ou posterior sobre o mesmo léxico.

Diferentemente do primeiro exemplo, o sinal manual soletrado I-N-S-T-I-T-U-T-O S-A-N-T-A T-E-R-E-S-I-N-H-A pelo informante Rimar é utilizado como um complemento, após o informante sinalizar o sinal manual não soletrado do Instituto Santa Terezinha (IST), uma instituição educacional de São Paulo. Esse segundo exemplo do Quadro 35 nos mostra uma ocorrência em que o informante acredita ser importante para o seu interlocutor a informação também soletrada, como um complemento para o sinal manual não soletrado do IST, sem omissão de parte do nome da instituição.

O terceiro exemplo do Quadro 35 realiza uma produção semelhante ao segundo exemplo, pois a informante Marianne, ao realizar o sinal manual não soletrado de Caxias do Sul, em seguida realiza o sinal soletrado de C-A-X-I-A-S, provavelmente por considerar que essa informação deve contribuir para esclarecimento do interlocutor em relação ao sinal produzido anteriormente.

Quadro 35 – Empréstimos por soletração pragmática – completa

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 I-D-I-O-M-A		
 I-S-T		
 C-A-X-I-A-S		

Fonte: Elaborado pelo autor.

b) Empréstimos por soletração com omissão de letras

Esta subcategoria enquadra os empréstimos identificados como soletrações incompletas de léxicos na língua portuguesa, pois são palavras que apresentam em sua produção o léxico com algum tipo de omissão, em que se retira uma letra, sílaba ou parte do léxico ao ser sinalizado em Libras.

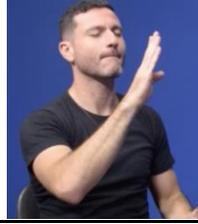
Os exemplos selecionados para demonstração dessa subcategoria estão dispostos no Quadro 36 e se referem ao léxico soletrado em Libras dos seguintes termos: “abstrato”, “subjetividade” e “barreira”. As três ocorrências têm em comum a produção dos sinais soletrados com rapidez, o que possivelmente influencia a omissão de algumas letras ou sílabas, estas ocorrendo no final do léxico, na penúltima ou última sílaba, como demonstrado a seguir.

O sinal manual soletrado do léxico “abstrato” pelo informante Thiago adiciona a letra 'A' na segunda sílaba; omite duas letras, 'A' e 'T', na penúltima e última sílaba; e a letra 'O' é sinalizada de forma irregular, apresentando a seguinte produção: A-B-A-S-T-R-O. É possível que esse tipo de ocorrência se dê em função de assimilação de traços dos itens soletrados.

O sinal manual soletrado do léxico “subjetividade” pelo informante Jackson omite ou forma irregular a letra 'E' na segunda sílaba e omite 'D-A' na penúltima sílaba durante a produção do sinal, apresentando a seguinte forma S-U-B-J-T-I-V-I-D-E.

O terceiro sinal soletrado do léxico “barreira” pelo informante Rimar inicia com uma irregularidade ao sinalizar a letra 'P'. Pode ser uma tentativa de pensar em soletrar a "parede", mas logo em seguida inicia a soletração do léxico e omite a última letra da palavra, apresentando a seguinte forma P...B-A-R-R-E-I-R.

Quadro 36 – Empréstimos por soletração pragmática – omissão

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 A-B-A-S-T-R-O		
 S-U-B-J-T-I-V-I-D-E		
 B-A-R-R-E-I-R		

Fonte: Elaborado pelo autor.

c) Empréstimos por soletração irregular

Os empréstimos identificados como soletrações de modo irregular de léxicos na língua portuguesa são sinais que apresentam em sua produção em Libras o léxico com algum tipo de irregularidade, geralmente com a apresentação da primeira letra do léxico seguido de um movimento breve dos dedos em cadência. Assemelha-se ao movimento de tamborilar, que indica uma sequência de letras soletradas que forma uma palavra.

O exemplo que se enquadra nesse tipo de empréstimo é produzido pelo informante André ao soletrar o nome de um médico. O nome soletrado é L-A-V-W-A-S-V-K-Y-Y seguido do movimento dos dedos de tamborilar indicando que se refere a um nome soletrado. É perceptível no vídeo que o nome soletrado apresentado apresenta irregularidade, pela expressão facial do interlocutor e também por ter acrescentado ao final a indicação de continuidade do léxico ao sinalizar SOLETRAÇÃO.

Quadro 37 – Empréstimos por soletração pragmática – irregular

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 L-A-V-W-A-S-V-K-Y-Y		

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.2.2 Soletração lexicalizada

Esta categoria focaliza os sinais manuais na pesquisa, que utilizam a datilologia, mas que sofreram diferentes processos fonológicos de adaptação, acomodação em Libras. Esses sinais passam por um processo de lexicalização linguística que busca se aproximar mais dos sinais nativos da língua. São conhecidos por sinais datilológicos ou soletração rítmica.

Faria-Nascimento (2009) utiliza o termo empréstimo por transliteração lexicalizada para nomear essa categoria e indica que estes, em comparação aos empréstimos por soletração pragmática, são mais estáveis dentro do léxico, pois estão em processo de transição para se tornar um sinal nativo na língua.

Cordeiro (2019) apresenta um estudo sobre sinais datilológicos que serve como base para a análise desta categoria, pois, em sua pesquisa, o autor classifica e descreve os sinais datilológicos em relação aos processos fonético-fonológicos.

Os sinais datilológicos são definidos por Cordeiro (2019, p. 7) “como um léxico formado por datilologia e que possui diversas maneiras de articulação, constituindo-se por regularidades características e peculiares dessa língua”.

Cordeiro (2019) apresenta a classificação dos processos fonético-fonológicos que podem ocorrer em sinais datilológicos: apagamento, perda de notação léxica, aférese, síncope, apócope, composição de síncope e apócope, epêntese, assimilação, enfraquecimento, fusão, troca de locação, troca de orientação das mãos, troca de movimento, acréscimo de movimento, movimento harmônico do segmento [Z], iteração, duas mãos, envolvimento morfológico, envolvimento semântico e configuração visual dos lábios estereotipados.

Separei esta categoria em três tipos de ocorrências de empréstimos de soletração lexicalizada: a) quanto ao número de letras; b) acrônimo do tipo abreviação; e c) acrônimo do tipo sigla.

a) Número de letras

Esta subcategoria enquadra os empréstimos soletrados lexicalizados que foram identificados no *corpus* desta pesquisa quanto ao número de letras. Os exemplos listados apontam sinais lexicalizados de palavras com uma letra, duas letras, três letras, quatro letras, cinco letras e seis letras.

Faria-Nascimento (2009) aponta que, ao incorporar as características da língua que recebe o empréstimo, o léxico passa por um processo de acomodação linguística que transforma a produção do léxico na língua, alterando aspectos do léxico original como velocidade da articulação, movimento e abreviações. Quanto mais letras tiver o léxico, mais provável que haja alguma perda de uma ou mais letras nesse processo de lexicalização.

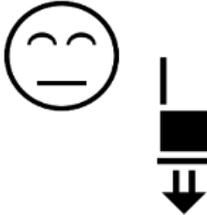
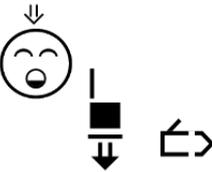
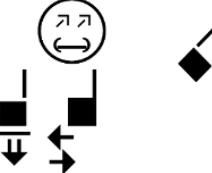
No Quadro 38, os exemplos se referem aos empréstimos lexicalizados de palavras com **uma letra**. Nos três exemplos vemos o É sinalizado de uma forma diferente se comparado a uma sinalização do léxico de forma pragmática completa. A letra 'E' some, dando lugar à produção única do acento agudo³⁸.

No vídeo, vemos duas formas de sinalização, o primeiro e a última informante produzem o sinal É sem a articulação combinada do sinal não manual, enquanto a segunda informante sinaliza e articula ao mesmo tempo pela boca o sinal não manual. Esses exemplos também se enquadram na categoria de empréstimos

³⁸ O sinal glosado como É é bastante usado na Libras e, a depender do contexto morfossintático, desempenha funções diversas, as quais precisam ser investigadas de modo mais aprofundado. Nos limites da minha pesquisa, não posso afirmar se É se configura como empréstimo do português oral, da escrita ou se emergiu da própria Libras.

estereotipados; veremos mais à frente como estes acontecem e exemplares do *corpus*. É importante destacar que alguns dos sinais identificados e selecionados também podem se enquadrar em mais de uma categoria.

Quadro 38 – Soletração lexicalizada só uma letra

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 É		
 É		
 É		

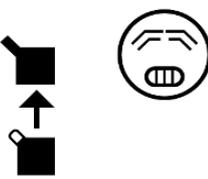
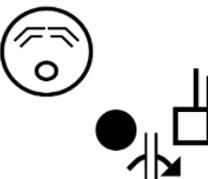
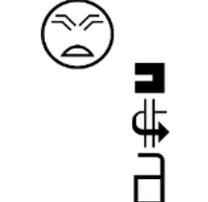
Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 39, os exemplos se referem aos empréstimos lexicalizados de palavras com **duas letras**. Diferentemente da categoria de empréstimos pragmáticos completos, a sinalização dos três exemplos sofre mudanças fonéticas de acomodação, principalmente relacionadas ao parâmetro de movimento.

A primeira informante sinaliza SE, que apresenta em sua produção uma mudança fonética, pois é sinalizado S-I, o que representa a troca da letra 'E' pela letra 'I', como também no movimento, que era produzido sequencialmente na direcionalidade direita para a esquerda ou o contrário, a depender da mão dominante do sinalizante, e passa a ser produzido na direcionalidade para frente.

A segunda informante sinaliza OU, e o terceiro informante sinaliza EX. Nos dois exemplos podemos perceber que há a mudança no parâmetro do movimento, quanto à direcionalidade, numa sequência única.

Quadro 39 – Soletração lexicalizada em duas letras

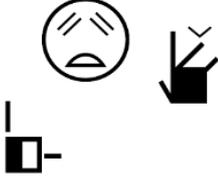
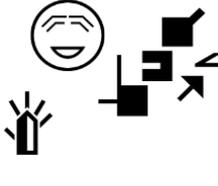
Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 SE		
 OU		
 EX		

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 40, os exemplos se referem aos empréstimos lexicalizados de palavras com **três letras**. Os três exemplos selecionados demonstram a produção dos sinais VAI, LEI-2³⁹ e PAI, conforme o vídeo. É perceptível que os três sinais passam por um processo de apagamento da segunda letra, unindo as três letras numa sequência única, interligada, transformando-se em um empréstimo lexicalizado.

³⁹ Na glosa LEI-2 que coloquei, o número "2" significa que é uma outra variante, e já tem um sinal de LEI. Veja o exemplo LEI no Quadro 50 – Base do Documento Público com o primeiro sinal.

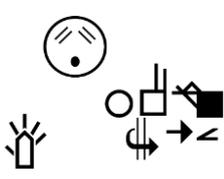
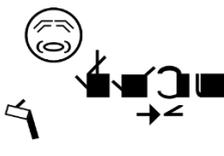
Quadro 40 – Soletração lexicalizada em três letras

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 VAI		
 LEI-2		
 PAI		

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 41, os exemplos se referem aos empréstimos lexicalizados de palavras com **quatro letras**. Selecionei três exemplos para ilustrar esta subcategoria, são eles OURO, RICA e VOVO. Os informantes sinalizam esses léxicos de forma única, em um encadeamento dos parâmetros que transformam a produção fonética. O parâmetro movimento é, mais uma vez, aquele cuja mudança é mais significativa e produtiva.

Quadro 41 – Soletração lexicalizada em quatro letras

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 OURO		
 RICA		
 VOVO		

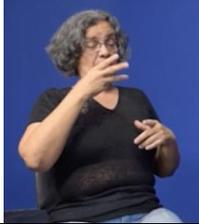
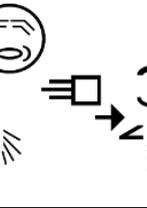
Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 42, os exemplos se referem aos empréstimos lexicalizados de palavras com **cinco letras**, corroborando Faria-Nascimento (2009), que aponta a omissão ou apagamento de letras no processo de lexicalização de palavras, do português para a Libras, por meio da datilologia. Apresento os exemplos selecionados para ilustrar os empréstimos lexicalizados de palavras com cinco letras.

Os sinais NUNCA, CLARO e MARÇO apresentam omissões e apagamento de letras em sua produção, além de uma adaptação fonética no encadeamento das configurações de mãos. As omissões e apagamentos de letras na produção em Libras podem mudar, de acordo com o sinalizante.

O sinal CLARO coletado apresenta uma omissão mais definida de algumas letras. As configurações de mão das letras 'C' e 'L' são produzidas com clareza, e as letras 'A', 'R' e 'O' são omitidas na sinalização. Os sinais NUNCA e MARÇO apresentam omissões e apagamentos de algumas configurações de mão e podem ser sinalizados de forma diferente por outros sinalizantes, mais definidos (omissões) ou menos definidos (apagamento de parte de configuração/ões de mão).

Quadro 42 – Soletração lexicalizada em cinco letras

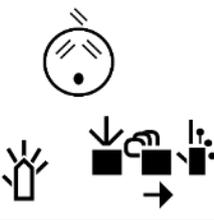
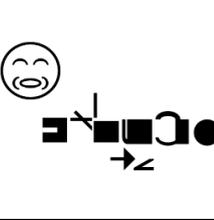
Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 NUNCA		
 CLARO		
 MARÇO		

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 43, os exemplos se referem aos empréstimos lexicalizados de palavras com **seis letras**. Esses empréstimos passam por um processo de acomodação linguística que aproxima os empréstimos ao léxico nativo da Libras, pois passa a ter as mesmas características; assemelha-se aos exemplos de empréstimos lexicalizados de palavras com cinco letras.

O maior destaque é para os apagamentos e omissões de configurações de mão na produção de um sinal, em um único movimento encadeado. É também importante frisar que, a depender do sinalizante, esses sinais podem ser articulados de formas diferentes, produzindo uma variação linguística maior.

Quadro 43 – Soletração lexicalizada em seis letras

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 MOTIVO		
 ESPAÇO		

Fonte: Elaborado pelo autor.

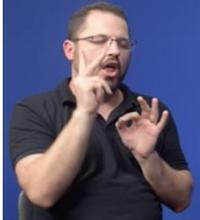
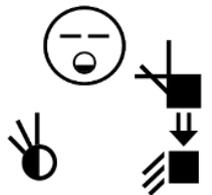
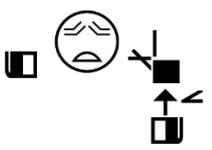
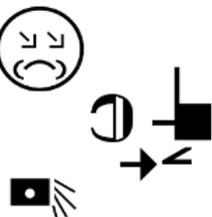
b) Acrônimo do tipo abreviação

Esta subcategoria enquadra os empréstimos soletrados lexicalizados que foram identificados no *corpus* desta pesquisa como acrônimos por meio de abreviação. Esse tipo de empréstimo apresenta uma produção mais estável do que a subcategoria número de letras, quanto às configurações de mãos.

Os sinais selecionados QUILÔMETRO, APOSENTADO e CLASSIFICADOR são sinalizados respectivamente por K-M, A-P e C-L.

Percebo que as omissões são mais definidas e que se mantêm independentemente da pessoa que sinaliza esses sinais. O sinal de "quilômetro" utiliza o símbolo "KM", que identifica o termo propriamente dito, enquanto os exemplos de "aposentado" e "classificador" utilizam as configurações de mãos referentes às duas primeiras letras de cada léxico, respectivamente A-P e C-L.

Quadro 44 – Empréstimos por abreviação

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 QUILÔMETRO		
 APOSENTADO		
 CLASSIFICADOR		

Fonte: Elaborado pelo autor.

c) Acrônimo do tipo sigla

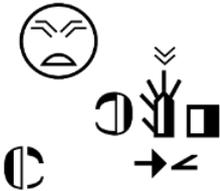
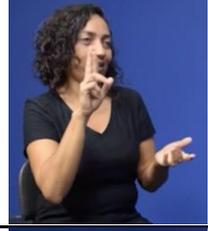
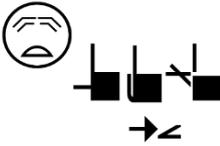
Esta subcategoria enquadra os empréstimos soletrados lexicalizados que foram identificados no *corpus* desta pesquisa como acrônimos por meio de sigla. Estes exemplos são siglas na língua portuguesa e mantêm as mesmas letras e sequência na produção do sinal em Libras, por meio das configurações de mãos em um movimento encadeado, tornando um léxico único.

Os sinais identificados no *corpus* selecionado são CBDS (Confederação Brasileira de Desportos de Surdos), RN (Rio Grande do Norte) e LGP (Língua Gestual Portuguesa), que seguem o mesmo processo de lexicalização descrito na subcategoria de número de letras e acrônimo do tipo abreviação. Há mudanças referentes ao parâmetro de movimento das mãos, como também apagamentos ou omissões de configurações de mão.

No exemplo do primeiro informante, a sigla CBDS apresenta um apagamento parcial das configurações referentes às letras 'B' e 'D', que, na sequência, são produzidas no meio da sinalização, e as configurações das letras 'C' e 'S' estão mais legíveis e marcadas em sua produção. Diferentemente, cada configuração de mão

que se refere ao segundo e terceiro exemplo é produzida de modo marcado, legível, sem omissões ou apagamentos.

Quadro 45 – Empréstimos por sigla

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 CBDS		
 RN		
 LGP		

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.2.3 Inicialização

Esta categoria focaliza os sinais que utilizam a primeira letra do léxico na língua oral, com a configuração do sinal manual referente em Libras. Não é um sinal soletrado, mas mantém uma relação entre o léxico em português e em Libras por meio da letra que inicializa a palavra na língua portuguesa.

Faria-Nascimento (2009) nomeia esta categoria como empréstimo por transliteração da letra inicial, apontando o caráter híbrido desse grupo de sinais, pois estes apresentam características de duas línguas, da língua portuguesa escrita através da primeira letra do léxico, que se agrega às características gerais de um sinal nativo da Libras.

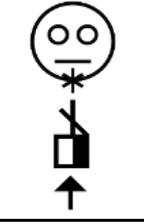
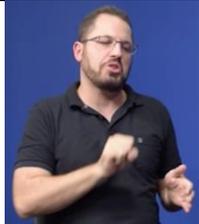
Subdividi esta categoria em dois tipos de ocorrências de empréstimos por inicialização: empréstimos por inicialização que ocorrem com uma mão e empréstimos por inicialização que ocorrem com duas mãos.

a) Empréstimos por inicialização que ocorrem com uma mão

Esta subcategoria enquadra os empréstimos por inicialização realizados com uma mão pelo sinalizante. Selecionei quatro exemplos para ilustrar essa subcategoria, os sinais LÍDER, RESPONDER, ARGENTINA e SOLTEIRO. O sinal de líder é inicializado pela configuração de mão 'L', o sinal de responder é inicializado pela configuração de mão 'R', o sinal de Argentina é inicializado pela configuração de mão 'A' e o sinal de solteiro é inicializado pela configuração de mão 'S'.

Os sinais que se enquadram nesta subcategoria apresentam características próprias do léxico nativo em Libras, que são combinadas com a configuração de mão relativa à letra que inicia a palavra em português, e podem ocorrer em qualquer ponto de articulação, ancorados ou não ao corpo do sinalizante.

Quadro 46 – Inicialização por uma mão

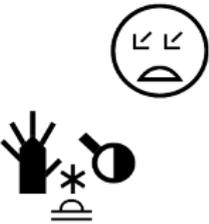
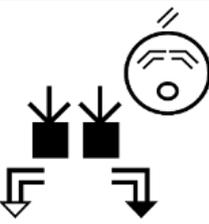
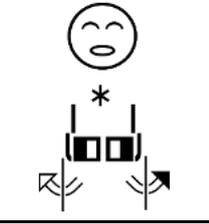
Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 LÍDER		
 RESPONDER		
 ARGENTINA		
 SOLTEIRO		

Fonte: Elaborado pelo autor.

b) Empréstimos por inicialização que ocorrem com duas mãos

Esta subcategoria enquadra os empréstimos por inicialização realizados com duas mãos pelo sinalizante. No Quadro 47 apresento três sinais que foram identificados e selecionados de acordo com as características desse agrupamento. Os sinais de IDENTIDADE, MUSEU e GRAMÁTICA são reproduzidos com as duas mãos e pelo menos uma delas utiliza a configuração de mão relacionada à primeira letra da palavra em português. O sinal IDENTIDADE possui duas mãos diferentes; a mão ativa realiza a configuração de mão em letra inicial 'I' e a mão passiva tem a mão em base, palma. Os sinais referentes a MUSEU e GRAMÁTICA se apresentam de modo espelhado (duplicado); em cada uma das mãos, o sinal é produzido com a configuração de mão que inicia a palavra. Ver Quadro 47:

Quadro 47 – Inicialização por duas mãos

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 IDENTIDADE		
 MUSEU		
 GRAMÁTICA		

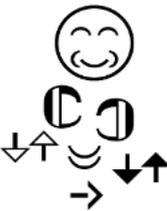
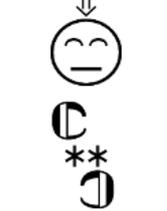
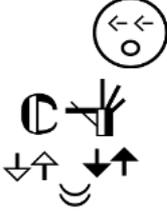
Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 48, selecionei três sinais que também são inicializados pela configuração de mão da primeira letra da palavra em português e que mantêm relação na forma e no significado entre eles. Um dos sinais, o de COMUNICAÇÃO,

provavelmente derivou os sinais de ENTRAVE-COMUNICATIVO e COMUNICAÇÃO-TOTAL, em uma relação produtiva.

O sinal de COMUNICAÇÃO é produzido com as duas mãos realizando um movimento alternado com cada mão configurando a letra 'C'. O sinal de ENTRAVE-COMUNICATIVO modificou o movimento em relação ao sinal de COMUNICAÇÃO e manteve as duas mãos com a configuração de mão da letra 'C'. O sinal de COMUNICAÇÃO-TOTAL incorporou também a configuração de mão 'T' em uma das mãos, e na outra manteve a configuração de mão 'C', em referência ao léxico comunicação.

Quadro 48 – Inicialização – COMUNICAÇÃO em uma relação produtiva

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 COMUNICAÇÃO		
 ENTRAVE-COMUNICATIVO		
 COMUNICAÇÃO-TOTAL		

Fonte: Elaborado pelo autor.

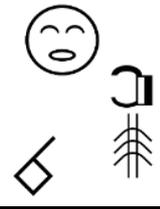
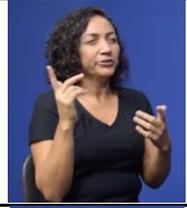
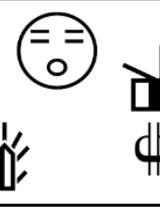
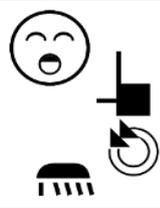
c) Campo Semântico

Nos Quadros 49, 50 e 51, apresento três agrupamentos de sinais em Libras, os quais são inicializados com a primeira letra da palavra na língua portuguesa e apresentam uma base comum semântica. No *corpus* há outros agrupamentos de sinais com essas mesmas características. Não há como definir qual dos sinais foi o precursor e derivou os outros sinais do mesmo grupo.

As características apontadas nas subcategorias de empréstimos por inicialização com uma mão e com duas mãos se mantêm nesta categoria, a depender dos sinais, se são produzidos com uma mão ou com duas.

Os sinais reunidos no Quadro 49 compõem as disciplinas escolares, são eles: MATEMÁTICA, GEOGRAFIA, CIÊNCIAS, HISTÓRIA, LITERATURA e FÍSICA. Quase em sua totalidade, são produzidos com uma mão, à exceção do sinal de Física, realizado com duas mãos de modo espelhado (duplicado).

Quadro 49 – Base da disciplina escolar

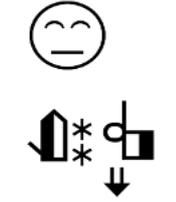
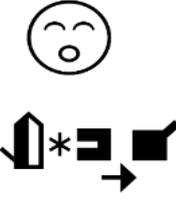
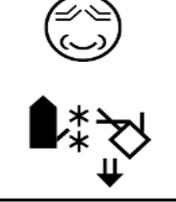
Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 MATEMÁTICA		
 GEOGRAFIA		
 CIÊNCIAS		
 HISTÓRIA		
 LITERATURA		
 FÍSICA		

Fonte: Elaborado pelo autor.

O agrupamento apresentado no Quadro 50 lista os sinais identificados como empréstimos linguísticos por inicialização e que apresentam em comum uma base que se refere a documento público. Os quatro sinais selecionados são produzidos com as duas mãos; em um deles, a configuração de mão é articulada com a palma da mão aberta que identifica a base documental e a outra mão apresenta a configuração de mão que se relaciona à primeira letra da palavra em português.

O sinal de LEI é realizado com uma das mãos produzindo a configuração de mão L e a outra mão, a base documental. O sinal de DECRETO é produzido com uma das mãos com a configuração de mão 'D' e a outra mão com a configuração de mão de base documental. O sinal de EDITAL é realizado com uma das mãos produzindo as configurações de mão 'E' e 'I' em sequência e a outra mão apresentando a configuração de base documental. O sinal de REGRA é feito com uma das mãos com a configuração 'R' e a outra mão com a configuração de base documental.

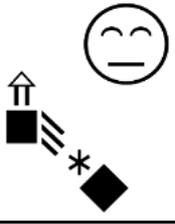
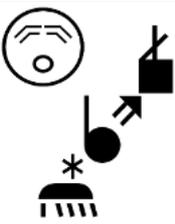
Quadro 50 – Base do documento público

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 LEI		
 DECRETO		
 EDITAL		
 REGRA		

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Quadro 51 reúne os sinais identificados como empréstimos linguísticos por inicialização e que se referem aos níveis de pós-graduação. Os sinais de PÓS-GRADUAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO, MESTRADO e DOUTORADO são realizados com duas mãos. Em uma das mãos a configuração de mão se refere à primeira letra do termo em língua portuguesa e na outra mão tem-se a configuração de mão em punho fechado, que serve como base comum para a produção dos sinais deste agrupamento. As configurações de mão 'P', 'E', 'M' e 'D' são, respectivamente, aquelas utilizadas em cada um dos sinais. É possível notar que a mão passiva do Messias é diferente dos demais, pois há variação fonológica na produção de cada sujeito, como também professam Xavier e Barbosa (2013).

Quadro 51 – Base dos níveis da pós-graduação

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 PÓS-GRADUAÇÃO		
 ESPECIALIZAÇÃO		
 MESTRADO		
 DOUTORADO		

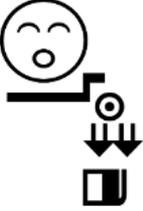
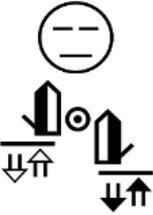
Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.2.4 Calque

Esta categoria reúne os empréstimos de ordem semântica que se configuram como traduções oriundas de outras línguas, mantendo na língua receptora o mesmo significado do léxico da língua de origem. Faria-Nascimento (2009) chama esta categoria de empréstimo semântico, mas outros autores, como Carvalho (2009[1989]), nomeiam como calque ou tradução literal.

Os sinais em Libras BATER-PAPO, BOLSA e LAVAR-AS-MÃOS identificados e selecionados no *corpus* desta pesquisa podem ser considerados traduções literais em relação ao significante, entretanto eles seguem a mesma semântica desses itens lexicais na língua portuguesa.

Quadro 52 – Empréstimos por calque

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 BATER-PAPO		
 BOLSA		
 LAVAR-AS- MÃOS		

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.2.5 Estereotipado

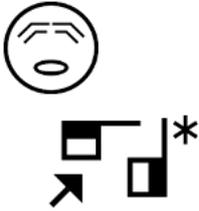
Os empréstimos estereotipados na Libras são aqueles em que há uma cópia da forma de um objeto, de símbolo gráfico de outra língua e/ou cultura. Faria-Nascimento (2009) aponta que os sinais relacionados com formas geométricas,

símbolos matemáticos e de pontuação podem se enquadrar nesta categoria quando seguirem o mesmo formato desses símbolos na língua e cultura de origem.

O Quadro 53 apresenta exemplares desta categoria, são eles MAIS+, NEGATIVA, POSITIVA, X-VEZ, PONTO, INTERROGAÇÃO, ASPAS e PORCENTAGEM. A produção desses sinais segue o formato dos símbolos e formas correspondentes, uma representação da imagem visual.

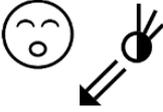
Quadro 53 – Empréstimos estereotipados

(continua)

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 MAIS+		
 NEGATIVA		
 POSITIVA		
 X-VEZ		
 PONTO		

Quadro 53 – Empréstimos estereotipados

(conclusão)

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 INTERROGAÇÃO		
 ASPAS		
 PORCENTAGEM		

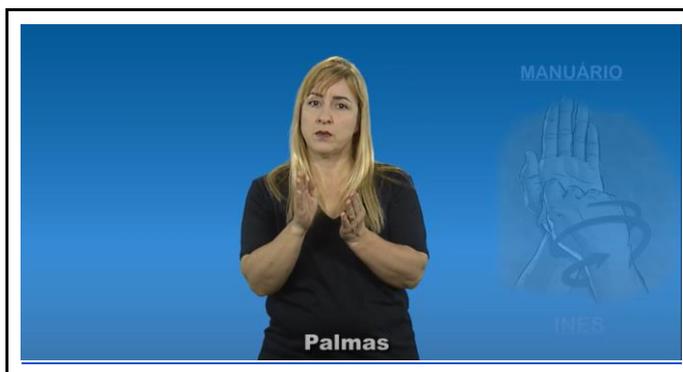
Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.2.6 Cruzado

Os empréstimos cruzados são uma categoria de empréstimo identificada por Faria-Nascimento (2009) como aquele que “emerge da semelhança visual entre palavras homógrafas ou parônimas, da LP (língua portuguesa)” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 69). Esses empréstimos caracterizam-se como uma transferência de um significante decalcado em uma língua A, nesse caso na língua portuguesa, para um significante na língua B, a Libras. Não há relação semântica entre os significados, e sim entre significantes em cada língua. Um exemplo desse tipo de ocorrência seria do léxico PALMAS em Libras, capital de Tocantins (veja na figura 7). O significante Palmas na língua portuguesa é decalcado para o significante em Libras, pois o sinal se refere a palmas, aplausos.

Não encontrei no *corpus* nenhum exemplar desta categoria.

Figura 7 – Sinal de Palmas, capital de Tocantins



Fonte: Manuário Acadêmico e Escolar do INES.

4.1.2.7 Sinais compostos

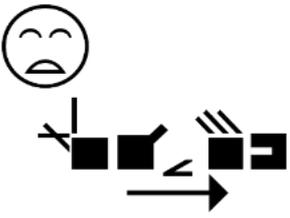
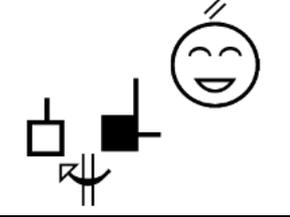
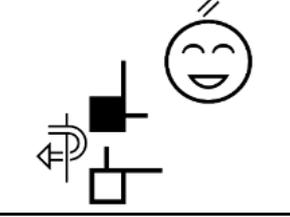
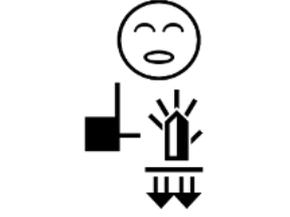
A categoria de empréstimos na modalidade de língua escrita por sinais compostos é definida pela composição de dois sinais, onde pelo menos um deles é um sinal relacionado com uma das formas de datilologia.

O primeiro exemplo do Quadro 54, o sinal PAIS, é produzido por meio da datilologia de dois itens lexicais numa sequência única, que se refere à expressão pais na língua portuguesa. O segundo exemplo, o sinal MESTRADO-DOUTORADO é composto por dois sinais inicializados MESTRADO e DOUTORADO, também produzido numa sequência única encadeada.

Os terceiro e quarto sinais L1 e L2 se referem a duas expressões na língua portuguesa, respectivamente, primeira língua e segunda língua. Enquanto na língua portuguesa os termos correspondentes se referem a sintagmas nominais, primeira língua e segunda língua, em Libras eles se tornam um sinal único, que traz informações relacionadas à configuração de mão L adicionada à configuração dos números 1 ou 2, dependendo do termo composto.

O último exemplo do Quadro 54 é LETRAS-LIBRAS, composto pela configuração de mão 'L', adicionada ao morfema na Libras para língua de sinais, tornando-se um sinal único, composto, no caso.

Quadro 54 – Empréstimos por sinais compostos

Vídeo - QR Glosa	Imagem identificada	Escrita de sinal
 PAIS		
 MESTRADO- DOUTORADO		
 L1		
 L2		
 LETRAS-LIBRAS		

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.3 Empréstimos na modalidade linguística por língua sinalizada

A modalidade linguística da língua sinalizada compreende o modo de produção gesto-visual das línguas de sinais. Ou seja, compreende o uso do movimento das mãos e do corpo e de expressões faciais num espaço de enunciação que vai da cabeça ao quadril do sinalizante durante a produção dos sinais.

A categorização desta modalidade linguística foi elaborada a partir dos trabalhos de Machado (2016), Quinto-Pozos (2007; 2008) e Adam (2012; 2017), e recebeu contribuições de Carvalho (2009[1989]) e Sutton-Spence e Woll (1999),

para a construção de categorias e subcategorias dos empréstimos linguísticos mapeados.

Os empréstimos dessa categoria foram validados, uma vez que os processos descritos aqui estão compreendidos nos achados de Machado (2016) em suas variáveis e tipologias.

Na tabela a seguir, podemos observar 468 ocorrências de empréstimos entre línguas sinalizadas, número que representa 1,63% do *corpus* analisado. Nesta categoria, analisei especificamente as unidades lexicais; abordarei apenas os 48 sinais manuais distribuídos em três categorias, que incorporam parte ou a totalidade do sinal das línguas de sinais estrangeiras em sua estrutura. A seguir, apresento a tabela com os dados coletados no *corpus* desta pesquisa que compõem esta modalidade:

Tabela 4 – Influência da modalidade língua sinalizada

INFORMANTE	UF	TEMPO	QUANTIDADE DE ITENS LEXICAIS	LÍNGUA SINALIZADA	%
1. Ana Regina	RJ	0:42	3.747	46	1,23%
2. André Reichert	SC	0:34	2.545	41	1,61%
3. Antônio Campos	MG	0:12	842	9	1,07%
4. Flaviane Reis	MG	0:37	2.843	62	2,18%
5. Giselle Carvalho	PA	0:26	1.429	20	1,40%
6. Jackson Vale	AM	0:27	2.661	59	2,22%
7. Marianne Stumpf	SC	0:34	3.852	51	1,32%
8. Messias Costa	DF	0:29	2.481	56	2,26%
9. Priscilla Leonor	BA	0:18	1.213	41	3,38%
10. Rimar Segala	SP	0:19	1.656	19	1,15%
11. Simone Patrícia	RN	0:23	1.961	13	0,66%
12. Thiago Albuquerque	PE	0:36	3.412	51	1,49%
TOTAL	10	5:41	28.642	468	1,63%

Fonte: Elaborada pelo autor.

É importante lembrar que algumas ocorrências podem pertencer a diferentes modalidades linguísticas, a depender da perspectiva de observação, uma vez que diferentes traços ocorrem simultaneamente em diversos empréstimos, ocasionando uma sobreposição durante a produção. Por exemplo, temos o empréstimo do sinal em inglês “*already*” da ASL durante as entrevistas, mas com incorporação do elemento não manual (articulação-boca) “já” da LP.

Vale ressaltar que em vários exemplos há dupla identificação da origem do empréstimo dos léxicos em Libras (e.g. IntSL / ASL). Isso ocorre em razão da enorme influência que a ASL, e seu país de origem, tem sobre outras línguas de

sinais (característica de língua colonizadora e de privilegiada posição geopolítica mundial) (PINHEIRO, 2020). Essa situação reflete na incorporação da ASL na IntSL, desde a adoção do mesmo alfabeto manual ao uso dos mesmos léxicos.

Machado (2016), tendo como base Carvalho (2009), faz adaptação baseada na proposta de classificação dos empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais, mesma modalidade sinalizada, para Libras, com o objetivo de escolher duas categorias quanto ao tipo de empréstimos linguísticos das línguas de sinais para Libras: I. Quanto à origem: íntimo, regional e externo; e II. Segundo a fase de adoção: estrangeirismo, empréstimo e xenismo. Para efeito desta tese, eu selecionei duas categorias propostas por Machado (2016): regional e xenismo (como antropônimo e topônimo), e mais uma criação “léxico comum”, totalizando três categorias que influenciam a Libras com a modalidade da língua sinalizada.

A seguir, apresento alguns exemplos de ocorrências de empréstimos por categorias. As categorias desta modalidade são: Léxico Comum, Substantivo Próprio (com duas subcategorias referentes aos sinais antropônimos e aos sinais topônimos) e Regional.

Quadro 55 – Classificação de empréstimos linguísticos por modalidade sinalizada

Classificação da Modalidade	Categoria	Subcategoria
Língua Sinalizada	1. Léxico Comum	-----
	2. Substantivo Próprio	Antropônimo e Topônimo
	3. Regional	-----

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.3.1 Léxico comum

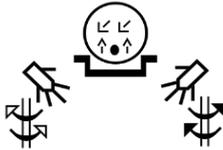
Esta categoria inclui os sinais manuais identificados como empréstimos de outras línguas de sinais na Libras, isto é, empréstimos de léxicos que compartilham a mesma modalidade de produção e recepção. A categorização dos léxicos nesta modalidade linguística não fez diferenciação quanto à classe gramatical, visto que alguns sinais podem ocupar diferentes classes, a depender do contexto

morfossintático, a exemplo do sinal "apoio", substantivo, ou "apoiar", verbo, bem como quanto à adaptação⁴⁰.

Esse tipo de ocorrência surgiu não somente pela falta de vocabulário na Libras, mas como uma adição de intensificador de conotação positiva ou negativa que se soma aos indicadores não manuais das expressões faciais.

Nos três primeiros exemplos no quadro a seguir, a produção do empréstimo faz referência a um elemento superlativo na narração. Ao passo que, no quarto exemplo, o empréstimo aparece num contexto de intensidade negativa.

Quadro 56 – Empréstimos por léxico comum – "muito"

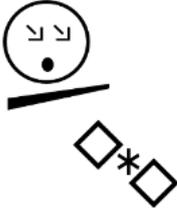
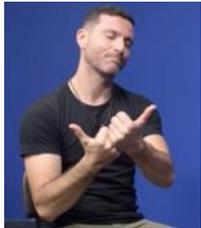
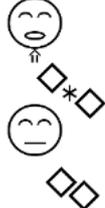
Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
			Adoção da língua: IntSL Tradução: "... olhei para os surdos e fui tomada de uma grande emoção, nossa! Aquele movimento me fez sentir parte da comunidade surda sinalizante".
			Adoção da língua: IntSL Tradução: "... cada movimento da boca tem significação exata na língua de sinais. A língua de sinais é muito complexa , não é nada simplória".
			Adoção da língua: IntSL Tradução: "A língua de sinais dá conta disso tudo, ela é rica. Creio que o problema está na sociedade que é ruim. Mas, a língua de sinais é muito valiosa".
			Adoção da língua: IntSL Tradução: "... Eu só copiava, copiava os textos, copiava tudo. Recebia "cola" dos colegas em tantos assuntos, isso me deixava angustiado".

Fonte: Elaborado pelo autor.

⁴⁰ A adaptação é um modo de adaptar os sinais estrangeiros, através de mudanças fonéticas e morfológicas, para adequá-las à língua importadora. Parece que há maiores possibilidades da ocorrência desse tipo de empréstimo na Libras (MACHADO, 2016).

Nas ocorrências exemplificadas no quadro a seguir, é possível ver duas modificações na reprodução do empréstimo – configuração de mão (extensão do dedo polegar) e variações no movimento do sinal:

Quadro 57 – Empréstimos por léxico comum – "apoio"

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
			Adoção língua: IntSL / ASL Tradução: “A ULBRA aceitou matricular alunos surdos, mas não disponibilizou intérpretes. Então, nós surdos reivindicamos, reclamamos, e com a ajuda de outros alunos produzimos um documento para a ouvidoria”.
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “Esses momentos são importantes: as palestras, os seminários, a mobilização, as trocas e a pulverização. Mas, há também momentos que não podem ser deixados de lado. O contato surdo-surdo é crucial para o desenvolvimento de um modelo linguístico”... - eles se apoiam (entrevistadora) - sim, “Se apoiam ”.
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “Na infância eu não era um bilíngue fluente, nem tinha consciência do que era ser bilíngue. Hoje tenho dificuldades, mas compreendo que as palavras auxiliam os sinais, e que os sinais auxiliam as palavras”.
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “[...] eles se ajudam nas atividades, pintura, colagem. Tudo em língua de sinais”.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No segundo exemplo do Quadro 57, o informante Rimar repete o sinal “apoio”, após a produção da entrevistadora. Essa situação evidencia a possibilidade de produção de empréstimos entre línguas sinalizadas influenciada pelo contexto.

No último exemplo, a informante Ana Regina incorpora o elemento não manual (articulação-boca) “ajuda” em LP ao sinal "apoio" da ASL. Podemos considerar a produção desse empréstimo como multimodal, pois adota duas modalidades linguísticas (falada e sinalizada) na Libras.

O quadro a seguir apresenta três diferentes usos do empréstimo "sucesso" ou "desenvolvimento", identificados nas entrevistas. No primeiro uso, o sinal é produzido rapidamente (provavelmente obedecendo à lógica semântica da Libras); no segundo uso há um alongamento do movimento do sinal (corresponde à narrativa); no terceiro uso, a produção é lenta e funciona como um escalonamento do sinal combinado à articulação-boca:

Quadro 58 – Empréstimos por léxico comum – "sucesso/desenvolvimento"

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “Eu não tenho nenhuma dúvida. Qualquer surdo que aprender língua de sinais se desenvolve muito rápido, porque a Libras é uma língua visual com elementos afetivos para os surdos”.
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “eu comecei a estudar... com 4 ou 5 anos, nessa faixa. Fui matriculado e com o tempo tive um progresso muito significativo na aquisição da Libras, isso numa escola de surdos”.
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “Em relação ao bilinguismo e a Libras, hoje eu sinto que os surdos, nós surdos, estamos avançando progressivamente. É importante incentivar isso”.

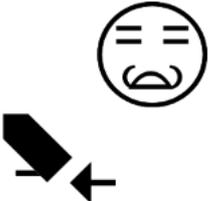
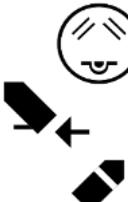
Fonte: Elaborado pelo autor.

No quadro acima, observa-se que as adaptações exemplificadas obedecem ao comportamento morfológico da Libras, visto que, em todos os casos, é possível verificar que os empréstimos se condicionam à função do morfema da Libras.

No Quadro 59, há o empréstimo de um marcador de sistema pronominal (palma da mão aberta na vertical direcionada às pessoas/coisas do discurso) aplicado na Libras num comportamento similar ao sistema de apontação e referências dêiticas (LILLO-MARTIN; KLIMA,1990). Contudo, nas entrevistas do *corpus*, o empréstimo do sistema pronominal pode estar relacionado a contextos de determinantes possessivos (seu, sua, seus, suas) ou pronomes situacionais

(demonstrativos), ou mesmo a grupos preposicionais formados pela preposição de e pelos pronomes pessoais, conforme quadro a seguir:

Quadro 59 – Empréstimos por léxico comum – determinantes/possessivos

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “Os surdos precisam ter as mesmas condições dos ouvintes, não inferiores. Os surdos não são deficientes. A visão clínica, o uso de aparelhos auditivos, o foco na audição não importam e não correspondem à língua deles ”.
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “A Libras é muito valiosa e confortável pra mim. É a minha língua, sim. Minha identidade cultural, meu suporte vem dela ”.
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “Com o passar do tempo eu me tornei mais fluente na Libras, então entendi os diferentes níveis de expressão da língua, dos assuntos mais cotidianos aos mais elaborados”.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados demonstram a diversidade de estratégias discursivo-gramaticais usadas pelos surdos usuários da Libras nas suas interações sociais para a expressão de demonstrativos/possessivos.

Textualmente, as traduções das ocorrências poderiam ser escritas também com preposição, como ocorre no último exemplo do Quadro 59, no qual o informante Thiago produz o sinal "próprio" seguido do empréstimo, fazendo referência aos diversos níveis de produção em Libras.

No Quadro 60, a seguir, o sinal "audismo" da ASL foi usado em dois diferentes contextos, conforme ocorrências a seguir:

Quadro 60 – Empréstimos por léxico comum – "audismo"

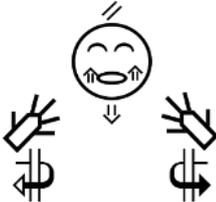
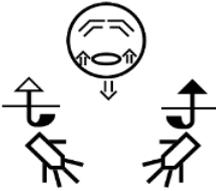
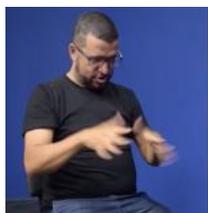
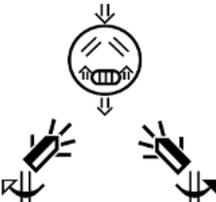
Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
			<p>Adoção da língua: IntSL / ASL</p> <p>Tradução: “isso é um estímulo a criação de novos sinais. Antes, havia uma repressão dos sinais que enfraquecia a produção. Hoje, há uma liberdade na expressão e criação de novos sinais”.</p>
			<p>Adoção da língua: IntSL / ASL</p> <p>Tradução: “Eu tinha alguns amigos com “boa vontade”, eram pacientes. Nós nos ajudávamos nas atividades. Não havia repressão, preconceito, havia respeito. Isso na escola privada”.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em ambos os casos acima, os informantes produzem o empréstimo em situações semânticas parecidas. Nos dois casos, também houve a inclusão do movimento de língua para fora para identificar situações de adversidade. O informante Antônio produziu o sinal emprestado seguido do sinal "preconceito", associando os dois sinais em sua narrativa. Infere-se uma possível relação entre forma e conceito do sinal em Libras. Contudo, a descrição se concentrou nos aspectos evidentes de uso durante a adoção do empréstimo.

A seguir, o Quadro 61 apresenta o empréstimo do sinal “*already*” da ASL/IntSL durante as entrevistas. Como dito anteriormente, a produção incorpora, em todos os casos, o elemento não manual (articulação-boca) “já” da língua portuguesa:

Quadro 61 – Empréstimos por lexical comum – "já"

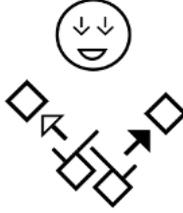
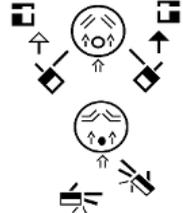
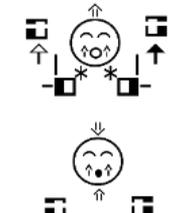
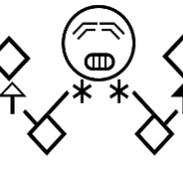
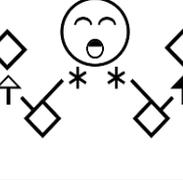
Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “[...] e de Salvador foi em 2014, e que organizei. Lá, já tinha tido uma experiência marcante”
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “a tecnologia nos consome 80%, não tô falando do futuro, é uma realidade atual que já acontece”.
			Adoção da língua: IntSL / ASL Tradução: “tenho mestrado em Linguística..” - “ já? ” (entrevistadora). - “ Já concluído. Estou agora no doutorado em linguística, estou em processo.”

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os três informantes produziram o empréstimo em situações semânticas parecidas, porém com uma evidente assimilação/nativização da adoção da forma do sinal com variação no movimento. Observa-se, no terceiro exemplo, que aos 0:08s o informante Messias repete o empréstimo usado pela entrevistadora aos 0:07s, com uma pequena alteração no movimento. Messias começou produzindo o sinal com o movimento direcionado de cima para baixo, mas modifica-o para frente, na tentativa (provável) de repetir o mesmo movimento da entrevistadora.

No Quadro 62, há a incorporação do empréstimo "linguística" da ASL em três variações. A adoção do empréstimo (forma do sinal) atende à significação tanto da área quanto do sujeito.

Quadro 62 – Variantes de linguística em empréstimos – "linguística"

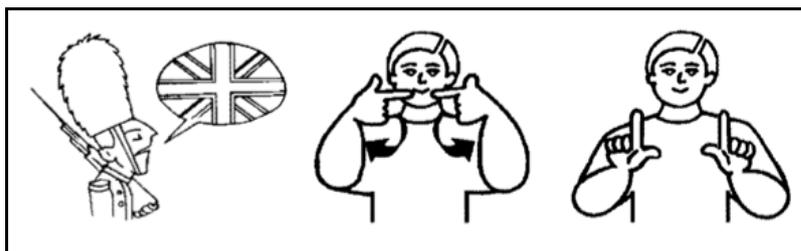
Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
			Adoção da língua: ASL Tradução: "só agora estou no doutorado em linguística . Deveria ter feito bem antes, mas, não tem problema".
			Adoção da língua: ASL Tradução: "eu acredito que a linguística é necessária"
			Adoção da língua: ASL Tradução: "tenho mestrado em Linguística ." -"já?" (entrevistadora). -"Já concluído. Estou agora no doutorado em Linguística , em processo.
			Adoção da língua: ASL Tradução: "digamos que, às vezes, uma pessoa tem perfil " linguista ", conhece o SW..."
			Adoção da língua: ASL Tradução: "[...] a arte, o teatro, tudo é linguística . Não tem como ser diferente... a LP é uma língua bastante descrita e a Libras precisa ser também".
			Adoção da língua: ASL Tradução: "[...] depois entrei no mestrado em educação, na área de educação na UFRGS. Ao concluir, entrei no doutorado em Linguística Aplicada ".

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na primeira ocorrência desse empréstimo, o informante Rimar articulou o sinal no espaço neutro em frente ao corpo, enquanto os informantes Ana Regina e Messias produziram o sinal com o ponto de articulação no queixo, tendo o dedo polegar como ponto de contato inicial do sinal. Uma outra variação que se observa

nas produções de Marianne, Giselle e André é a articulação do sinal no queixo, porém com ponto de contato inicial no dedo indicador. Veja, na Figura 8, uma possível influência do sinal LÍNGUA (que na Libras tem como ponto de articulação o queixo) na variação do empréstimo, contudo, essa suposição só pode ser confirmada por meio de outro método diferente do escopo desta pesquisa.

Figura 8 – Sinal LÍNGUA



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2009).

No Quadro 63, a seguir, há a incorporação do sinal da LSF na Libras no mesmo campo semântico, sem alteração dos parâmetros fonoarticulatórios do sinal:

Quadro 63 – Empréstimo por lexical comum – "tese"

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
			Adoção da língua: LSF Tradução: "[...] defendi a tese em 2015, fim da angustia...".

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.3.2 Substantivo próprio

Esta categoria focaliza os sinais que atendem ao processo de empréstimo e se encaixam na classe substantivo, cuja forma permanece a mesma da língua de origem, isto é, que continuam com a mesma aparência estrangeira (xenismo). Esses processos têm grande contribuição na expansão de vocabulário. Conforme Machado (2016, p. 35), os substantivos são uma das classes mais abertas à possibilidade de mudança de natureza lexical. Há nessa categoria de empréstimos dois tipos de ocorrência: antropônimos e topônimos. Como se trata de substantivos próprios,

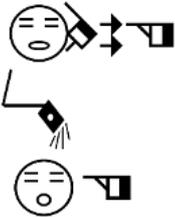
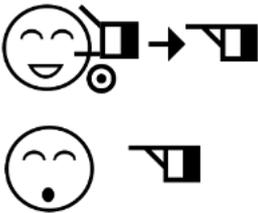
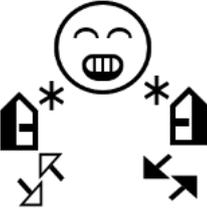
nomes de pessoas e de lugares, respectivamente, o fato de colocá-los em glosas não facilita as descrições e não propiciam qualquer confusão no entendimento.

a) Antropônimo

A subcategoria como sinal identificador concentra os empréstimos de sinais específicos, também conhecidos como sinais pessoais/particulares. A seleção dos exemplares a seguir recebeu contribuição do trabalho de Sutton-Spence e Woll (1999), especificamente, da obra *Borrowing and name signs (The linguistics of BSL – An introduction)*. No Quadro 64, há seis exemplos de empréstimos dessa subcategoria:

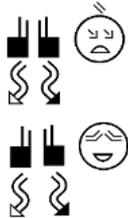
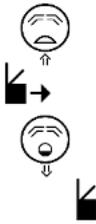
Quadro 64 – Empréstimos por antropônimo

(continua)

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
 GALLAUDET			Adoção da língua: ASL1 ; ASL2 . Tradução: “[...] dois anos. No terceiro ano, tranquei o curso e fui pra Universidade de Gallaudet , fiquei um ano lá...”
 GALLAUDET			Adoção da língua: ASL1 ; ASL2 . Tradução: “Então eu disse: eu quero morar nos EUA para estudar na Gallaudet . Aí, minha mãe foi ponderando, falou em dinheiro...”
 FACEBOOK			Adoção língua: IntSL / LSF / BSL Tradução: “agora quando os ouvintes olham, já identificam que se trata do surdos. Antes, isso gerava risos. hoje as coisas evoluíram tem informação no facebook , na internet, em várias fontes...”
 FACEBOOK			Adoção língua: IntSL / LSF / BSL Tradução: “[...] você lembra, um tempo atrás saiu uma informação no facebook sobre território...”

Quadro 64 – Empréstimos por antropônimo

(conclusão)

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
 INTSL			Adoção da língua: IntSL Tradução: "eu perguntei: você conhece a cultura alemã Alemão? perguntei em Língua de Sinais Internacional , que é visual. E el@ me respondeu em Língua de Sinais Internacional , que el@ conhecia a alemã, a italiana, e eu fui entendendo visualmente as informações."
 VV			Adoção língua: IntSL / ASL Tradução: "não se trata de classificadores, se trata do VV (visual vernacular) . Uma capacidade de expressão em 3d, 4d da língua de sinais que transpassa os nossos sentidos."

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos dois primeiros exemplos, o empréstimo do sinal GALLAUDET apresenta uma variação no movimento (informante Ana Regina fez dois movimentos, Marianne fez um movimento). Quanto ao empréstimo *FACEBOOK*, as duas ocorrências apresentam a mesma produção – alternância de mãos nos movimentos do sinal.

No quinto exemplo, a informante Ana Regina produz o empréstimo "Língua de Sinais Internacional" no contexto de língua e no contexto de fala. No primeiro contexto, o empréstimo recebe influência na movimentação e na configuração de mão, em decorrência do sinal VISUAL da Libras – próximo sinal do discurso. No segundo contexto, o movimento do sinal produzido é orientado de cima para baixo, permanecendo com a mesma configuração de mão do início ao fim. Caso semelhante ocorre em língua portuguesa escrita, em que, por muitas vezes, tomam-se por empréstimo siglas de outras línguas que são incorporadas ao seu sistema, sobretudo nas áreas de ciência (ASL, DGS, BSL) e tecnologia (HD, CD, DVD). Esses exemplos são meramente ilustrativos, uma vez que este tipo de empréstimo não é objeto de investigação nesta tese.

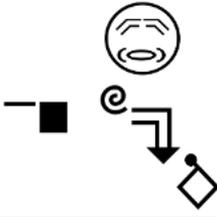
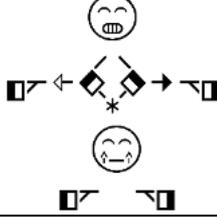
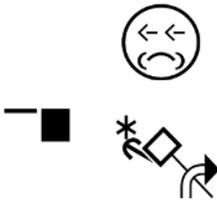
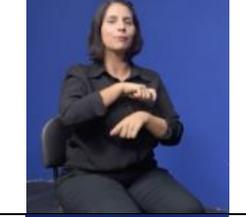
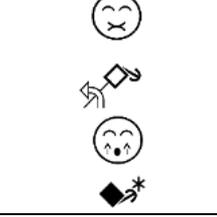
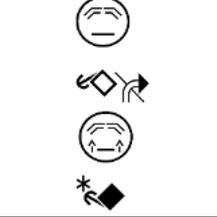
O último exemplo traz o empréstimo *VISUAL VERNACULAR* com variação da extensão do dedo polegar na produção.

b) Topônimo

A subcategoria topônimo engloba os empréstimos de sinais que designam lugar ou região geográfica específicos, e no caso os sinais para os países também podem, às vezes, representar a língua (idioma). Vale ressaltar que, mesmo tendo correspondentes na Libras, os topônimos de países apareceram em sete ocorrências:

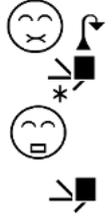
Quadro 65 – Empréstimos por topônimo

(continua)

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
 CHINA			Adoção da língua: Chinesa SL / JSL Tradução: “eu chamei todos e os coloquei à minha frente no semicírculo. Os surdos iam apontando e dizendo: ah, conheço esse é a Inglaterra, esse abaixo é Espanha, o seguinte é o China-Japão . E todos rimos.”
 JAPÃO			Adoção da língua: LSE Tradução: “eu chamei todos e os coloquei à minha frente no semicírculo. Os surdos iam apontando e dizendo: ah, conheço esse é a Inglaterra, esse abaixo é Espanha , o seguinte é o Japão-China. E todos rimos.”
 ESPANHA			Adoção da língua: LSE Tradução: “daquilo que você carrega da língua. Ser bilíngue não significa só saber duas línguas, o português e a Libras, ou, o inglês e o espanhol . Não, não é isso.”
 ESPANHA			Adoção da língua: LSE Tradução: “mudamos para a Espanha porque lá tinha escola para surdos, essa orientação eu recebi na Argentina”.
 ESPANHA			

Quadro 65 – Empréstimos por topônimo

(conclusão)

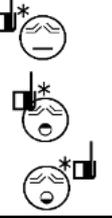
Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
 PORTUGAL			Adoção da língua: LGP Tradução: “nesse período eu já tinha aprendido outras línguas de sinais, como por exemplo a LSF. Até hoje, tenho dificuldades com a língua de sinais de Portugal, a LGP”.
 PARIS			Adoção da língua: IntSL Tradução: “O Prof. Rocha (sinal pessoal) queria me levar para essa experiência em Paris na França para conhecermos a educação de crianças surdas lá. Eu aceitei de imediato”.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A reprodução dos empréstimos de topônimos não apresentou variação divergente das pesquisadas nas fontes.

No Quadro 66, encontramos um equívoco prático do uso de empréstimo. A informante Giselle usa o sinal de Madrid (empréstimo da língua de sinais espanhola – LSE) para referir-se à cidade de Milão na Itália. Esse tipo de equívoco já foi mapeado em Machado (2016) e classificado como um tipo de xenismo:

Quadro 66 – Sinal equivocado – Madrid x Milão

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
 MADRID			Adoção da língua: LSE (equívoco) Tradução: "imagina, hoje em dia um novo congresso de Milão", proibindo a língua de sinais e obrigando a realização, imagina?".
 MILÃO			Adoção da língua: LIS Tradução: “a imposição da oralização, como ocorreu no passado, o histórico congresso de milão, que impôs a oralização durante 100 anos. Se continuássemos com isso, não teríamos tantos surdos mestres e doutores”.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dessa forma, esta pesquisa considera esse fato como um empréstimo equivocado: esse tipo se assemelha ao *deceptive cognates* (CARVALHO, 2009), porém não é um equívoco semântico, mas sim uma falha no empréstimo do sinal. Inicialmente, pode ser considerado como um empréstimo xenismo, mas após a disseminação do sinal se percebe o erro. Conforme Machado (2016, p. 93):

O sinal da cidade espanhola de 'MADRID', oriundo da Língua de Sinais Espanhola (LSE) foi usado para significar o sinal da cidade italiana de 'MILÃO', em detrimento ao sinal da cidade que é oriundo da Língua de Sinais Italiana (LIS). Esse empréstimo equivocado não foi utilizado apenas pelo sinalizante das videoaulas, mas também por outros apresentadores dos DVDs. Por isso, é importante entender e perceber que há riscos de entendimentos equivocados na disseminação dos sinais.

4.1.3.3 Variação regional

Nessa subcategoria, os empréstimos identificados como regionais apresentam variações na forma e estrutura dos sinais. Selecionei sete ocorrências de empréstimos endógenos da Libras, mas sem identificação da região do país, visto que, atualmente, em decorrência da velocidade de trocas de sinais na comunidade surda, é difícil determinar a origem/localidade geradora da variante do sinal.

É importante destacar que o ambiente educacional é sempre propulsor de novos itens lexicais para a Libras. Com o advento dos cursos de Letras-Libras no Brasil, uma série de sinais, a partir do contato de alunos com o material e com os professores da UFSC, surge em diversos estados do país, uma gama de sinais que passam a circular de forma mais sistemática no ambiente acadêmico e a influenciar a variedade usada nos demais estados. Isso não implica dizer que não há variação na Libras; como qualquer língua em uso, a Libras varia e muda. São exemplos os mostrados por Faria-Nascimento (2009) para os termos DISCIPLINA, DIDÁTICA e DINÂMICA, cuja inserção na variedade de Brasília parece ter-se dado pelo contato dos surdos com os usuários do Rio Grande do Sul, na década de 1990. Fato similar é mostrado por Machado (2016) para os termos ALUNO, FELIZ e DISCIPLINA usados em Fortaleza, que parecem ter sido substituídos pelos sinais oriundos dos materiais da UFSC, caracterizando empréstimo regional.

Dito isso, os exemplares são:

Quadro 67 – Empréstimos por regional – "disciplina"

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
			Adoção da língua: variação Tradução: “havia muitas dificuldades e falta de comunicação. Eu só copiava os conteúdos de todas as disciplinas ”.
			Adoção da língua: variação Tradução: “na educação bilíngue, parece que o papel do professor, em várias disciplinas , é o de olhar, é a troca de experiências.
			Adoção da língua: variação Tradução: “[...] foi aí que eu percebi uma proposta específica para surdos. Imagina, não é um recorte do mundo surdo à disciplina de pedagogia, ao direito, à medicina [...]”.

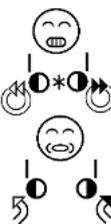
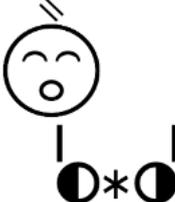
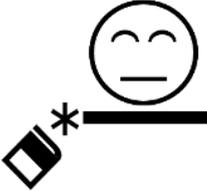
Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 67, vê-se o sinal de DISCIPLINA em três variações. A primeira informante produz o sinal em “esteira”, com movimentação do sinal da direita para a esquerda enquanto realiza toques entre as mãos. De diferente modo, o segundo informante produziu o sinal também com vários toques, porém em um único ponto de articulação no espaço neutro. A terceira informante apresenta uma variante com um único toque entre as mãos. Nos três casos, a mão não dominante encontra-se relaxada, configurada em “garra”.

No Quadro 68, observa-se a produção dos sinais DIDÁTICA, ALUNO e ATIVIDADE com poucas variações. Nos dois primeiros exemplos o sinal “didática” é realizado da mesma maneira (com dois movimentos no espaço neutro), sendo o segundo produzido com mais rapidez e com menos espaços entre os toques de mãos.

O sinal de ALUNO é articulado com a mão em configuração de mão em 'A' com dois toques no antebraço; já o sinal de ATIVIDADE, também realizado rapidamente, tem articulação mais curta, sendo realizado quase que totalmente em paralelo à palma da mão não dominante, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 68 – Empréstimos por regional – "didática", "aluno" e "atividade"

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Adoção da língua Tradução em português
			Adoção da língua: variação regional Tradução: "Minha formação em Letras-Libras foi completada pela minha formação em Pedagogia. O conhecimento que absorvi no Letras-Libras é somado às práticas pedagógicas, às estratégias didáticas , às atividades artísticas fortemente".
			Adoção da língua: variação regional Tradução: "preparar uma metodologia e didática com contação de histórias [...]".
			Adoção da língua: variação regional Tradução: "os alunos surdos do INES viram um loiro de olho azul, logo, chamaram de alemão".
			Adoção da língua: variação regional Tradução: "Minha formação em Letras-Libras foi completada pela minha formação em Pedagogia. O conhecimento que absorvi no Letras-Libras é somado às práticas pedagógicas, às estratégias didáticas, às atividades artísticas fortemente".

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diversos empréstimos presentes no Quadro 68 têm origem em diferentes regiões do país, por vezes coadunando várias delas, fato que dificulta a identificação exata do sinal e suas variantes.

4.1.4 Empréstimos na modalidade linguística por gestos culturais

Para a análise empreendida aqui, será tomada como base a proposta de Kendon (2005), para quem os gestos culturais podem ser categorizados nos seguintes termos: gestos dêiticos (apontamento), gestos referenciais (icônicos) e gestos emblemas (amplamente convencionalizados). Para o autor, esses gestos coocorrem à fala.

Nos dados desta tese, percebi que os gestos comuns à cultura ouvinte passam por processo de lexicalização ou já foram lexicalizados. A identificação da lexicalização ou não só é possível pelo seu uso repetitivo dentro da comunidade surda.

A Tabela 5 revela que a produção de gestualidade em processo da unidade lexical obteve um percentual de 1,13% do total de sinalização dos 12 surdos para um *corpus* com 324 sinais⁴¹, sendo 28.642 sinais produzidos.

Tabela 5 – Influência da modalidade de gestos culturais

INFORMANTE	UF	TEMPO	QUANTIDADE DE ITENS LEXICAIS	GESTOS	%
1. Ana Regina	RJ	0:42	3.747	48	1,28%
2. André Reichert	SC	0:34	2.545	18	0,71%
3. Antônio Campos	MG	0:12	842	11	1,31%
4. Flaviane Reis	MG	0:37	2.843	43	1,51%
5. Giselle Carvalho	PA	0:26	1.429	5	0,35%
6. Jackson Vale	AM	0:27	2.661	39	1,47%
7. Marianne Stumpf	SC	0:34	3.852	49	1,27%
8. Messias Costa	DF	0:29	2.481	30	1,21%
9. Priscilla Leonor	BA	0:18	1.213	10	0,82%
10. Rimar Segala	SP	0:19	1.656	21	1,27%
11. Simone Patrícia	RN	0:23	1.961	25	1,27%
12. Thiago Albuquerque	PE	0:36	3.412	25	0,73%
TOTAL	10	5:41	28.642	324*	1,13%

Fonte: Elaborada pelo autor.

No *corpus* desta tese, identificamos 19 frases com gestos característicos de empréstimos culturais em três categorias. Nas próximas subseções, procurarei explicá-los como identifiquei no *corpus* nas três categorias expostas por Kendon (2005).

Quadro 69 – Classificação de empréstimos por modalidade de gestos culturais

Classificação da Modalidade	Categoria
Gestos Culturais	1. Gestos Dêiticos
	2. Emblemas
	3. Gestos Referenciais

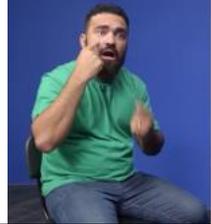
Fonte: Elaborado pelo autor.

⁴¹ Foram selecionados apenas sinais que não contam de index IX.

4.1.4.1 Gestos dêiticos

Gestos localizados no *corpus* por participantes sinalizantes da Libras identificam a influência de gestos culturais compartilhados entre duas comunidades (ouvinte e surda), quando em contato.

Quadro 70 – Empréstimo por gesto dêitico

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
			"Pessoas ouvintes me admiravam por eu saber bem, ser esperto, percebo (vejo) tudo bem, cabeça boa... perguntei por que e eles me responderam que achavam que sou normal e inteligente, não tem problema".

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 70, o participante Jackson utiliza um gesto muito comum de apontamento, dito como sinal dêitico provindo de um gesto. A questão sobre o sinal dêitico é identificar até que ponto se trata realmente de um empréstimo ou de uma característica da Libras, como os sinais de apontação, como NARIZ, BOCA, entre outros. Outro aspecto relevante é saber se se trata de um sinal dêitico ou se tem origem dêitica e lexicalizou-se em sinal. Por isso, não foi tão fácil catalogar e determinar se esses sinais equivalem a empréstimos (ou não).

A informação sintática é capaz de facilitar a verificação e confirmação se se trata de um empréstimo de gesto dêitico ou não, conforme sugeriu Segala (2021). No entanto, complemento que a apontação faz parte de uma língua sinalizada, razão por que se faz necessário esclarecer sobre seu papel funcional e gramatical.

4.1.4.2 Emblemas

Conforme Segala (2021), emblemas são gestos usados de forma consciente e de caráter convencional. O Quadro 71, a seguir, revela como eles ocorreram no *corpus*.

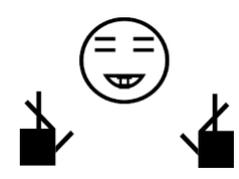
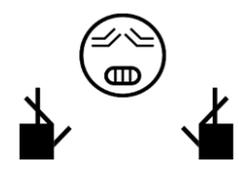
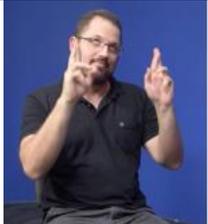
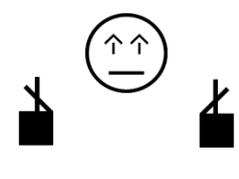
Quadro 71 – Empréstimos por emblemas – "não adianta"

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
			"Visual é mais fácil comunicação, não adianta conversa/interação com língua oral como obstrução comunicação, pois deve comunicar a visual com a língua de sinais entre interlocutores para se adquirir bem".
			"Mais forte até hoje com esse decreto que é reconhecido importante mais valor, antes de legislação não adianta nem reconhecimento de nada, mas a partir dessa lei que começou valorizar que percebi mais justo do que antes (sem legislação)".

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 71, acima, temos um exemplo de um gesto convencionalizado na cultura ouvinte e aceito pela cultura surda. A mão batendo no queixo em movimentos repetitivos é um típico exemplo de um gesto que pode indicar "não vale nada", "não adianta", "não estou nem aí!?". Esse mesmo gesto foi utilizado pelo participante Antônio como "não adianta!".

Quadro 72 – Empréstimos por emblemas – "torcer"

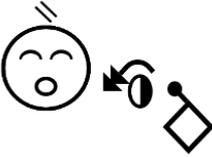
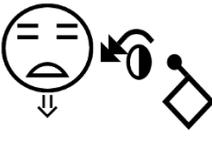
Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
			"Ah, quero sim no futuro, vou ver a ocorrência (processo) em frente, torço!"
			"Eu estava tentando, a mãe torcesse e me incentivou para eu ficasse aqui e não precisava ir à Universidade de Gallaudet".
			"Tomara, se Deus quiser".

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Quadro 72 mostra um outro exemplo de influência do gesto cultural, em forma de dedos cruzados na sinalização dos três participantes, Antônio, Thiago e Marianne. Os três usaram o sinal "torcer" para expressar um sentimento por algo que esperam com muita expectativa e esperança, mesmo havendo um sinal usual também, que seria ESPERAR-FUTURO. Percebe-se que o gesto de "torcer" tem se intensificado no uso pela comunidade surda, o que nos aponta um processo de lexicalização.

O Quadro 73 também apresenta uma manifestação de um gesto cultural – "louco". Os participantes utilizam o mesmo sinal convencionado pelos brasileiros ouvintes. O "louco" é um sinal que já foi lexicalizado na Libras. Seu uso já se estendeu a muitos usuários surdos. No entanto, esse gesto é um típico exemplo de um sinal que possivelmente foi influenciado pela cultura ouvinte.

Quadro 73 – Empréstimos por emblemas – "louco"

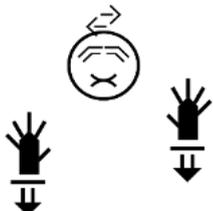
Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
			"Maioria de ouvintes me julgou/acusou com o rótulo de surdo-mudo, surdo-louco, surdo-doente, etc, [...]".
			"Em processo, eu estava sinalizando com apontação naturalmente com a língua de sinais que é melhor manifestação e valorização da sua língua, mas outros surdos recusaram usar a língua de sinais pois acham que eu sou louco para usar essa língua de sinais. Eu fiquei com a auto-estima bem com a língua de sinais e continuo até hoje".
			"Na casa, mãe era louca e doente mesmo, nossa, aff, deixa pra lá e eu achei que não tem problema, então, quando ela fez que? Escreveu e nomeou todos objetos com papéis para colar inteira tudo, por exemplo 'cozinha', 'mesa', 'copo', ...".

Fonte: Elaborado pelo autor.

Outro exemplo de emblema é o gesto para "Pode deixar!", "Deixa para lá!", "Deixa!", com as mãos espalmadas em movimento brusco para baixo. Os participantes usaram esse gesto para afirmarem que não estão se importando –

“Deixa para lá!”, “Não me incomoda”. O significado da sentença pode mudar um pouco de acordo com a intenção comunicativa, mas todos demonstram uma despreocupação com algo ou alguma coisa. Veja os exemplos no quadro 74, a seguir.

Quadro 74 – Empréstimos por emblemas – "deixar para lá"

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
			"Sinto-me bem, antes eu tinha vergonha mas eu não me importo, eu respeito a minha língua".
			"Minhas interações são em língua de sinais. Eu me sinto bem. Eu não tenho insegurança... Por exemplo: aulas, bate-papo.."
			"Pensava todos ouvintes e sou o único surdo para estudar, não me incomoda nada, eu continuava a seguir normal pois não penso nesse assunto".

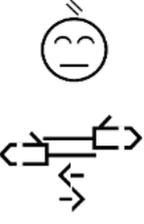
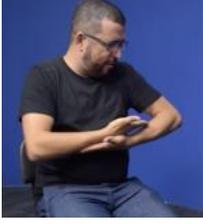
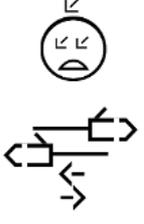
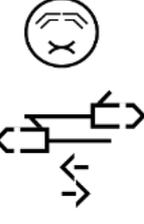
Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre os gestos icônicos, Segala (2021, p. 44) explica que “são gestos que representam e ilustram objetos físicos”.

4.1.4.3 Gestos referenciais

As línguas de sinais possuem sinais com características mais ou menos icônicas, numa perspectiva de gradiente mesmo, por isso, em certos contextos, é difícil identificar se realmente é um empréstimo advindo de alguma modalidade específica ou se foi convencionalizado pela comunidade surda. No Quadro 75, a seguir, os participantes fazem o sinal "bebê", como um sinal de característica icônica. Chamo atenção, aqui, que o sinal em Libras é socialmente compartilhado independentemente da condição auditiva de quem o usa.

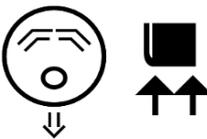
Quadro 75 – Empréstimos por gestos referenciais

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
			"As crianças precisam de um modelo linguístico para de fato adquirirem a língua de sinais, principalmente ainda bebês."
			"Em imaginação que eu devia ser desde bebê cedo para usar a língua de sinais que eu podia crescer bem para poder me tornar melhor conhecimento".
			"... me chamou para trabalhar na escola para surdos, SUVAG, já faz durante mais 18 anos nesta escola para eu ensinar desde bebê até adolescente".
			"...Minha mãe decidiu me levar para São Paulo quando eu tinha 6 meses de idade bebê, XXX, era 6 meses mesmo".

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 76, a seguir, localizei dois exemplos em que há sinais na Libras para os dois conceitos: "gritar" e "porto". No entanto, no momento do uso natural, os dois participantes usaram gestos culturais icônicos.

Quadro 76 – Empréstimos por gestos de "gritar", "porto" e "falar"

Vídeo - QR	Imagem identificada	Escrita de sinal	Tradução em português
			"... me defende/protege!" Quando eles (ouvintes) me provocam, por exemplo. Antigamente, eu usava o aparelho auditivo e eles me testavam com um 'grito' atrás de mim, riam e zombavam de mim. Eu imediatamente brigava com eles".
			"Meu pai não sabia língua de sinais, só usava gestos, como: PAI, CASA, FRETE, PORTO. Foram esses sinais-gestos que eu me comunicava".
			"Abria a seleção para doutorado, logo eu me empolgava e me interessava. Mas precisa fazer inscrição. Eu logo preenchia a inscrição e mandava".

Fonte: Elaborado pelo autor.

No primeiro exemplo do Quadro 76, Flaviane usa um gesto de GRITAR substituindo o sinal GRITAR em Libras, provando a influência dos gestos culturais em línguas em contato.

No segundo exemplo, o informante Jackson usa um gesto proveniente de uso de sinais caseiros – "porto" para se referir a PORTO (lugar onde navios atracam). Embora o sinal usado por ele seja restrito ao grupo familiar em que ele está inserido, já que é um sinal caseiro, nada impediria de esse item lexical pudesse integrar o léxico da Libras, uma vez que obedece aos princípios fonotáticos da língua. Isso mostra que a gestualidade recorrente nos chamados gestos culturais tanto pode ser resgatada por influência de línguas em contato como por influência de parentes ou pequenas comunidades em contato.

Por fim, o terceiro exemplo do Quadro 76 mostra a participante Ana Regina apontando com o indicador para a boca com um gesto expressando FALAR. Embora haja um sinal na Libras para FALAR, no contexto comunicativo natural, o gesto cultural prevaleceu, indicando a ação de FALAR.

Categorizar os gestos culturais é muito complexo, haja vista eles serem multifacetados. Assim, delimitá-los pela forma como eles aparecem no contexto

natural de uma conversa em Libras continua sendo uma tarefa difícil. No entanto, chamo a atenção para como esses gestos adentram na comunicação sinalizante de língua de sinais, comportando-se como empréstimos linguísticos que, por sua vez, podem contribuir para um processo de lexicalização.

4.2 Discussão dos resultados

A discussão aqui empreendida tem como base a proposta de Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020), com o objetivo de analisar as características do contato linguístico enquanto fenômeno inerente à linguagem humana. No caso em tela, o contato linguístico por mim analisado é proveniente de diversas modalidades linguísticas e tem como consequência a ampliação de unidades lexicais na Libras.

Ao proceder esta pesquisa, descrevi 164 itens lexicais que, provavelmente, chegaram à Libras por meio de empréstimos de outras línguas (e modalidades) e por meio de gestos culturais. No decorrer da pesquisa, percebi que é possível adotar os itens lexicais em todas as modalidades linguísticas citadas nesta pesquisa para Libras e ainda me deparei com o fato de que há algumas restrições linguísticas sobre o processo de adoção de empréstimos linguísticos para Libras, como se verá adiante.

Quadro 77 – Classificação de processo de empréstimos por modalidade linguística

Classificação da Modalidade	Categoria	Subcategoria
Língua Falada	1. Cópia de articulação-boca de uma sílaba	-----
	2. Cópia de articulação-boca de duas sílabas	
	3. Outros fenômenos linguísticos da língua falada	
Língua Escrita	1. Soletração Pragmática	Completa, omissão e irregular
	2. Soletração Lexicalizada	Número de Letras, Abreviação e Sigla
	3. Inicialização	Uma mão, duas mãos e campo semântico
	4. Calque	-----
	5. Estereotipado	
	6. Cruzado	
	7. Sinais Compostos	
Língua Sinalizada	1. Léxico Comum	-----
	2. Substantivo Próprio	Antropônimo e Topônimo
	3. Regional	-----
Gestos Culturais	1. Gestos Dêiticos	-----
	2. Emblemas	
	3. Gestos Referenciais	

Fonte: Elaboração própria.

Apresento, a seguir, algumas possibilidades identificadas neste *corpus* de Surdos de Referência sobre as restrições linguísticas de cada modalidade em processo de transferência dos itens lexicais para Libras. A apresentação das restrições encontradas em cada modalidade será apresentada nesta ordem: a) modalidade da língua falada; b) modalidade da língua escrita; c) modalidade da língua sinalizada; e d) modalidade de gestos culturais. Além disso, ao final do capítulo, serão postas reflexões acerca da necessidade e importância de se pesquisar sobre empréstimos linguísticos em línguas de sinais, inclusive entre línguas de sinais, o que parece ser algo bastante promissor.

a) Restrições linguísticas da modalidade da língua falada na Libras

Nesta pesquisa sobre a modalidade linguística da língua falada que vem da língua portuguesa, analisei os dados que mostram possível transferência de língua portuguesa para Libras com cópia de até duas sílabas pela articulação-boca. Não foram encontradas nos dados cópias com três sílabas ou mais, o que sugere ser uma restrição desse tipo de empréstimo: para se formar um sinal não manual fez-se uso de até duas sílabas produzidas pela articulação-boca. No geral, os dados mostram que, quando há produções com a articulação-boca formadas por uma sílaba, não é possível repetição. Quando há duas sílabas, alguns sinais não manuais que apresentei na pesquisa mostram que há possibilidade de haver repetição, a exemplo do que ocorre com os sinais não manuais ONDE e COMO, o que não ocorre com esses mesmos termos em língua portuguesa, língua da qual os termos são oriundos. Para efeitos desta pesquisa, não se observou nos dados se há emissão sonora ou algum outro tipo de ruído quando da produção desse tipo de empréstimo linguístico. Quando da transcrição dos dados no *ELAN*, os vídeos foram mutados, no entanto, é possível que por motivos variados (oralização por terapia de voz, resíduo auditivo, uso de aparelhos amplificadores, uso de implantes, perda pós-linguística) alguns surdos produzam sons nessas sílabas. A opção aqui adotada foi a de considerar que normalmente a Libras usa a palavra do português sem emissão sonora quando da sinalização, assim os surdos não copiam o som/voz da língua falada.

b) Restrições linguísticas da modalidade da língua escrita na Libras

Os estudos linguísticos sobre línguas de sinais mostram que o contato da língua portuguesa com a Libras ocasiona diversas possibilidades de empréstimos advindos da escrita. Por se tratar de uma língua oral, obviamente o português não dispõe de soletração manual, uma vez que sua emissão se dá por meio da expressão oral. No entanto, em diversos contextos sociais, principalmente no âmbito acadêmico e escolar, a língua portuguesa se manifesta por meio da escrita, e é daí que os sinalizantes tomam o empréstimo, pela datilologia; algumas dessas produções, por vezes, com o passar do tempo, lexicalizam-se como sinal datilológico. A soletração manual é um atributo próprio das línguas de sinais e

constitui uma modalidade específica em que a bimodalidade se faz presente. A seguir, apresentam-se as sete categorias encontradas na pesquisa.

A primeira categoria, também chamada de *soletração pragmática*, é caracterizada pelo elevado número de soletração, podendo haver ou não apagamento ou omissão de alguma letra, a depender do contexto ou do indivíduo, não havendo estabilidade, mas se a palavra for menor há uma tendência à soletração ser completa. Os dados mostram que não há limites para a soletração de termos da língua portuguesa na modalidade escrita.

A segunda categoria, *soletração lexicalizada*, caracteriza-se pela presença de diversos processos fonológicos cuja finalidade é adaptar o empréstimo ao sistema linguístico da Libras, conforme mostrei na análise dos dados. Pelas análises realizadas, parece haver uma tendência a ocorrer soletração lexicalizada com as palavras de até seis letras. Um aprofundamento em pesquisas com mais dados quantitativos para comprovar ou refutar essa hipótese se faz necessário. Quando a palavra tem entre uma e seis letras, é possível apresentar ou não supressão de letras. Se houver mais de seis letras, é possível abreviação ou inicialização da palavra, como demonstrarei a seguir.

A terceira categoria, *empréstimo por inicialização*, geralmente ocorre, conforme mostram os dados, com palavras acima de seis letras. Nesses casos, o sinalizante usa a letra inicial da palavra para formar o sinal. A inicialização pode se manifestar, embora mais raramente, quando o número de letras da palavra é inferior a seis. Nas análises realizadas, encontrei dados que mostram que só ocorre acima de três letras, não havendo nos dados investigados ocorrência com menos de duas letras.

A quarta categoria, *empréstimo por calque*, funciona como uma tradução literal. O calque é muito comum, por exemplo, em topônimos; essa categoria não apresenta restrições linguísticas quanto aos parâmetros da Libras, pois é uma tradução disfarçada e fica, do ponto de vista de entrada no léxico da Libras, mais no núcleo nativo do léxico da língua, ainda que não traga qualquer aspecto da modalidade escrita, seja integral ou parcial. Trata-se de uma categoria centrada na Libras. Por sua especificidade, esse tipo de empréstimo é uma possível restrição cultural e carece de mais investigações a fim de que se possa entender melhor o seu estatuto.

Para a quinta categoria, *empréstimo estereotipado*, também não identifiquei restrições linguísticas a ela referentes, pois esse tipo considera muito o aspecto visual, como imagens de símbolos matemáticos, sinais de pontuação, recursos que considero icônicos e que a Libras consegue "copiar" sem grandes dificuldades.

Para a sexta categoria, *empréstimo cruzado*, não encontrei dados dessa natureza no *corpus* analisado.

A sétima categoria, *empréstimo por sinais compostos*, comporta-se de forma análoga aos casos de soletração lexicalizada e de inicialização quanto às restrições linguísticas, embora faça uso de duas mãos para adaptar várias formas a fim de se produzir os sinais compostos com duas mãos.

c) Restrições linguísticas da modalidade da língua sinalizada na Libras

Os dados identificados nesta modalidade linguística da língua sinalizada ainda necessitam de mais investigação, principalmente no que se refere a uma metodologia da pesquisa que envolva outras línguas de sinais no mundo, além de *corpus* que se utilize da mesma metodologia de *corpus* usada nesta pesquisa a fim de que se possa ter dados tecnicamente comparáveis. Ademais, ressalta-se a importância de haver registro de escrita de sinais junto aos vídeos para se ter análises mais consistentes, sobretudo no tocante a certos níveis gramaticais, a exemplo do fonético-fonológico. Ao analisar os dados, percebi uma restrição bastante interessante: cópia de articulação-boca de outras línguas orais (e.g. inglês, espanhol, francês etc.). Apresentei nesta tese o caso de ESPANHOL (Cf. Quadro 65, terceiro e quarto exemplos), produzido por duas informantes em que a articulação-boca pronuncia, em língua portuguesa, "espanhol", mas sinalizam Língua de Sinais Espanhola (LSE), ESPANHA. Dessa forma, o sinal ESPANHOL foi realizado fazendo-se uso de duas modalidades linguísticas, quais sejam: falada (português) e sinalizada (LSE), donde se pode concluir que se trata de um empréstimo multimodal, em que modalidades linguísticas diferentes operam ao mesmo tempo. Há a necessidade de mais estudos sobre esses casos, como será mostrado mais adiante, ao término deste capítulo.

d) Restrições linguísticas da modalidade de gestos culturais na Libras

Esta modalidade é desafiadora e carece de mais pesquisas. Como se trata de uma forma de linguagem mais geral, possíveis restrições não ficaram evidentes a partir da análise de dados realizada. Os gestos culturais pouco se utilizam da articulação-boca da língua oral, sendo mais comum gestos-boca, ou seja, a realização de gestos com a boca, mas sem relação alguma com a língua oral, sem a articulação de elementos da língua oral. Considerando que a gestualidade é inerente às línguas de sinais, é possível que gestos culturais possam se lexicalizar, passando a compor o léxico da língua que o recebe. A transferência de gestos culturais para compor o léxico de uma língua sinalizada é tema que requer mais investigações por parte da Linguística, e isso deve ser feito em termos tipológicos e envolvendo pesquisadores surdos, os quais têm vasta percepção sociocultural da língua de sinais de que é usuário.

4.2.1 Reflexão sobre as lacunas da pesquisa sobre os resultados dos dados

Os empréstimos linguísticos são decorrentes do contato entre línguas e entre modalidades de língua. Ao realizar esta pesquisa, minha pretensão foi mostrar a importância desse fenômeno na Libras, o que contribui para a ampliação do léxico da língua. Durante a análise dos dados, pude aprofundar questões teóricas e metodológicas referentes aos aspectos sociolinguísticos inerentes aos empréstimos linguísticos de línguas em contato, especialmente quando se observam esses dados a partir de usos reais da língua, por meio de dados oriundos de *corpus* linguístico. Os achados desta pesquisa não encerram a discussão e as ocorrências sobre os empréstimos em Libras. Pelo contrário, vejo a necessidade de mais estudos e aprofundamentos teórico-metodológicos a fim de que algumas questões em aberto possam ser respondidas. Minha proposta de pesquisa teve como objetivo descrever os sinais que ocorrem em contatos linguísticos como fenômenos de interação entre diversas modalidades. Estudos futuros necessitam voltar os olhos para questões como as apontadas a seguir.

Algumas reflexões se fizeram presentes quando da análise dos dados aqui realizada, mas não compunham os objetivos da tese, tampouco havia tempo hábil para tratar de todas as questões que foram emergindo quando da realização da

pesquisa. Um fato bastante intrigante é saber como os empréstimos linguísticos unimodais acontecem na Libras. Aqui está-se considerando unimodais empréstimos que vêm também de uma língua de sinais. Uma grande dificuldade que os estudos linguísticos sobre línguas sinalizadas apresentam é a falta de dados antigos a fim de que se possam fazer estudos diacrônicos, em que se possa demonstrar, por exemplo, a vinculação histórica sobre as diferentes línguas de sinais. Essa é uma limitação que se impõe aos linguistas das línguas sinalizadas: como era a Libras usada no Brasil há 30 anos? Qual a relação entre a Libras e ASL, LSM e LSF? Tomando-se as bases saussurianas sobre diacronia e sincronia, como lidar com a questão dos empréstimos linguísticos na Libras, sobretudo, levando-se em conta a possível vinculação da Libras com a LSF? Considerando o problema já mencionado acerca da inexistência de dados antigos das línguas de sinais, pela falta de recursos tecnológicos no passado para registrar essas línguas, é sempre problemático e limitante realizar estudos diacrônicos na atualidade. Essa perspectiva será outra dos últimos cinco anos em diante, haja vista a grande quantidade de *corpora* em vídeo que tem surgido em diversos países, dentre os quais destaca-se o Brasil. Os exemplos a seguir nos levam a importante e necessária reflexão sobre o tema. Clique nos *QR code* para verificar os vídeos do Quadro 78.

Quadro 78 – Diacronia e sincronia sobre empréstimos linguísticos

	 <p>1. <u>LSF</u> x <u>Libras</u></p>	 <p>2. <u>LSF</u> x <u>Libras</u></p>
	 <p>3. <u>ASL</u> x <u>Libras</u></p>	 <p>4. <u>ASL</u> x <u>Libras</u></p>

Fonte: Elaborado pelo autor⁴².

⁴² Fonte da LSF: ilustração de SAÚDE no *link*: <https://www.cite-sciences.fr/fr/ma-cite-accessible/sourds-et-malentendants/ressources/signaire-lsf/images/sante> e vídeo de SAÚDE no

Pensar os aspectos diacrônicos e sincrônicos da língua é fundamental para se analisar as línguas. Num estado atual, sincrônico, SAÚDE (*SANTÉ* em francês), em Libras ou em LSF é expresso da mesma forma, mudando apenas a articulação-boca em função do idioma falado em cada país (Brasil e França). Seria o sinal SAÚDE um item tomado por empréstimo da Libras à LSF? É um sinal nativizado? Ou um sinal nativo? A falta de registros históricos dessas línguas se apresenta com lacunas a fim de que respostas mais precisas sejam dadas a essas perguntas. Estudos diacrônicos, etimológicos e em linguística histórica são ainda necessários para as línguas de sinais.

O segundo exemplo, SIM (*OUI* em francês) também apresenta semelhança na forma fonológica entre as duas línguas: LSF e Libras. Encontrei o registro desse sinal no livro do primeiro dicionário da Libras, de Flausino Gama, da *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, em 1875. Esse sinal é nativizado da Libras? Se a resposta for positiva, então não se pode falar em empréstimo. Será que entre a LSF e a Libras ocorre algo semelhante ao que ocorreu entre o português europeu e o português brasileiro? Reconhecidamente o português brasileiro tem sua vinculação histórica com o europeu, mas ganhou, com o passar dos anos, suas próprias nuances gramaticais. Certamente, no que concerne às línguas de sinais, há necessidade de mais investigações sobre isso.

Nos terceiro e quarto exemplos de SIM (*YES* em inglês), percebe-se que há dois sinais diferentes quanto à forma de cada sinal. O primeiro com soletração manual de sua língua de origem, o inglês, para ASL; já o segundo segue o mesmo padrão, tendo a soletração na língua portuguesa para Libras. Merece atenção especial o processo de lexicalização de soletração lexicalizada no quarto exemplo, no Quadro 78, em que o sinal 'S' é formado com última letra de palavra soletrada, Y-E-S, com apenas três letras, do inglês, enquanto em Libras se formou sinal 'S' com a primeira letra de palavra soletrada, S-I-M, também com apenas três letras, em português. Por falta de dados e estudos diacrônicos não se sabe se esse tipo de fenômeno se deu na Libras por empréstimo da ASL ou se foi um caso de sinal nativo da Libras. Com minha intuição de usuário da língua e com base nos estudos por mim realizados, tendo a crer na hipótese de que foi empréstimo da ASL, por isso é

link: <https://dico.elix-lsf.fr/dictionnaire/sant%C3%A9>. O vídeo de SIM no link: <https://dico.elix-lsf.fr/dictionnaire/oui>.

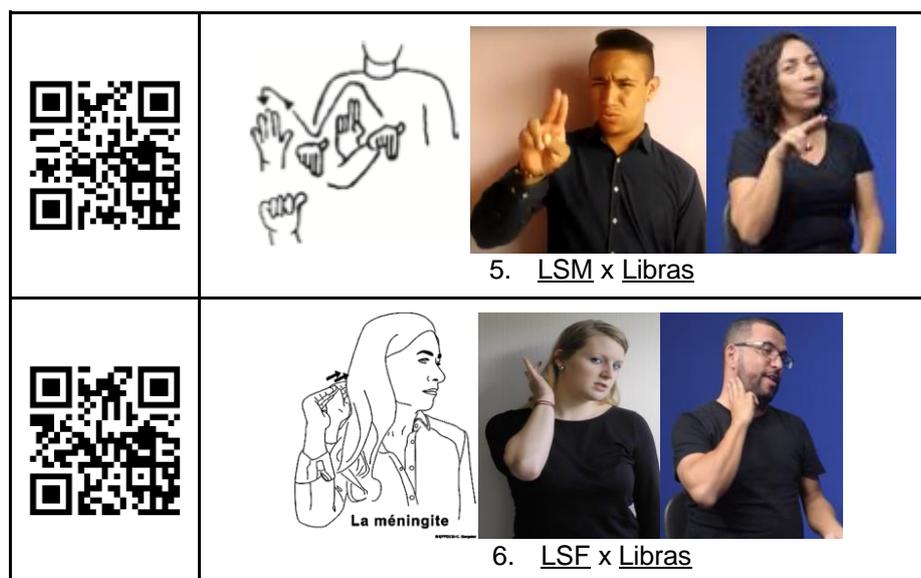
Fonte da ASL: primeiro vídeo de SIM no link: <https://www.signasl.org/sign/yes> e segundo vídeo do SIM: <https://www.handspeak.com/word/index.php?id=2443>. Acesso em: 25 nov. 2022.

importante o investimento em mais pesquisas nessa área a fim de que se possa mitigar certas dúvidas sobre o comportamento do léxico da Libras.

Acrescento a informação de que o sinal de SIM na Libras tem duas variantes (exemplo segundo e quarto do Quadro 78). Percebo, a partir do *corpus* e da minha experiência enquanto usuário da Libras, que a variante de segundo exemplo SIM parece estar caindo em desuso, enquanto a variante do quarto exemplo SIM parece ganhar maior uso na Libras.

Outro ponto que merece discussão: a arbitrariedade e a iconicidade do sinal (item lexical) na ocorrência de empréstimos linguísticos na Libras, o que tem sua importância na relação entre significante e significado (forma e conceito) para entender o motivo no processo de transferência de item lexical para Libras. Seguem exemplos no Quadro 79:

Quadro 79 – Significante e significado sobre empréstimos linguísticos



Fonte: Elaborado pelo autor⁴³.

Outra dicotomia saussuriana aparece aqui como sendo importante para a definição de sinais semelhantes em língua de sinais diferentes. Trata-se dos conceitos de **significante e significado (forma e conceito)**. Para identificar se um dado sinal é originário da própria Libras ou é apenas coincidência de forma, com

⁴³ Fonte da LSM: ilustração do sinal "NUNCA" de Hendriks e Dufoe (2014) e o vídeo de "NUNCA": <https://www.wikisigns.org/es/lsm/nunca>.
Fonte da LSF: ilustração do sinal "MENINGITE" de <https://www.cite-sciences.fr/fr/ma-cite-accessible/sourds-et-malentendants/ressources/signaire-lsf/images/sante> e vídeo da "MENINGITE": <https://dico.elix-lsf.fr/dictionnaire/m%C3%A9ningite>. Acesso em: 25 nov. 2022.

origem isolada, mas com a mesma forma e sentido, faz-se necessário olhar para as línguas na perspectiva histórica. Se se tratar apenas de um caso de arbitrariedade os sinais NUNCA (LSM/Libras) e MENINGITE (LSF/Libras), parece mais robusta a ideia de empréstimo linguístico. Por outro lado, se se tratar de casos de iconicidade, torna-se mais complexa a confirmação do empréstimo.

O exemplo NUNCA – LSM (Língua de Sinais Mexicana) e Libras: duas línguas escritas, com as mesmas palavras em espanhol e em português – "nunca", com a mesma articulação-manual, só com diferença no movimento da LSM, em que a letra 'N' é desenhada no espaço neutro à lateral do sinalizante. Outro exemplo semelhante acontece com o sinal de MENINGITE em LSF e Libras, cujas características formacionais do sinal são bastantes próximas: mesmo ponto de articulação, sendo que cada uma dessas línguas apresenta uma configuração manual específica. Em ambos os casos, NUNCA e MENINGITE, como os sinais se aproximam na forma e no significado, pode o analista inexperiente da língua cair na tentação de afirmar que são empréstimos linguísticos, hipótese que só pode ser corroborada após mais investigações.

Em suma, finalizo esta seção sobre aspectos que ainda carecem de estudos no que se refere aos empréstimos linguísticos envolvendo línguas de modalidades distintas. Acredito que seria importante ter investigação também com outras dicotomias saussurianas, a exemplo de *língua e fala* (sobre variação linguística social ou individual – socioleto e idioleto – e a identificação de qual é a característica de empréstimo), bem como sobre *sintagma e paradigma* (influência dos itens lexicais em contextos morfossintáticos e semânticos diversos). Por isso, é muito importante que haja continuidade das pesquisas sobre os empréstimos linguísticos na Libras.

4.3 Fechamento da análise dos dados

Finalizo este capítulo da análise dos dados com a compreensão de que o fenômeno linguístico com as diversas modalidades de empréstimos linguísticos pode ser utilizado e aplicado para as línguas de sinais, em particular para a Libras. Foi realizada uma parte descritiva dos dados e uma discussão acerca de cada categoria. O trabalho não acaba aqui. É necessária uma discussão aprofundada desses resultados, que levará à exploração e descoberta de novos casos de sinais que possam ser analisados também sob a ótica proposta na pesquisa. A tipologia

proposta não está fechada, pois acredito ser importante ficar aberta para trazer novas possibilidades, que melhor se adéquem à proposta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo organizar e identificar as diversas modalidades linguísticas de empréstimos linguísticos ocorridos entre línguas faladas, línguas escritas, línguas sinalizadas e os gestos culturais a partir da identificação, descrição e análise do *Corpus* em Libras. Essa gama de manifestações da linguagem humana, por meio do contato linguístico, ocasiona, conforme demonstrado nesta pesquisa, diversas estratégias de se utilizar dos empréstimos linguísticos para a implementação do léxico da Libras.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, debruicei-me nos principais teóricos da área, os quais são: Quinto-Pozos e Adam (2015; 2020), Spence-Sutton e Woll (1999), Brentari e Padden (2001), Adam (2012), Carvalho (2009), Faria-Nascimento (2009), Machado (2016), Cordeiro (2019), Segala (2021) e Pêgo (2021). Para entender como essas influências ocorrem, analisei um *corpus* formado por surdos sinalizantes da Libras. O projeto Surdos de Referência é composto por 35 participantes, reconhecidos pela comunidade surda e indicados pela FENEIS para fazerem parte do Projeto. Entre os participantes, eu fui um dos indicados pela FENEIS, mas, por questões éticas, os dados provenientes de minha participação no *Corpus* foram evitados neste estudo. Importante salientar que não analisei dados dos 35 participantes do *Corpus de Surdos de Referência*, tendo sido a análise realizada com 12 informantes, conforme exposto na Metodologia.

No decorrer das análises, localizei 3.141 empréstimos linguísticos no *corpus*, o qual tem duração total de 5h41min. No entanto, não foi meu propósito fazer uma análise quantitativa rigorosa desses dados, mas descrever como ocorrem e de onde vem o processo dos empréstimos linguísticos através das diversas modalidades linguísticas para o léxico da Libras. Dessa forma, este estudo tem um caráter replicável, sendo possível que haja no próprio *Corpus* uma quantidade até maior ou menor desse fenômeno. Ainda sobre os dados gerais do *Corpus*, cabe esclarecer que os participantes selecionados para a composição das análises são oriundos de 10 estados brasileiros e das diversas regiões do país. A análise, portanto, englobou 28.642 itens lexicais, sendo que por modalidade foram identificados: i) língua falada – 51; ii) língua escrita – 2.298; iii) língua sinalizada – 468; iv) gestos culturais – 324. Para estudo e compreensão de cada interferência por modalidade, reduzimos este léxico por seleção, ficando assim: i) modalidade da língua falada – 27 ocorrências;

ii) modalidade da língua escrita – 70; iii) modalidade da língua sinalizada – 48; iv) gestos culturais – 19, formando, assim, 164 sinais analisados detalhadamente nesta tese.

No que concerne à modalidade da **língua falada**, verifiquei que o contato da língua portuguesa com a Libras apresenta importantes interferências na Libras. O processo denominado de articulação-boca divergente apresentou apenas 0,12% de interferência da língua portuguesa, sendo a menor taxa de todas as modalidades linguísticas interferentes. Essa porcentagem é fraca, mas expressivamente muito importante seu estudo para entender como é o processo de contato linguístico com suas modalidades: língua falada e sinalizada. Dessa análise, depreendem-se duas categorias de empréstimos linguísticos da modalidade da língua falada: a) cópia de articulação-boca de única sílaba e b) cópia parcial da articulação-boca de duas sílabas⁴⁴. Este estudo também corrobora os resultados observados por Pêgo (2021), para quem "sem as articulações-boca, o quebra-cabeça linguístico fica incompleto" (PÊGO, 2021, p. 141).

Em relação à modalidade da **língua escrita**, a análise evidenciou um percentual de 8,02% de ocorrências de empréstimos linguísticos oriundos da escrita da língua portuguesa, o que se justifica pelo constante contato linguístico que os surdos têm com essa modalidade (a escrita), sobretudo no contexto escolar, mas não apenas na escola, uma vez que os surdos, no dia a dia, circulam na sociedade, que é grafocêntrica e, portanto, o acesso à escrita se impõe. Um outro fator recente que coloca o surdo em contato diário com a escrita é o advento das redes sociais, que embora, no geral, disponibilizem opções de se interagir por meio de vídeos, a escrita nessas mídias circula de forma bastante significativa. Ainda no tocante à língua escrita, pude observar que há pelo menos sete formas distintas de empréstimos advindos da escrita, a saber: a) soletração pragmática (completa, omissão e irregular); b) soletração lexicalizada (número de letras, abreviação e sigla); c) inicialização (uma mão, duas mãos e campo semântico); d) calque; e) estereotipado; f) cruzado; e g) sinais compostos. Uma hipótese da pesquisa é a de que essas ocorrências são amplamente influenciadas pelo contexto acadêmico em que a escrita é veiculada com bastante frequência e, para além disso, no âmbito

⁴⁴ É possível que outros fenômenos linguísticos estejam presentes nessas relações estabelecidas quando uma língua empresta à outra. Certamente aspectos fonológicos, morfossintáticos e semânticos operam para que isso se realize, o que demanda outras investigações sobre o tema.

científico nem há sinais para muitos dos termos utilizados, o que facilmente leva os usuários da língua a recorrer à datilologia, a qual, conforme atestam algumas pesquisas nacionais e internacionais, é um mecanismo de entrada lexical para as línguas de sinais, como nos mostra o estudo de Cordeiro (2019), para quem os sinais datilológicos são um típico exemplo de produtividade lexical da comunidade surda a partir de empréstimos.

No tocante à modalidade de **língua sinalizada**, observei um percentual de 1,63% do *corpus* analisado entre as línguas sinalizadas. Os empréstimos decorrentes de línguas sinalizadas podem ser subcategorizados em: a) léxico comum; b) substantivo próprio (antropônimos e topônimos); e c) regional. No entanto, essa porcentagem poderá ser alterada se confrontada com outras línguas de sinais que eu ainda desconheço, o que deve ser feito em pesquisas futuras a fim de que se possam fazer generalizações mais consistentes acerca do assunto. O *corpus* analisado só revela a sinalização de surdos que vivem nas cidades mais urbanizadas, mas não deixa de lado possíveis contatos advindos de outras línguas de fronteiras ou línguas emergentes, como Língua de Sinais Venezuelana (LSV), Língua de Sinais Argentina (LSA), Língua de Sinais Uruguaia (LSU), Língua de Sinais Boliviana (LSB), Língua de Sinais Colombiana (LSC) e Língua de Sinais Paraguaia (LSP). Além das línguas de sinais usadas em fronteiras, as línguas de sinais emergentes, a exemplo da Língua de Sinais Cena, Língua de Sinais de Caiçara, entre outras, carecem de estudos para que se observem os possíveis empréstimos delas tomados para a Libras e vice-versa. Assim, acredito ser de grande relevância haver pesquisas futuras levando em consideração o contato entre línguas de fronteira e emergentes. Nesse contexto de empréstimos cuja origem é outra língua de sinais, parece que grande parte dos empréstimos vêm da ASL e da IntSL, por meio de um contexto sociolinguístico muito específico: acadêmico, esportivo, político e cultural. Porém há de se investir mais em pesquisas sobre o caso de empréstimos entre línguas de sinais, pois, segundo Adam (2012, p. 852), ideia com a qual comungamos, "Existem poucos estudos de empréstimo entre duas línguas de sinais" (ADAM, 2012, p. 852, tradução nossa)⁴⁵.

Sobre os **gestos culturais**, enfatizo que essa modalidade é diferente das demais, pois é de origem da linguagem humana. A gestualidade é inerente à

⁴⁵ *A few studies of borrowing between two sign languages exist* (ADAM, 2012, p. 852).

linguagem humana e definir o que é da ordem da língua (léxico/gramática) e o que é da ordem da gestualidade nem sempre é tarefa fácil, principalmente quando se trata de uma língua de sinais. Nesse sentido, este estudo, no que tange aos gestos culturais, encontra-se no tênue espaço entre expressões de linguagem e expressão linguística. No *corpus* analisado, encontramos 1,13% de sinais produzidos pelos 12 informantes analisados caracterizados como empréstimos do tipo gestos culturais. Ressalte-se que para os fins de análise desta tese não foram considerados gestos com index IX (dêiticos), pois esses casos são bastante flexíveis e o movimento sem afixo lexical (preso), além de essas formas gestuais estarem em processo de gramaticalização/lexicalização na língua. Os sinais por gestos culturais foram classificados em três tipos: a) gestos dêiticos (apontamento); b) gestos emblemas (gestos convencionalizados); e c) gestos referenciais (gestos icônicos). Esses gestos culturais são muito complexos, por serem multifacetados, assim, delimitá-los pela forma como eles aparecem no contexto natural de uma conversa em Libras continua sendo uma tarefa desafiadora, contudo, não se pode ignorá-los, uma vez que constituem importante recurso no processo de lexicalização para ingresso de sinais por empréstimos na Libras. A clareza sobre a origem dos itens lexicais na área de línguas de sinais é ainda tema que necessita de mais investigações, dado que o complexo processo que vai do pré-lexical para o lexical, dos gestos aos sinais numa língua ainda é um desafio para os linguistas das línguas sinalizadas. Às vezes, o gesto e o sinal juntos são bem comuns no contexto de produção de língua de sinais e por isso é complicado identificar ou separá-los, visto que há influência de aspectos culturais importantes nesse processo. Segala (2021, p. 162) aponta que "isso serve como um grande fator para reforçamos a afirmação de que a Libras, e as demais línguas de sinais, são línguas naturais, que sofrem influências culturais, sociais, políticas e históricas", razão por que resgatei essa modalidade de gestos para ter evidências, pelo *corpus*, do processo de lexicalização de unidades gestuais culturais para os empréstimos na Libras na formação de uma nova unidade lexical.

Por fim, acredito que este trabalho vem se somar a outros pesquisadores surdos que também se interessaram em investigar a influência de línguas em contato. Vejo que o estudo sobre cada modalidade linguística tem um pesquisador surdo, como: na modalidade falada com a autora surda Pêgo (2021); na modalidade escrita com o autor surdo Cordeiro (2019); na modalidade sinalizada com o estudo que desenvolvi durante o mestrado (MACHADO, 2016); e na modalidade de gestos

com o autor surdo Segala (2021). Em geral, os contatos linguísticos sobre línguas de sinais com o autor surdo australiano Adam (2012); sobre o vocabulário não nativo de ASL, com a autora surda americana Padden (1998). Acredito que é importante trazer os pesquisadores surdos com suas óticas nativas de suas línguas históricas e experiências nativas para compreensão e suas perspectivas e observações sobre as próprias línguas. Todos esses estudos trouxeram uma grande contribuição para mudança e evolução do próprio conceito do que é língua no sentido geral, para entender melhor como as modalidades interferem na formação lexical de uso.

Este estudo teve como propósito, além de evidenciar o fenômeno do empréstimo linguístico a partir do contato entre línguas e gestos, também contribuir com uma metodologia de análise linguística a partir de um *corpus* em vídeo da Libras, além de todo o desenvolvimento de criação do *corpus*. Uma tese tem um tempo limitado, portanto, nem tudo o que se quer fazer é possível no tempo da tese, sobretudo quando o tempo da tese é atravessado por uma pandemia, no caso a da covid-19, que teve severo impacto, academicamente, do ponto de vista de saúde física e emocional.

Algumas limitações do estudo dos empréstimos linguísticos serão descritas a seguir. Minha primeira dificuldade foi selecionar bases teóricas sobre a influência da modalidade sinalizada e de gestos culturais. A maioria dos artigos publicados sobre esse assunto não apresentam exemplos visuais que pudessem me fazer compreender os processos identificados pelos teóricos e ainda compará-los com o meu estudo. Em segundo lugar, outra dificuldade que encontrei foi validar os sinais localizados, uma vez que ainda não temos uma forma de validação realizada por uma equipe acadêmica com surdos integrantes para o desenvolvimento desta atividade. Também não consegui a consultoria de surdos para avaliar a identificação dos empréstimos entre línguas de sinais. A terceira dificuldade foi a de encontrar teóricos que apresentassem uma análise partindo de um *corpus* com extensão significativa. Além do quê, não encontrei um modelo da metodologia específica para estudo do processo de empréstimos linguísticos para Libras, o que tornou maior o desafio para este estudo, algo similar ao que já tinha relatado Machado (2016) no caso da modalidade de contato unimodal entre línguas sinalizadas. A quarta dificuldade encontrada foi sobre a glosagem, pois a maioria dos autores nacionais e internacionais da área de Línguas de Sinais registra os exemplos dos sinais apenas em glosa, sem mostrar uma imagem (foto, vídeo, outro tipo) ou escrita de sinais, o

que limita e prejudica as descrições dos empréstimos, principalmente aqueles de língua sinalizada e os de gestos culturais, além de limitar ou impossibilitar estudos tipológicos entre línguas de sinais. Em Leite *et al.* (2022), os autores já apontam as dificuldades da dependência das glosas para estudos descritivos das línguas de sinais. Uma pesquisa sobre língua de sinais requer os exemplos visíveis nessas línguas, com todas as nuances que são a elas e à gestualidade inerentes, o que é possível em estudos a partir de *corpora*⁴⁶, por meio da língua viva, em movimento, o que é viável na atualidade em função dos avanços tecnológicos. Por isso, há de se pensar em novas tecnologias para melhorar a busca por sinais com ajuda direta de sinais, sem a dependência das glosas.

Durante o estudo, percebi a importância da escrita de sinais para trabalhar aspectos fonéticos e fonológicos, o que favorece a visualização de traços próprios da fonotática dessas línguas, o que não é possível com uso das glosas. Sendo assim, parece razoável assumir que a escrita de sinais é um elemento importante, embora secundário, porque o principal é a língua em si, a análise linguística, especialmente quando o foco é a fonética e a fonologia. Por exemplo, o estudo da Libras em contraste com outras línguas sinalizadas, tendo como referência a escrita, facilitaria a percepção de contrastes fonológicos ou não e a identificação para o estudo de empréstimos linguísticos (tipo de adaptação ou incorporação). Sem escrita, é bem difícil o trabalho de modalidade linguística entre línguas sinalizadas. A escrita de sinais já tem possibilidade e adaptabilidade de transformar o sistema escrito para estudar traços fonético-fonológicos sobre as línguas sinalizadas no mundo. Infelizmente, no âmbito internacional, não há um padrão para pesquisar, por isso eu tenho dificuldade para entender como se dão as questões fonético-fonológicas de outras línguas sinalizadas na Libras.

Acredito que essas dificuldades apenas fomentam a possibilidade de mais estudos e possíveis desdobramentos desta tese. Uma das possibilidades de continuidade desta pesquisa seria investigar os processos de nativização, que se enquadram entre distanciamento e aproximação do núcleo do léxico nativo proposto pelas autoras Brentari e Padden (2001), pois, a partir dessa verificação, pode-se refletir sobre a consideração dos empréstimos linguísticos de diversas modalidades linguísticas: línguas faladas, línguas escritas, línguas sinalizadas e os gestos

⁴⁶ Um lado positivo da glosagem é a facilidade em buscar os sinais após transcritos nos bancos de dados ou em programas como o *ELAN*. A glosagem facilita sobremaneira a busca.

culturais na evolução da Libras, desenvolvendo um entrosamento mais amplo sobre a inserção de brasileiros em contextos internacionais e o papel da academia no desenvolvimento da cultura surda.

O término de uma tese não significa seu fim; em outras palavras, as categorias e classificações aqui descritas/propostas não se encerram com esta tese, pelo contrário: a temática é ampla, carece de mais estudos, de mais análises, confrontando outras línguas de sinais, quer de países, de fronteiras ou emergentes, a fim de que se possa ampliar as discussões e mesmo encontrar outras categorias. Assim, o meu trabalho não é fechado em categorias e classificações de diversas modalidades, por isso, fica aberto para alterar/acrescentar/tirar/atualizar por outros pesquisadores sobre empréstimos linguísticos. Os resultados aqui encontrados apontam para uma realidade que está circunscrita aos dados analisados, o que não significa que o desenvolvimento de outras pesquisas na área, com ampliação do número de dados e até mesmo com uso de outras metodologias diferentes das que foram usadas nesta tese, possibilitará generalizações mais adequadas para a compreensão dos processos de contato e empréstimos linguísticos envolvendo modalidades diversas. As línguas são vivas, dinâmicas, emergentes e, por assim serem, necessário se faz descrever os fenômenos e registrá-los, tornando-os, no caso das línguas de sinais, visíveis em imagens diretas.

REFERÊNCIAS

ADAM, R. Language contact and borrowing. *In*: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (ed.). **Sign language: an international handbook**. Berlin: De Gruyter Mouton; 2012. p. 841-861.

ADAM, R. E. J. **Unimodal bilingualism in the Deaf community: Language contact between two sign languages in Australia and the United Kingdom**. 2017. Tese (Doutorado) – University College London, Londres, 2017.

ALMEIDA, J. M. P. de. **A transferência linguística e a tradução: barreira à tradução ou eficaz solução comunicativa (?)**. 2001. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade do Porto, Porto, 2001.

ALTENHOFEN, C. V. As línguas de imigração no contato com o português no Brasil. *In*: ENCUESTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS, 3., 2007, Córdoba. **Atas**. Córdoba: Asociación de Universidades Grupo Montevideo; Núcleo Educación para la Integración; Universidad de Córdoba, 2007. p. 73-78.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar; BENTES, Thaisy. Línguas de sinais de fronteiras: o caso da LSV no Brasil. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 26, p. 125-135, 2020.

ARAÚJO-NETO, H. M.; SILVA, J. B da; LEITE, C. T. Processo de nativização do Português na Língua Brasileira de Sinais: escopo datilológico. **Leitura**, Maceió, n. 68, jan./abr. 2021 – ISSN 2317-9945 Estudos linguísticos e literários, 2021. p. 14-28

BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.

BANK, R.; CRASBORN, O. A.; VAN HOUT, R. Variation in mouth actions with manual signs in Sign Language of the Netherlands (NGT). **Sign Language & Linguistics**, v. 14, n. 2, p. 248-270, 2011.

BARRAL RUMJANEK, J. **Admirável mundo novo: a ciência e o surdo**. 2016. Tese (Doutorado em Química Biológica – Educação, Gestão e Difusão em Biociências) – Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BATTISON, R. M. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, 1933.

BRANCHINI, C.; MANTOVAN, L. **A Grammar of Italian Sign Language (LIS)**. Venice, Italy: Ca Foscari, 2020.

BRENTARI, D.; PADDEN, C. Native and foreign vocabulary in American Sign Language: A lexicon with multiple origins. *In*: BRENTARI, D. (ed.). **Foreign**

vocabulary in sign languages: A cross-linguistic investigation of word formation, 2001. p. 87-119.

CAMARA JUNIOR, J. M. **Dicionário de Linguística e gramática:** referente à língua portuguesa. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; ALINE, C. L. M. **Novo Deit-Libras:** Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras). 2009.

CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa.** São Paulo: Cortez, 2009.

CARVALHO, N. Francês e português - raízes comuns e contribuições. **Ciência & Trópico**, Recife, v. 32, n. 2, p. 221-239, 2008.

CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos.** São Paulo: Ática, 1989.

COELHO, I. L.; GÖRSKY, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CORDEIRO, R. A. A. **Sinal datilológico em libras.** 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CORMIER, K.; SCHEMBRI, A. C.; TYRONE, M. E. One hand or two?: Nativisation of fingerspelling in ASL and BANZSL. **Sign Language & Linguistics**, v. 11, n. 1, p. 3-44, 2008.

COVEZZI, M. M. **Empréstimos linguísticos de origem francesa na Língua Brasileira de Sinais:** um olhar bakhtiniano e ecolinguístico. 2019. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2019.

CRUZ, A. P. da. **Contato entre línguas de sinais:** um estudo sociolinguístico sobre o code-switching no contexto fronteiriço Brasil e Venezuela. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

DAMASCENO, L. de S. M. **Surdos Pataxó:** Inventário das Línguas de Sinais em Território Etnoeducacional. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras):** um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. 2010. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

DRUETTA, J. C. La generación X de la comunidad sorda y la lengua de señas argentina. *In:* SIMÓN, Marina; BUSCAGLIA, Virginia; MASSONE, María Ignacia. **Educación de sordos:** ¿educación especial y/o educación? Buenos Aires, Argentina: Universidad de Buenos Aires, Libros En Red, 2000.

DUARTE, A. S. **Ensino de Libras para ouvintes numa abordagem dialógica: contribuições da teoria bakhtiniana para a elaboração de material didático.** 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J.-B.; MEVEL, J.-P. **Dicionário de linguística.** Trad. Frederico Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Cultrix, 2006.

ETHNOLOGUE. Ethnologue: **Languages of the World.** Página inicial. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: Uma Proposta Lexicográfica.** 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FERNANDES, L. A. Empréstimo linguístico na Libras – Lematização de sinais puramente datilológicos no dicionário novo Deit-Libras. **Revista (Entre Parênteses)**, v. 1, n. 8, 2019.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FIGUEIRA, M. P. C.; VAZ, C. P. Surdos na fronteira: identidade e experiência compartilhada. *In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO*, 2017.

GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. *In: FARACO, C. A. (org.). Estrangeirismos: guerra em torno da língua.* São Paulo: Parábola Editora, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

HENDRIKS, B.; DUFOE, S. Non-native or native vocabulary in Mexican Sign Language. **Sign Language & Linguistics**, v. 17, n. 1, p. 20-55, 2014.

HICKEY, R. Language contact: Reconsideration and reassessment. *In: HICKEY, R. The handbook of language contact.* Hoboken: John Wiley and Sons, 2010. v. 1. p. 1-28.

HOYER, K. Albanian Sign Language: Language Contact, International Sign, and Gesture. *In: QUINTO-POZOS, David (org.). Sign Languages in Contact.* Washington D.C.: Gallaudet University Press, 2007.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language (Auslan): An introduction to sign language linguistics.** New York: Cambridge University Press, 2007.

KENDON, A. **Gesture: visible action as utterance.** New York: Cambridge University Press, 2005.

LEITE, T. A.; AMPESSAN, J. P.; BOLSO, J.; LOHN, J. T.; OLIVEIRA, G. S. A. Semântica Lexical na Libras: libertando-se da tirania das glosas. **Revistas da Abralin**, v. 20, n. 2, p. 1-23, 2021.

LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. de. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e importância da documentação. *In*: STUMPF, M.; QUADROS, R. M.; LEITE, T. A. (org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Florianópolis: Insular, 2014. v. II.

LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. S. 10 Pointing Out Differences: ASL Pronouns in Syntactic Theory. **Theoretical issues in sign language research**, v. 1, p. 191, 1990.

MACHADO, Renata N. **A construção de sentidos por Indicadores Não Manuais em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**: um estudo baseado em *frames*. 2020. 81f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MACHADO, Rodrigo N. **Empréstimos linguísticos na Libras**: Primeira turma do curso de Letras Libras da UFSC. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MACHADO, Rodrigo N.; QUADROS, R. M. de. Contato linguístico em Libras: um estudo descritivo da influência de outras línguas de sinais na Libras. **Revista Linguística**, v. 16, n. 3, p. 170-197.

MANUÁRIO ACADÊMICO E ESCOLAR DO INES. **Manuário Acadêmico e Escolar**: Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.manuario.com.br/home.html>. Acesso em: 20 out. 2022.

MATRAS, Y. **Contact, convergence, and typology**. *In*: HICKEY, R. **The handbook of language contact**. Hoboken: John Wiley and Sons, 2010. p. 66-85.

MCCLEARY, L. **Sociolinguística**. Curso de Licenciatura em Letras-Libras Modalidade a Distância. [S.I.]: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Revista de Estudos Linguísticos Veredas**, v. 15, n. 1, p. 289-304, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). *In*: SALLES, H. (Ed.). **Bilinguismo e surdez**: Questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 73-96.

MEIER, R. P. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. *In*: MEIER, R. P.; CORMIER, K.;

QUINTO-POZOS, D. **Modality and structure in signed and spoken languages**. New York: Cambridge University Press, 2004.

MEIER, R. P. **Modality Issues in Signed and Spoken Language**. Amsterdam: Elsevier, 2006.

MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

NASCIMENTO, C. B. do. **Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: Línguas em Contato**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

NASCIMENTO, V.; DAROQUE, S. C. Língua oral-auditiva e língua gesto-visual. *In*: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. dos; MARTINS, V. R. de O. **Libras: aspectos fundamentais**. Curitiba: InterSaber, 2019.

PADDEN, C. The ASL lexicon. **Sign Language and Linguistics**, v. 1, p. 35-53, 1998.

PÊGO, C. F. **Articulação-boca na Libras: um estudo tipológico semântico-funcional**. 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

QUADROS, R. M. de. Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 168-178, 2006.

QUADROS, R. M. de. **Língua de herança: Língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M. de *et al.* **Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

QUER, Josep *et al.* **SignGram Blueprint: A guide to sign language grammar writing**. Berlin: De Gruyter, 2017.

QUINTO-POZOS, D. G. **Contact between Mexican sign language and American sign language in two Texas border areas**. Austin: University of Texas, 2002.

QUINTO-POZOS, D. **Sign Languages in Contact**. Washington: Gallaudet University Press, 2007.

QUINTO-POZOS, D. Sign language contact & interference: ASL & LSM. **Language in Society**, v. 37, n. 2, p. 161-189, 2008.

QUINTO-POZOS, D. Code-switching between sign languages. *In*: BULLOCK, B.; TORIBIO, J. **The Handbook of Code-Switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 221-237.

QUINTO-POZOS, D.; ADAM, R. Sign languages in contact. *In*: SCHEMBRI, A. C.; LUCAS, C. (Ed.). **Sociolinguistics and Deaf Communities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 29-60.

QUINTO-POZOS, D.; ADAM, R. Language Contact Considering Signed Language. *In*: GRANT, A. P. **The Oxford Handbook of Language Contact**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

RATHMANN, C. Unimodal language contact in dyadic conversations. Canal do Ciclo Internellis. **YouTube**, 21 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VdBt0wv1t4U&t=2037s>. Acesso em: 20 out. 2022.

RATHMANN, C.; QUADROS, R. M. International Sign Language: Two Perspectives. **Canal da Abralin**, 20 de novembro de 2021. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/lingua-de-sinais-internacional/>. Acesso em: 20 out. 2022.

RODRIGUES, I. C.; BAALBAKI, A. C. F. Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. **Brasil RBLA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1095-1120, 2014.

SAPIR, E. **Language, An Introduction to the Study of Speech**. New York: Harcourt, Brace, 1921.

SEGALA, R. R. **A emergência de sinais na Libras: a influência dos emblemas**. 2021. 191f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2021.

SILVA, D. S. da. **Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre– CE)**. 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

SILVA, Anderson Almeida da. Uma proposta de categorização das apontações laterais em Libras. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, e465, 2021.

SILVA, A. D. S.; COSTA, E. da S.; BÓZOLI, D. M. F.; GUMIERO, D. G. Os sistemas de escrita de sinais no Brasil. **Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade**, v. 1, p. 1-30, 2008.

SOUSA, A. N.; QUADROS, R. M. de. Uma análise do fenômeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues intermodais (Libras e Português). **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador**. 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. **The linguistics of British Sign Language: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TANG, G.; LAU, P. Coordination and subordination. *In*: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (ed.). **Sign language: an international handbook**. Berlin: De Gruyter Mouton; 2012. p. 841-861.

THOMASON, S. **Contact explanations in linguistics**. *In*: HICKEY, R. **The handbook of language contact**. Hoboken: John Wiley and Sons, 2020. p. 31-49.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1988.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

VALLI, C.; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University, 2000.

VALLI, C.; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language: An introduction**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1992.

VAZ, C. P. **Educação de surdos na fronteira de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)**. 2017. 117f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

WEINREICH, U. **Languages in Contact: findings and problems**. New York, 1953. Reprint, Mouton, The Hague, 1963.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. Com quantas mãos se faz um sinal? Um Estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras). **Todas as Letras**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 111-128, 2013.

ANEXO A – ROTEIRO GUIA DA ENTREVISTA (QUADROS *et al.*, 2008)

1. Qual o seu nome?
2. Qual o seu sinal? Por quê?
3. Qual sua idade?
4. Com qual idade ocorreu a aquisição da Língua Brasileira de Sinais?
5. Por qual motivo você iniciou a aquisição da Libras?
6. Como era/é o uso da Língua Brasileira de Sinais na escola onde você estudou/estuda?
7. Você estudou/estuda em escola bilíngue ou escola inclusiva?
8. Fale um pouco sobre sua trajetória escolar e o papel da Libras durante sua formação.
9. O que você acha que poderia ser feito para promover, fortalecer e preservar a Língua Brasileira de Sinais?
10. Como você se sente usando a Libras?
11. O quanto é importante a Libras para você?
12. Como você se sente usando o Português?
13. O quanto é importante o Português para você?
14. Você se sente bilíngue?
15. Você considera importante ter um inventário da Libras com produções em Libras registradas e documentadas disponíveis publicamente?
16. Conte um pouco sua história de vida.